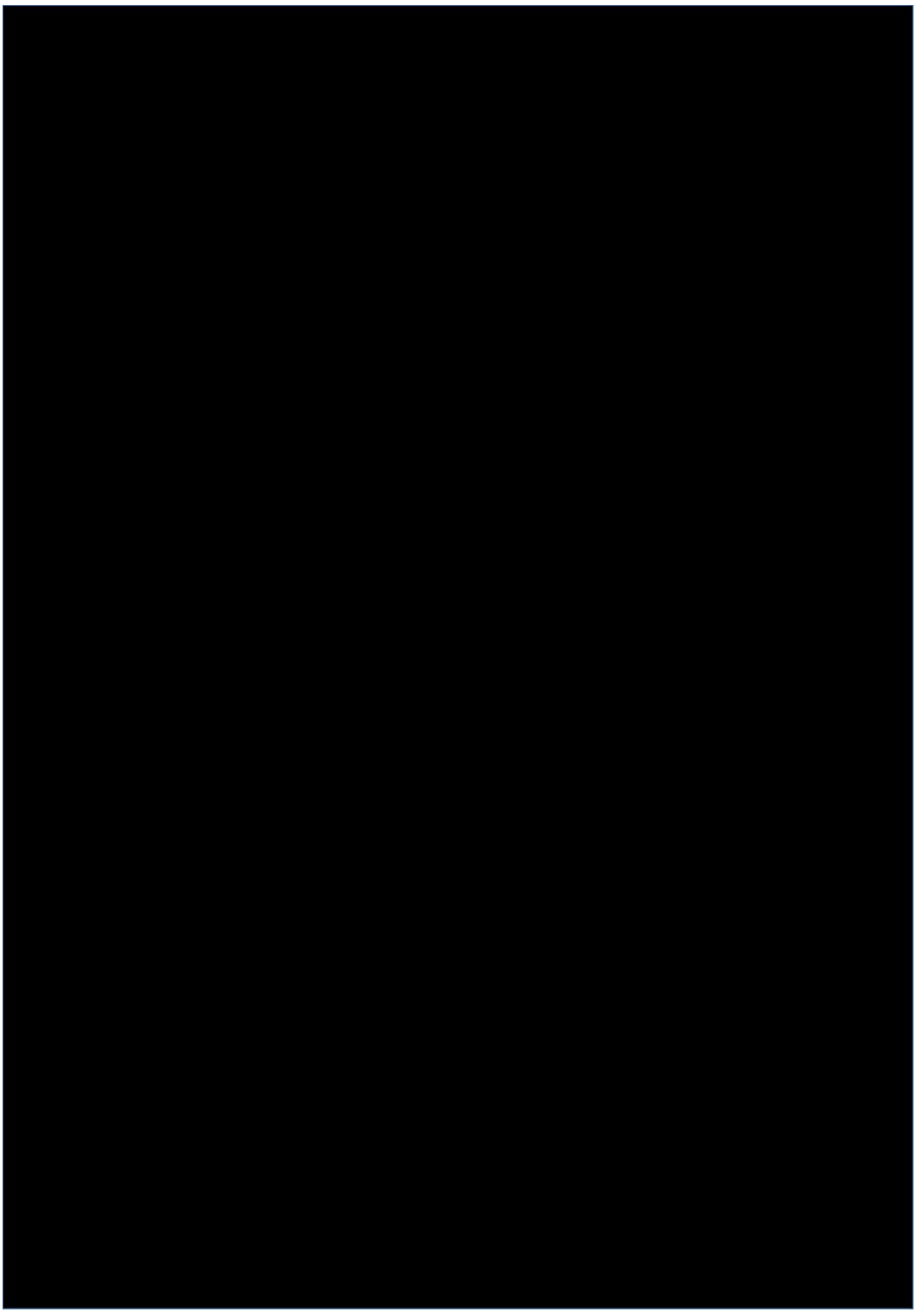
GABRIELA RESENDE

Boa Noite, Querido



Voe



SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

Prólogo

Seis anos atrás

— Eu já venho, meu amor.

Pedro me beijou e saiu. Alguma coisa dentro do meu peito dizia que ele não deveria ir e que eu não deveria deixar, mas não consegui dizer nada. Assenti e aceitei seu beijo de bom grado. Queria tê-lo agarrado e não ter permitido que saísse. Se eu soubesse... Ah, se eu apenas soubesse o que aconteceria...

Seus cabelos loiros refletiam o sol, mas tinham um tom diferente dos meus. Os meus eram quase platinados de tão claros, e os dele eram mais escuros. O rapaz colocou o capacete e passou uma das pernas pela linda Harley Davidson que ele possuía.

Ela era linda mesmo, cromada e com escapamentos enormes. O tanque era vermelho, com o símbolo característico da águia americana, aquela com a cabeça branca. Não podia negar que a motocicleta era bonita, mas ainda a odiava. Tudo nela me irritava, desde o barulho ensurdecedor que fazia até a quantidade absurda de poeira e sujeira que se acumulava nas minhas roupas quando estava na garupa. O problema era que aquele era o sonho realizado do meu namorado, ele tinha se esforçado demais para comprar aquele... aquele... aquele *troço*!

Desculpa. *Noivo*. Balancei a cabeça quando lembrei. Ainda me confundia. Olhei para o anel simples que brilhava com o sol no meu dedo, enviando alguns raios através das pequenas pedrinhas que o adornavam. Suspirei, pedindo a Deus e a todos os santos que protegessem Pedro. A viagem não era longa, mas eu detestava que ele andasse de moto. Entrei em casa e fechei a porta, me escorando nela e olhando para dentro.

O pequeno sobrado no bairro de América, perto do centro de Joinville, era simples, mas estava ficando com o nosso jeito. Os retratos da família de Pedro, que agora também seria a minha, jaziam no móvel ao lado da TV, junto com duas fotos minhas com Alice e Jenny, na escola e na faculdade, uma do nosso brinde quando ele me pediu em casamento e uma de nós dois com a chave da casa. Em um lado da mesa, todos os materiais de arquitetura do meu noivo estavam espalhados: esquadros, compassos, transferidores e folhas de papel quase tão grandes quanto eu. No outro lado, meu computador, o *tablet*, minhas folhas de sulfite e duas caixas de lápis de cor.

Nossa casa era o paraíso do desenho: o lar de um arquiteto e de uma *designer*. Dei risada enquanto arrumava minhas coisas e as dele em um canto da mesa. Pedro fora até um cliente pegar um projeto para arrumar e não demoraria para chegar, mas eu estava com o almoço no fogo. Então, assim que ele retornasse, comeríamos e voltaríamos ao mesmo ritmo de antes: meu noivo trabalhando nos projetos dele, e eu tentando montar meu portfólio com desenhos encomendados pela *internet*.

Pus a mesa, terminei o almoço e coloquei tudo em potes térmicos para não esfriar. Sentei no sofá e peguei um livro que estava lendo. Entreti-me na história e só me toquei de que o tempo passara quando terminei o último capítulo.

Égua, li rápido demais, pensei.

Mas eu não tinha lido rápido; Pedro é que não havia chegado. Olhei para o relógio que ficava em cima da TV. Eram mais de quatro horas da tarde e, quando ele saiu, não era nem meio-dia. Peguei meu celular e liguei para meu noivo.

Chamou, chamou, chamou... Ninguém atendeu. Bufei. *Não é nada*. Liguei de novo depois de dez minutos: a mesma coisa. Liguei para a mãe dele.

— Pedro passou por aí?

— *Não, querida, por quê?* — perguntou dona Lia.

Engoli em seco e disse que não era nada, que depois ligava.

Telefonei para o melhor amigo do Pedro, Miguel.

— O Pedro foi ao escritório?

— *Não, inclusive estava esperando que ele me trouxesse o projeto do Sr. Francisco, e até agora nada. A gente precisa colocar isso pra andar, senão vamos perder o prazo.*

Senti um arrepio correr pela minha coluna, e meu estômago ficou gelado. Tremendo, desliguei o telefone e voltei a ligar para Pedro. Olhei pela janela e vi o dia começar a escurecer. O inverno estava chegando, o céu era tomado pelo crepúsculo mais cedo.

Liguei quase dez vezes até que ele atendeu.

— Ah, graças a Deus, eu estava preocupada contigo! Onde tu estás? Miguel está bravo por causa do prazo do...

— *Alô?* — Aquela não era a voz do Pedro. — *Quem fala?*

Engoli em seco.

— Quem é? — perguntei.

— *É o celular de Pedro Farias?* — Concordei. — *A senhora é a esposa dele?*

— Vou ser, sou namorada dele. O que aconteceu?

O pânico tomou conta de mim, e precisei me sentar quando aquela mulher começou a me contar o que acontecera. Meu corpo sacudia com violência, absorvi muito pouco do que ela dizia.

Pedro. Moto. Caminhão. Impacto.

O mundo ao meu redor parecia ter ficado em silêncio enquanto eu sentia o coração parar, o ar faltar nos pulmões e a cabeça rodar. Por algum motivo, meus ouvidos captaram as últimas palavras que aquela estranha – descobri, mais tarde, ser uma paramédica – me dizia:

— *Desculpe falar isso pra senhora pelo telefone, mas só tive autorização dos bombeiros agora. Pedro morreu na hora com o impacto do acidente, e preciso que a senhora ou alguém da família venha até aqui fazer o reconhecimento do corpo para que possamos liberá-lo para o médico legista.*

Capítulo 1

Hoje

Só mais um pouco... Mais um pouco... E... Pronto!

Respirei fundo. Acabei o último projeto da semana a tempo do fim do expediente. Odiava levar trabalho para casa ou deixar coisas para fazer na segunda-feira.

Alice e João já estavam me esperando com Caleb e Jennifer. Éramos inseparáveis, e o fato de eu, Lice e Jenny termos nos conhecido no último ano da escola, feito o mesmo curso na faculdade e trabalharmos na mesma empresa era o que me deixava mais feliz. Elas eram minha família. Eu não conhecia nenhum parente vivo, visto que eu havia crescido em um orfanato, e desde que...

— Lily! Vamos logo! — gritou Caleb já na porta, me chamando com a mão.

Sacudi a cabeça. Realmente não valia a pena ficar pensando naquilo. Já passou tanto tempo...

Amarrei meus cabelos loiros, que caíam pelas costas, em um rabo de cavalo alto. Puxei as pontas cor-de-rosa para os ombros, ajeitando a franja na tela do monitor desligado à minha frente. Estava precisando cortá-lo urgentemente, mas a preguiça de me deslocar até um salão de beleza era maior do que a necessidade do cabelo.

O inverno estava chegando, e tudo o que eu fazia aos finais de semana era ficar embrulhada nos cobertores assistindo séries ou lendo os romances que faziam meu coração se lembrar de uma época longínqua. Tudo isso para fugir da neve que começaria a se acumular no peitoril da janela e nos degraus que conectavam a porta de entrada à calçada.

Juntei minhas coisas e saí atrás dos meus amigos. Era sexta-feira e, como uma tradição nunca comentada, nós íamos ao restaurante em frente ao prédio da empresa jantar. E beber. Sim, beber bastante. Era tão comum que ninguém ia de carro naquele dia.

Pelo menos, o recente término das obras das estações de trem em Joinville fez com que minha vida e a de Caleb ficassem muito mais fáceis: uma estação tinha sido alocada na esquina de casa, outra a duas quadras do prédio onde ficava a agência de *design* em que trabalhávamos e uma terceira na rua da avó dele. Então, pegávamos o mesmo transporte. Jenny, Lice e João não tiveram a mesma sorte: continuavam tendo que pegar ônibus para voltar. No entanto, nossas saídas às sextas eram tão comuns que todos já faziam quase tudo no piloto automático.

Sentávamos sempre nos mesmos lugares: eu na ponta, Caleb à minha direita, João ao seu lado, Lice, e depois Jenny, que ficava à minha esquerda. Era sempre a mesma mesa, e os movimentos de todos eram tão mecânicos que eu desconfiava que, às vezes, ninguém nem notava o que fazia.

Trabalhávamos na ArtTech, uma das agências de *design* mais conhecidas do sul do Brasil. As meninas e eu éramos as ilustradoras, e João, Caleb e Rogério (um menino novo que entrara há dois meses) faziam nossos desenhos estamparem capas de livros, logos, cartazes e pequenas animações que serviam de propaganda. Eu não recebia muito, mas me sentia tão feliz de trabalhar com traços e cores que nem sempre o valor era tão importante assim.

Pedimos a comida e as bebidas: *drinks* com saquê para mim e Caleb, vinho branco para Jenny, cerveja para Alice e João. Conversávamos sobre o pedido da semana, que tinha sido descomunalmente grande. Todos tivemos que nos desdobrar para que o projeto ficasse pronto em uma semana e estávamos exaustos.

O garçom nos trouxe os pedidos com uma expressão um pouco incomodada, talvez pelo

barulho que fazíamos – que não era pouco, na verdade. Eu e Alice ficávamos um pouco mais... exageradas quando bebíamos. O que não era nenhum motivo para que parássemos. Assim, só dei de ombros, rindo, quando o funcionário se foi.

— Ora, vamos, Luiz — gritou Alice para o garçom —, não é como se não estivesse acostumado com a gente!

Todos caíram na gargalhada com a tentativa falha da minha amiga de melhorar o humor do rapaz. Por algum motivo desconhecido, começamos a falar sobre as piadas mais ridículas de que já tínhamos ouvido. Era irônico como as meninas e eu tínhamos um catálogo vasto de cantadas baratas. Caleb e João acabaram incluindo várias na nossa lista.

— Não, não, escuta essa — João disse enquanto pegava na mão de Alice. — Com licença, moça, posso saber as horas? Eu olharia no meu relógio, mas não consigo tirar os olhos de ti.

Ele balançava as sobrancelhas, fazendo todos rirem. Alice também ria, mas estava completamente corada. *Olha só!* Ela tinha uma queda imensa por João, mas jamais admitiu. No calor do momento e com o álcool nas veias, ela deve ter esquecido de disfarçar.

Sobressaltei-me quando senti Caleb segurando minha mão e o celular com a câmera apontada para mim.

— Eu tenho uma melhor... — Ele limpou a garganta antes de falar. — Posso tirar uma foto sua pra mostrar ao Papai Noel o que eu quero de Natal?

Eu ri, inesperadamente encabulada. Ele continuou:

— Outra! Tu pode cair do céu ou de uma árvore, mas a melhor maneira de cair é de amores por mim.

João ria tanto que eu vi a cerveja que tomava voltar pelo nariz, e Jenny se engasgou com as batatas fritas que engolia naquele momento.

— Essa foi muito ruim!

Todos gargalhavam, a histeria aumentada pela quantidade de álcool que já tomava conta do nosso sistema. Caleb não soltou minha mão e, quando parei de rir, olhei em seus olhos. Podia ser efeito dos três copos de saquê que tomei? Podia. Mas senti uma intensidade incomum, como se ele me olhasse por um segundo a mais do que o normal. Antes de me soltar, o vi piscar um olho para mim.

Balancei a cabeça, tentando clarear a mente e deixar aquilo para lá. As piadas continuaram, e minha barriga já doía de tanto rir. Nos vários momentos como aquele, em que ele queria demonstrar um ponto, ele segurava minha mão.

Não. Eu estava vendo coisas. Era loucura demais! Caleb e eu trabalhávamos juntos há três anos, não tinha *como* e nem *por que* ele sentir nada por mim agora. E nem eu por ele. Minha cabeça rodava, e eu não conseguia raciocinar direito. Com certeza, amanhã nem me lembraria do que tinha acontecido.

Quando Luiz apareceu no final da noite para nos avisar que já fechariam, dividimos a conta e andamos até a estação de trem que ficava ali perto. Jenny, Alice e João pegariam seus ônibus no ponto em frente à estação, e Caleb e eu pegaríamos o trem.

Despedimo-nos de todos. O jovem caminhava ao meu lado, fazendo piadas e me segurando quando eu tropeçava em alguma coisa.

— Tu não está tão bem, não é? — ele perguntou, rindo de mim quando percebi que tinha vestido o casaco por cima da bolsa e agora não conseguia tirá-la.

Eu ri da pergunta.

— E desde quando a gente sai bem numa sexta-feira?

Caleb concordou e me ajudou a ajeitar o casaco e a bolsa enquanto nos dirigimos ao último trem que sairia naquele dia. Quando sentamos, automaticamente deitei a cabeça em seu ombro, sentindo um pouco do conforto que seu perfume cítrico me trazia. Era um cheiro *confortável*, o que quer que isso significasse. Sentia-me bem ao estar perto dele.

— Essa semana foi puxada demais — falei, bocejando. Ele concordou.

O banco no qual sentávamos era virado para o lado, de frente para a janela na direção oposta do trem. Como estava escuro, o vidro refletia a luz interna como um espelho. Eu divagava, analisando todos os traços do rosto dele. O cabelo preto penteado para trás, com fios rebeldes que fugiam do gel que Caleb passava todos os dias; os lábios cheios; as sardinhas em seu nariz fino. Minha análise se estendeu até que chegássemos à próxima estação, quando seus olhos castanhos, que eu observava com tanto afinco, finalmente se cravaram nos meus.

Senti minha bochecha esquentar e desviei o olhar, fingindo que nada acontecera. Em algum momento que não notei, adormeci em seu ombro e acordei no exato momento em que a voz eletrônica indicava minha estação. Caleb também cochilara com a cabeça apoiada na minha. Levantei assustada, quase derrubando meu companheiro.

— O quê? Que foi? — ele perguntou, também assustado.

— Perdeu a estação! — exclamei, me culpando por ter me sentido tão confortável a ponto de ter adormecido no trem. Eu nunca fazia isso e quis culpar a bebida.

Ouvindo o sinal que indicava o fechamento da porta, segurei sua mão e puxei-o comigo. Olhei a porta se fechar e o trem partir.

— Mas por que fez isso? Era só eu continuar no trem que descia na estação certa na volta! — reclamou ele.

Virei-me, encarando-o.

— Era o último trem, Caleb. A não ser que tu quisesse dormir na garagem, não conseguiria voltar pra casa.

Ele me olhou por um longo tempo, como se ainda estivesse assimilando o que tinha acabado de acontecer. Bateu uma das mãos na testa. Respirou fundo antes de puxar o celular.

— Vou ver quanto fica um táxi daqui até minha casa.

Eu assenti e o observei enquanto teclava no celular, mas seus olhos se arregalaram com o preço. Sabia que era altíssimo para uma viagem relativamente curta. Pensei o máximo que a minha cabeça cansada e alcoolizada conseguia e não encontrei outra solução.

— Por que não dorme lá em casa?

Capítulo 2

Soltei sem perceber as palavras, que escapuliram da minha boca.

Caleb me olhou com uma sobrancelha erguida por um segundo a mais do que seria recomendado.

— Não, valeu. Eu pego um táxi... — Ele destinou ao aparelho um olhar tão sofrido que dei risada.

— Vem, não tem problema nenhum. Amanhã tu vai pra tua casa. — Saí andando e puxando-o pela mão. *O que o álcool não faz com uma pessoa, não é mesmo?*

Estava escuro, e eu fiquei feliz por ter alguém ao meu lado. Não era uma área muito violenta, mas qualquer rua escura é perigosa para uma mulher. Senti-me mais protegida com Caleb presente, mesmo não tendo cruzado com ninguém no curto caminho.

Conversávamos sobre nossas teorias para os próximos episódios de uma série derivada de um videogame. Era sobre um bruxo de cabelos brancos e olhos amarelos que precisava salvar uma princesa e acabava se apaixonando por uma feiticeira. No momento, aguardávamos a terceira temporada, e Caleb sugeriu que o mentor do personagem principal jamais poderia criar novos bruxos com o sangue da princesa. Isso era uma ideia completamente absurda, fui xingando o garoto até chegarmos na minha casa.

Ela era pequena, geminada. Era horrível ouvir tudo o que os vizinhos faziam, mas, por estar perto da estação e pelo valor do aluguel que eu pagava, estava ótimo. Caleb já estivera ali com os outros, mas só *com os outros*, e isso me deixava nervosa. Principalmente porque sábado de manhã era dia de faxina, então várias coisas estavam fora do lugar.

— Bom, tu já conhece tudo aqui, não é? — perguntei, tentando puxar assunto. A sala era pequena, com um único sofá azul de três lugares virado para a televisão. O tapete era creme, e ali não havia espaço para uma mesa de jantar. Portanto, o que me servia para comer (quando não o fazia na frente da TV) era o balcão de madeira que separava aquele projeto de cozinha que eu tinha da sala.

Caleb assentiu e colocou a mochila dele em cima do sofá, me olhando de forma indecifrável. Eu já não me sentia mais tão embriagada como quando saímos do bar. De repente, a consciência de tê-lo tão perto de mim foi demais para a minha cabeça.

— Vou lá dentro pegar roupa de cama pra ti — falei, sem olhá-lo.

Não entendia por que me sentia assim. Talvez as brincadeiras dele no bar tivessem um fundo de verdade, ou talvez fosse porque Caleb era o primeiro homem que dormia relativamente perto de mim desde Pedro. Abri o armário onde guardava a roupa de cama e puxei dois edredons, um travesseiro e dois lençóis. Estava fazendo muito frio, eu não tinha certeza se o aquecedor funcionaria a noite toda.

Balancei a cabeça, levando a roupa para a sala. Não queria aquele tipo de sentimento comigo, nem mesmo nada que fosse vagamente semelhante. Eu sabia o quanto a sensação era dolorosa, e não queria aguentar suas consequências mais uma vez. Então, defini que o melhor seria me manter o mais afastada possível de Caleb durante o tempo em que ele ficasse aqui. Só por via das dúvidas.

Não podia me dar ao luxo de...

— Achei que tinha se perdido... — Riu Caleb quando apareci com as cobertas.

Neguei, também rindo enquanto deixava as roupas em cima do sofá.

— Quer que eu arrume pra ti?

Ele balançou a cabeça.

— Então... — comecei, mas parecia que minha mais nova resolução não tinha me levado a lugar nenhum. Seu olhar intenso fez meu coração disparar naquele exato momento, me deixando corada e perdida com as palavras.

— Não estou com sono — disse ele, com uma sombra de divertimento no olhar.

Respirei fundo. Caleb parecia querer me provocar, e supus que talvez dois pudessem jogar esse jogo. Eu podia me fazer de doida e usar minha melhor arma: o sarcasmo.

— Bonitinho, minha vida não parou só porque tu está aqui — respondi, me aproximando e dando tapinhas no rosto dele, como uma mãe que ensina boas maneiras ao filho. Porém, sua reação não foi bem a que eu esperava: ele abriu um sorriso malicioso.

— E quem sou eu pra te atrapalhar, não é mesmo? — Foi Caleb quem se aproximou mais ainda, com o rosto a centímetros do meu.

Nossos olhares se conectaram de uma forma que eu não achei que fosse possível. Não mais, pelo menos. Ele ergueu a mão e deslizou suavemente pelo meu rosto até que seus dedos pararam no queixo, levantando minha cabeça.

— Eu quis fazer isso desde o momento em que sentou ao meu lado com esse maldito perfume doce e essas mechas rosas dançando ao seu redor... — sussurrou, fazendo um arrepio correr pelo meu corpo.

Um estalo na cabeça me deu uma luz de sabedoria e discernimento. Afastei-me, rindo.

— Vai continuar na vontade, querido — respondi, me distanciando e rumando para o corredor que dava para o quarto.

— Ah, qual é? Só um beijo! — ele pediu.

Voltei o caminho e coloquei somente a cabeça para fora do corredor, em direção a ele.

— Não.

Diverti-me vendo ele balançar a mão e se deitar no sofá sem arrumar a roupa, como se fosse um personagem de desenho derrotado. Ainda rindo de sua atitude, berrei do quarto:

— Não quero meu sofá sujo, então faça o favor de forrá-lo direito, hein?

Ouvi sua risada em resposta.

Tomei banho, coloquei uma camisola azul-marinho e só aí percebi que tinha deixado a bolsa em cima do balcão da cozinha. Pus um roupão e fui até a sala, andando silenciosamente, esperando que ele já estivesse dormindo.

Mas minha sorte não é tão grande assim.

— Já estava com saudades? — perguntou quando apareci na sala.

— Haha! — Ri, irônica. — Claro, morrendo. Só vim pegar minha bolsa, volte a dormir.

— Eu não estava dormindo.

Revirei os olhos e voltei para meu quarto. Ia deitar quando resolvi pegar um copo d'água. E onde estava a água? Na cozinha, claro. Suspirei. Coloquei meu celular para carregar e voltei por onde tinha vindo.

Fui na ponta dos pés e achei que Caleb não tinha me ouvido até lembrar que abrir a geladeira e pegar um copo ia ser uma tarefa que emitiria ruídos, além da luz que com certeza me denunciaria. *Oh, céus, me ajudem!*

— Mas já voltou? — Escutei seu tom de riso.

— Vim pegar água, quer um pouco? — fingi-me de sonsa. Paula, uma moça que conheci no orfanato, dizia que era sempre o melhor remédio para situações que nos deixassem em uma saia justa. E ter um tagarela que te paquerava no sofá me parecia ser uma dessas situações.

— Não, obrigado — respondeu. Mesmo sem ver seu rosto, consegui detectar um sinal de riso em sua voz.

Revirei os olhos e entrei no corredor só para lembrar que precisava ligar o aquecedor antes que morrêssemos os dois congelados. Voltei para trás, fingindo que não o via. *Por que eu simplesmente não fiz tudo o que precisava de uma só vez?*

Ouvia sua risada, e foi impossível não rir também.

Virei a chave do aquecedor, tentando fazer com que ele ligasse sem fazer o escândalo de todas as noites. Mas com aquele aparelho velho não tinha conversa. Ele apitou, estalou, chiou e todos os "ou" possíveis. Eu só escutava o indivíduo deitado no meu sofá rindo e, dessa vez, isso me irritou.

— Por que tu não vem ajudar em vez de ficar rindo da minha cara? — disparei.

Caleb se levantou e veio ao meu encontro. Mexeu em uns fios, apertou alguns dos botões que ficavam no aparelho, e o aquecedor resolveu funcionar.

— Serviços gerais, à sua disposição, senhora — brincou, batendo continência. — Estamos disponíveis vinte e quatro horas.

Soltei uma gargalhada mais alta do que pretendia, e ele riu comigo.

— Vou te chamar todos os dias pra vir ligar essa *birosca* — soltei, sem perceber.

— Eu venho — respondeu, piscando um olho. — Agora, diga boa noite e vá de uma vez.

Dei risada, mas concordei. Já sentindo o ambiente mais aconchegante, rumei para meu quarto, fazendo uma lista mental do que precisava, se não podia pegar no dia seguinte. Como nada me saltou à mente, só concordei com meu visitante inesperado.

— Boa noite, querido — desejei, sorrindo.

*

Eu tentava ligar e não conseguia. O celular só chamava, e eu não conseguia contato, ninguém atendia. Aquela sensação sufocante tomou conta de mim, e o ar não chegava nos pulmões.

A cena mudou e, sem que eu percebesse, estava na frente do caminhão de bombeiros. A luz branca e intensa que vinha do lado de dentro incomodava meus olhos ao mesmo tempo em que eu era obrigada a olhar o amor da minha vida inerte, com sua blusa manchada de sangue e um corte profundo no meio da testa. Eu sabia que Pedro nunca saía sem capacete, então comecei a procurar o aparelho de proteção pela rua, querendo olhar para qualquer lugar que não fosse aquela maca.

Mesmo não sabendo o que encontraria, descobrir seu capacete preto quebrado ao meio, indicando a força do impacto, fez qualquer coisa que ainda restasse inteira no meu peito se estilhaçar. Não quis imaginar sua aflição ou pensar que ele sofrera. A paramédica me confirmou que ele morreu na hora, com o acidente, mas isso não me garantia que Pedro não sentiu dor alguma.

As lágrimas correram pelo meu rosto, só sentia os pedaços do coração se apertando cada vez mais forte, como se eu fosse sufocar a qualquer instante.

Um cheiro de queijo quente me despertou. Abri os olhos, ainda meio tonta, tentando me lembrar de quando colocara alguma coisa no fogo. Levantei correndo, de camisola e meias, e parei na frente da cozinha, com o coração batendo freneticamente enquanto o cérebro, ainda um pouco adormecido, tentava absorver todas as informações que recebera em tão pouco tempo.

— Merda... — soltei baixinho ao ver meu amigo em frente ao fogão.

Quem você esperava, Lily? Pedro?

O que essa vozinha falou na minha mente ativou uma linha direta com os canais

lacrimais, e isso me fez engolir o choro que ameaçava aparecer e as lágrimas que queriam cair. Porque, de uma forma ou de outra, em meu íntimo, mesmo depois de tantos anos, eu ainda esperava vê-lo na cozinha.

Mas o que me assustava não era o fato de me embaralhar com rostos e portes físicos tão distintos – afinal, ninguém no mundo conseguiria confundir Pedro com Caleb, eles eram diferentes demais. O que me assustava era o sentimento, se não igual, muito parecido que eu estava experimentando. Isso me apavorava.

Uma frase icônica de um livro de fantasia martelava na minha cabeça: “Depois de todo esse tempo?”

Suspirei, percebendo que Caleb só notou minha presença depois de alguns minutos.

— Bom dia, raio de sol — ele me saudou, cortando pães e os deixando abertos ao lado do fogão.

O vento gelado que envolvia aquele ambiente, independentemente de o fogão estar ligado ou não, me fez abraçar o corpo. Como esqueci que ele estava em casa?

— O aquecedor morreu de vez, talvez fosse interessante tu procurar uma assistência técnica. Ah, e eu tomei a liberdade de fuçar tua geladeira e encontrei algo pra comermos. Tudo bem? — perguntou, como se tivesse se dado conta apenas naquele momento que mexera em algo que não era dele.

Era muita informação para digerir logo de manhã. Eu argumentaria, mas meu estômago resolveu me trair, roncando alto. Não tive outra alternativa senão dar de ombros e fingir que não tinha uma avalanche de sentimentos atormentando meu coração e meu cérebro. Ainda por cima, a sensação agitava as borboletas no meu estômago que eu pensei estarem mortas há anos. Caleb abriu um sorriso, e seus olhos pareceram brilhar com divertimento, o que me deixou ainda mais confusa.

— Parece que tem alguém com fome. Já vai ficar pronto, leãozinho, fica tranquila.

Leãozinho? Encarei-o com uma expressão confusa e percebi seu olhar direcionado para algo acima da minha cabeça. Corri para o banheiro, ouvindo sua risada, e vi que meu cabelo estava um caos completo e absoluto. Passei a escova superficialmente pelos fios e o amarrei de novo, escovei os dentes e coloquei um conjunto de moletom. Definitivamente, não estava preparada para receber ninguém para dormir em casa. Passei tempo demais morando sozinha para me preocupar com a forma como eu acordava todos os dias.

Voltei para a cozinha e notei que Caleb já tinha colocado no balcão uma caneca enorme de café com leite fumegante. Ia abrir a boca para perguntar pela dele quando se virou com uma igual à minha.

— Nossa, agora dá pra te chamar de gente, hein? — zombou ele.

— Nossa, tu precisa falar tanto de manhã? — imitei seu tom de voz, sendo mais rude do que pretendia, mas não sabia se tinha sido tão sem querer assim. Eu não era a melhor pessoa quando acordava, e fazia questão de que ninguém na empresa soubesse disso.

Caleb ergueu os braços em rendição, ainda sorrindo.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. Vamos ver se isso melhora seu humor, esquentadinha.

Ergui meu olhar com uma sobrancelha erguida, e ele esticou para mim um prato com queijo quente e uma omelete de queijo tão linda quanto cheirosa. Senti minha atenção se voltar para o prato. Meus olhos se arregalaram contra a minha vontade. Quando olhei para ele, Caleb sustentava um sorriso vitorioso.

Dei a primeira garfada e pensei que tinha morrido e ido para o céu, mas a única coisa que

me veio à cabeça foi:

— Não sabia que cozinhava.

Ele se sentou ao meu lado, com um prato igual ao meu.

— Tem muitas coisas que tu não sabe sobre mim... — Ele enfiou um pedaço da omelete na boca e mastigou cuidadosamente antes de engolir e completar: — Vai de ti querer saber ou não.

Dei de ombros enquanto enchia a boca mais uma vez. Não queria falar, não queria dizer nada que me comprometesse. Caleb era o tipo de cara que sempre tinha uma resposta para todas as perguntas. Carregava consigo uma expressão de quem consegue tudo o que quer, mas o problema era que *eu* não queria.

Envolver-me, no caso.

Tudo conspirava contra: a amizade de anos, a proximidade física que tínhamos na empresa, a sincronia com a qual trabalhávamos juntos... E tudo o que meu coração carregava há seis anos – talvez mais se fosse levar em conta o resto da minha história. As cenas de ontem voltaram com tudo à minha mente, e eu afastei devagar a cadeira da dele.

Não quero, não devo, não posso.

Eram as únicas palavras que rodavam minha cabeça naquele momento. Para meu completo alívio, o rapaz permitiu que terminássemos o café em silêncio.

Quando acabamos de comer, ele levantou e pegou meu prato.

— Não, senhor! — exclamei, me levantando e indo atrás dele. — Quem cozinha não lava. Pode ir para o sofá.

Caleb deu risada, e eu notei nossa diferença de altura, acentuada agora que estava somente de meias e não calçava as botas altíssimas que eram minha marca registrada. Tentava empurrar ele da minha mínima cozinha, mas parecia que o homem ocupava todo o espaço disponível.

— Sai fora! — gritei enquanto o empurrava.

— Tu não sabe ser uma boa anfitriã, não é? — zombou.

Estreitei os olhos e coloquei as mãos na cintura.

— Não com hóspedes tão chatos — retruquei. — Agora some daqui e me deixa arrumar a cozinha.

Ele abriu a boca para responder, mas seu celular tocou com uma notificação de alguma mensagem. Caleb revirou os olhos diante do meu sorriso triunfante quando saiu e pescou o aparelho de dentro do casaco. Virei-me e tratei de separar os pratos sujos e ensaboar as canecas do café recém-tomado.

— Desculpa, mas não sabia que estava tão tarde — Caleb disse às minhas costas, e eu virei com as mãos cheias de sabão. Ergui o olhar para o relógio que ficava em cima da pia e vi que era quase meio-dia.

— Nossa, nem vi que horas eram!

— Obrigado por ter me deixado ficar aqui noite passada — ele agradeceu.

Assenti ao mesmo tempo em que tirava o sabão das mãos e as secava no pano que estava ali. Ele já estava pronto, de casaco e com a mochila nas costas, quando dei a volta no balcão para fechar a porta.

— Qualquer coisa, estou aqui — falei, com uma mão na cintura.

Para minha surpresa, Caleb se curvou e plantou um beijo suave na minha bochecha.

— Até segunda, Lírio.

Senti meu rosto esquentar diante do apelido.

— Até segunda, Caleb — murmurei, sem graça.

Observei-o descer as escadas da porta da frente até o fim da rua, me perguntando onde raios eu estava com a cabeça quando convidei-o para passar a noite na minha casa.

Capítulo 3

O fim de semana passou tão rápido que nem notei. Fiquei esperando Caleb sumir no fim da rua, voltei para limpar a casa e só fui me dar conta do horário quando a Dona Beatriz, minha vizinha de parede, me ligou e pediu que eu abaixasse o som porque já eram onze da noite.

Domingo era o dia oficial da preguiça. Então, para não bagunçar a casa que tinha ficado tanto tempo limpando, deitei no sofá e só me levantei para abrir a porta para o entregador de comida, que já era meu conhecido há anos (apesar de eu nunca ter perguntado seu nome).

Conversei bastante com Alice e Jennifer, mas não cheguei a mencionar o fato de Caleb ter passado a noite comigo. Quer dizer, na minha casa. Ele dormiu no sofá, então não sabia dizer se ele tinha passado a noite comigo ou não. Balancei a cabeça; isso não queria dizer absolutamente nada. Era só uma amiga ajudando um amigo. Ponto final.

Toda essa discussão interna aconteceu enquanto eu me arrumava para ir ao trabalho na manhã de segunda-feira. Minha mente confusa tentava arrumar uma justificativa para o convite, mas jurava a mim mesma que não tinha nenhuma intenção além de ajudar.

Certo? Certo.

Suspirei quando terminei de fechar as botas. Peguei o casaco, minha bolsa, gorro, luvas e cachecol, todos de um rosa claro que combinava demais entre si e com meus cabelos, que eu mantinha sempre com cores divertidas. Paula havia me dito que a gente precisa colocar mais cor na nossa vida. Tudo criava um contraste lindo com meu *look* todo preto, e isso me deixava tão feliz quanto era possível em uma segunda de manhã.

Além do mais, eu odiava passar frio e, pelo o que via da previsão do tempo, parecia que o clima só pioraria ao longo da semana.

Fui até a estação do trem e, em quarenta minutos, cheguei ao trabalho. Era simplesmente mágico morar e trabalhar tão perto das estações. Pegava o trem lotado por causa da hora do *rush*? Pegava. Mas só de pensar no fato de levar menos de uma hora para fazer o trajeto casa-trabalho-casa tudo ficava mais confortável. Aquele projeto antigo de instaurar as linhas de trem em Joinville parecia utópico demais, e todos os habitantes da cidade achavam que jamais sairia do papel – então não era inesperado o fato de todos se impressionarem quando as obras começaram.

Entrei na porta destinada à empresa e vi, através do vidro da sala do Chefe, que Caleb e Jenny estavam recebendo um novo projeto. *Mais um?*, pensei enquanto lembrava da montanha de demandas com prazo para essa semana.

Sentei na minha mesa e liguei o computador. Abri a agenda eletrônica e coloquei minhas prioridades em execução. Se tinha uma coisa que odiava era entregar projetos atrasados. Por isso, os meus sempre tinham uma folga de pelo menos cinco dias antes do prazo para que desse tempo de fazer qualquer alteração necessária.

Os dois saíram da sala do Chefe, e Jenny veio sentar ao meu lado. Estava branca e seus braços balançavam enquanto ela olhava para os papéis em suas mãos.

— O que houve, Jenny?

— Projeto novo. Precisa ser entregue na sexta. Por isso o Chefe deu pra mim e Caleb.

— Precisa de ajuda? — ofereci, mesmo sabendo que minha semana estava da mesma forma que a passada: completamente tomada.

— Nem que eu quisesse, amiga. Mas obrigada. — Jenny tinha um sorriso pesaroso no rosto. Assenti e virei para meus próprios projetos.

Estávamos todos exaustos. Já tínhamos pedido para o Chefe contratar mais pessoas, mas ele se recusava. O lado bom era que ganhávamos comissão de pessoas jurídicas. Portanto,

ultimamente, estava entrando uma grana boa.

Observei Caleb sair da sala alguns minutos depois de Jenny e rumar até sua mesa, em frente à minha. Até ia falar alguma coisa, mas ele parecia tão nervoso quanto minha colega, então achei melhor deixá-lo quieto.

Acho que fiquei tempo demais encarando-o, porque ele levantou o olhar e piscou para mim, sorrindo.

— Bom dia, Lily.

— Bom dia, Caleb.

E voltou-se para os relatórios que tinha em mãos, provavelmente as exigências do cliente.

*

A semana passou tão rápido quanto o final de semana. Todos os dias, Caleb ficou até mais tarde. Todos os dias, fui embora sozinha.

Era normal fazer o trajeto da estação até em casa sem ninguém ao meu lado, mas não estava muito acostumada a pegar o trem sozinha. Vários dias, pela manhã, encontrava com Caleb, como se eu magicamente soubesse em qual vagão ele entraria, ou como se nossos encontros fossem programados. Surpresa: não eram. Mas depois de algumas semanas, no entanto, tudo se tornou normal, algo cotidiano, como chegar na padaria exatamente naquele horário e pegar os pães saindo do forno. Então, vínhamos conversando até a empresa ou, quando saíamos juntos, íamos conversando até ele descer na sua estação.

Na sexta à tarde, ele, Jenny e o Chefe tiveram uma reunião com os clientes. Tendo em vista a forma como os três saíram sorridentes de dentro da sala, acredito que os projetos foram bem aceitos. Minha amiga saiu correndo e se jogou na cadeira ao meu lado. Caleb fez o mesmo à minha frente.

— Nem acredito que acabou — suspirou, aliviada.

— Nem eu, não vi nem a cor da semana — reclamou ele, e eu dei risada.

A mesa em que trabalhávamos era grande, dividida por baias pequenas, só para termos nosso espaço pessoal e, ao mesmo tempo, fazer algumas reuniões em cima da hora, ou um *brainstorm* geral.

Nós cinco (seis, com Rogério) tínhamos um código de honra: ninguém ali era concorrente de ninguém. Todos éramos amigos e bons profissionais e, por isso, nos ajudávamos quando era preciso. Isso sempre funcionou muito bem para nós. Éramos uma boa equipe, e eu sorri com esse pensamento. Eles eram minha família.

Caleb se esticou na cadeira e ela entortou, se apoiando apenas nas duas pernas traseiras.

— Vai cair... — avisei.

Ele deu risada de mim quando voltou à posição normal.

— Não vou, não, *mãe*.

Revirei os olhos para ele. *Se quer cair, que caia*, pensei, irritada. Respirei fundo e olhei no relógio do computador. Logo seriam seis horas, e eu me veria livre daquela baia.

Trabalhar com desenho era um dos meus maiores sonhos, e ele foi realizado, mas eu preferia quando fazia *freelance*. Se não fosse a necessidade de me sustentar e a instabilidade financeira que acompanhava esse tipo de serviço, com certeza voltaria a receber encomendas pela *internet*.

Mas nem sempre o mundo é do jeito que queremos, não é mesmo?

— Lily!

Olhei para os lados, procurando quem me chamava. Era Alice.

— Chamou?

— Claro que chamei! Faz uns cinco minutos que estou falando e tu nem se mexe.

Sorri para ela.

— Não se preocupe, amiga... Só estava sonhando com o momento em que o relógio viraria para as seis da tarde de uma vez.

— Sonho realizado, então! — João apareceu na hora em que eu via o ponteiro maior chegar no número doze no relógio do escritório.

Desliguei o computador com gosto e descemos os cinco até o bar, rindo e conversando. Luiz já estava nos esperando com o cardápio na mão. Hoje parecia estar com um humor melhor.

— Tá melhor, Luiz? — caçoou Lice.

— Só um pouquinho, e ia agradecer se não ficassem gritando hoje. Assusta os clientes — ele explicou, com uma pitada ácida de escárnio em sua voz.

— Pode deixar — respondeu Jenny —, vou controlar essas duas matracas aqui.

Luiz agradeceu com um olhar de súplica. Eu dei risada. Sentamos em nossos lugares habituais e fizemos nossos pedidos.

Era o tipo de normalidade que me fazia bem. Eu não era como aquelas pessoas ávidas por mudar a rotina. Tudo no meu dia a dia me deixava feliz: os horários, as roupas e, principalmente, as saídas de sexta-feira com meus amigos.

Depois de muitas horas ali, Luiz apareceu e nos avisou que fechariam, mas ninguém queria ir embora de verdade. Várias vezes, já tinha acontecido de estendermos nosso *happy hour* na casa de alguém – o motivo de Caleb já conhecer a minha.

— A gente vai pra casa de quem hoje? — perguntou João.

— Minha irmã levou as amigas pra dormir lá em casa — Alice retrucou. Carina era uma fofura. Uma adorável menininha de dez anos que ainda não tinha entrado na fase chata da pré-adolescência.

— Eu moro com a minha mãe, então... — Jenny falou, se esquivando.

Revirei os olhos. João morava com a avó doente, e Caleb, em um apartamento tão pequeno que jamais caberiam todos. Ou seja, sobrou para mim de novo.

— Vamos lá pra casa — falei, já pegando minha bolsa e colocando no ombro.

Passamos em um mercadinho para comprar mais bebida e alguns salgadinhos e rumamos até a estação de trem.

Chegando lá, todos já se acomodaram, acostumados com o lugar. Rimos, comemos, conversamos, fizemos várias piadas e alguém deu a ideia de colocarmos um filme para assistir.

Aos poucos, a semana cansativa e a bebida começaram a fazer efeito, e cada um adormeceu em um canto. Jennifer apagou no chão, enrolada em uma coberta que improvisou como colchão. Caleb dormiu encostado no sofá, e achei a coisa mais fofa do mundo ver Alice adormecida no colo de João. Fiquei até com dó de acordá-los, mas sabia dos compromissos de todos, que sábado ainda era dia de trabalho para Jenny. Além disso, também sabia que a mãe de Alice e a avó de João ficariam preocupadas.

Cutuquei-os com cuidado. Jenny levantou devagar, e eu a vi sorrir ao olhar Alice e João. Chamei os dois; eles acordaram sobressaltados, confusos, e coraram instantaneamente quando viram a posição em que se encontravam. Caleb também despertou e começou a juntar as coisas sem falar muito com ninguém.

Os três moravam no mesmo bairro. Os únicos que viviam praticamente do outro lado da cidade éramos Caleb, em Nova Brasília, e eu, em Morro do Meio. Jenny, João e Alice pediram um táxi para Itaum e logo se foram. Perguntaram se Caleb queria ir junto, mas sabiam que ele

morava na direção oposta.

Aquela máxima de oferecer por educação e recusar por educação. Eu entendia disso, era craque nesse tipo de interação social.

Ficamos parados no batente da porta, esperando nossos amigos irem embora. Aos poucos, percebi que o chão estava mais branco e que grandes nuvens de vapor saíam de nossas respirações. Olhei para cima para confirmar minhas suspeitas.

Gelo. Foram raras as vezes que vi neve efetivamente aqui em Joinville, mas as geadas eram cruéis, principalmente em um dos bairros mais frios da cidade, como era o caso de Morro do Meio. Tinha certeza de que, se o gelo continuasse daquele jeito, amanhã de manhã, acordaríamos com neve no chão.

Um tremor tomou conta de mim e abracei meu corpo. Essa noite com certeza seria mais gelada do que as outras.

Olhei para Caleb e percebi que ele estava com uma expressão inquieta no rosto geralmente sereno.

— Que foi? — perguntei, preocupada.

— Não tem mais trem a essa hora...

O entendimento tomou conta do meu corpo lentamente. Eu não poderia deixá-lo na rua àquela hora da madrugada, *não é?*

— Dorme aqui de novo — sugeri, dando de ombros.

Ele ergueu os olhos.

— Não, eu não posso aceitar. Já fiquei aqui semana passada.

— Não tem com o que se preocupar, querido — falei, já o puxando para dentro e fechando a porta. — Além do frio absurdo que está fazendo, tu sabe que, a essa hora, os táxis cobram mais caro. Não me incomoda em nada.

Caleb me olhou de forma enigmática, como se estivesse tentando resolver algum conflito interno. Mas pareceu ter se decidido quando balançou a cabeça e sorriu para mim.

— Acho que não tem problema, então.

Sorri de volta.

— Claro que não.

Fui pegar as roupas de cama para forrar o sofá, carregando um edredom a mais. Quando ele foi embora na semana passada, dizendo que o aquecedor tinha quebrado, bastou alguns tapas na parte de cima para voltar a funcionar, e assim ele se manteve durante a semana. Economizou-me uma quantia razoável de dinheiro da qual eu não poderia me dispor a gastar somente com aquela peça jurássica que fingia esquentar minha casa.

Quando voltei, Caleb me aguardava com a garrafa de vinho que tinha ficado inacabada no balcão de madeira e duas taças. Apoiei a roupa de cama no sofá e me virei para ele, erguendo a sobrancelha.

— Não estou com sono. Por que não me acompanha em uma última taça de vinho?

Senti meu rosto corar, mas concordei. A Paula, do orfanato, era *hippie* e dizia que as pessoas emanavam energia. Nosso instinto fazia o trabalho de definir quais seriam boas para nós.

Naquele momento, conseguia sentir que Caleb emanava uma energia magnética, porque não era capaz de me afastar, não podia desviar o olhar do dele e, por mais envergonhada que ficasse, não conseguia impedir minha mente de projetar imagens de seus lábios nos meus, de suas mãos em mim.

Meu corpo começou a esquentar e atribuí o calor ao vinho que tomava, sentada em frente a Caleb no sofá. Não sei se ele percebeu que eu estava estranhamente quieta, mas começou a

puxar assuntos aleatórios que soltavam meu riso de forma fácil. Mais uma vez, minha consciência brigava com o coração. Decidi culpar a bebida de novo, apesar de saber que a meia taça de vinho não era responsável por absolutamente nada – além de me impedir de fazer algumas besteiras que rondavam minha mente.

Enquanto Caleb me contava detalhes engraçados de um projeto que tinha dado errado, comecei a notar alguns pontos mais claros em seus olhos castanhos e o cabelo rebelde que pendia em sua testa, completamente solto do gel. Sua camiseta de mangas compridas estava colada em seu peito, e eu nunca tinha reparado em como ele era musculoso.

Meu Deus, Lily, para de ser maluca! Ele é o seu amigo, Caleb. Amigo de anos, colega de trabalho. O que te ajuda com seus projetos, que te ensinou a mexer na versão atualizada do Illustrator *e faz piadas infames. Aquele que te acompanha em casa para te proteger e...*

...aquele que tem feito seu coração disparar com mais frequência do que seria recomendado.

Mas nem meu cérebro estava me ajudando hoje, viu?

Tentei desviar minha mente daqueles recém-descobertos detalhes, mas me peguei analisando o formato de seus lábios cheios. Sem perceber, me aproximei mais dele. Uma ponta de remorso me atingiu por não estar mais prestando atenção no que ele dizia. Mesmo assim, senti sua mão em meu rosto novamente, como na semana passada.

Caleb estava perto, *muito* perto. Seus dedos percorreram o contorno da minha mandíbula.

— Não vou conseguir me segurar por muito mais tempo — ele sussurrou, a centímetros dos meus lábios, e senti os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Sequei as palmas das mãos suadas na minha calça e engoli em seco. Caleb passou o polegar pelo meu lábio inferior e murmurou um pedido suplicante:

— Só me fala boa noite e vai dormir, por favor.

Meu coração batia tão forte que eu o sentia martelar os ouvidos. Seu perfume cítrico me atingiu como um raio mais uma vez. Balancei a cabeça e levantei do sofá, com dificuldade de manter as pernas retas: meus joelhos pareciam feitos de geleia.

Assenti e me afastei dele, respirando fundo.

— Boa noite, querido.

Capítulo 4

Os momentos que precedem o adormecimento profundo (também chamado de REM – Movimento Repetitivo dos Olhos) geralmente são caracterizados por aquele sono leve, em que qualquer coisa te acorda.

Seria compreensível que eu fosse acordada desse sono leve pelo estalo (tão ensurdecedor que mais parecia um tiro) do aquecedor, indicando que finalmente ele tinha falecido naquele momento. Mas essa situação iria requerer um fator importantíssimo: eu estar dormindo e ter entrado no estágio de sono leve.

Não foi o caso.

Não preguei o olho por um instante desde que saí de perto de Caleb. Não conseguia parar de pensar em sua mão no meu rosto, seu hálito quente pinicando meus lábios, seu dedo alisando minha boca.

Mordi o lábio logo depois de passar meu próprio dedo por ele, tentando de forma inconsciente captar pelo menos um pouco do sabor que sua pele teria. Uma frustração tomou conta do meu corpo; na verdade, não tinha mais a ver com o homem deitado no meu sofá, e sim com a batalha que meu coração travava com meu cérebro.

Eu tentava calar as duas vozes guerreando na minha mente em prol do sono quando ouvi batidas suaves na porta do quarto. Sentei na cama e puxei as cobertas.

— Está aberta — falei.

A porta abriu, e Caleb colocou a cabeça para dentro do cômodo, me olhando.

— Te acordei? — Balancei a cabeça. — O aquecedor quebrou de vez, não liga de jeito nenhum. Tem outra coberta? A sala parece um rinque de patinação no gelo.

Dei risada da piada. Ia me levantar para buscar os cobertores, mas lembrei que dormia de camisola e, mesmo que pegasse meu roupão do outro lado do quarto, já revelaria mais do que devia. Então, somente dei instruções de onde ele poderia pegar o último edredom.

Caleb agradeceu e saiu, me deixando sozinha para lutar com meus sentimentos e minha consciência, que não parecia querer me deixar em paz.

Em poucos segundos, ele voltou e sussurrou:

— Boa noite, Lírio.

Não deu tempo de eu responder: Caleb já tinha saído.

*

Acordei com tanto frio na manhã seguinte que mal conseguia sentir meus pés. Meu corpo estava dolorido por tensionar a musculatura a noite inteira para me manter aquecida. O edredom que disse para Caleb pegar na madrugada anterior era meu salva-vidas quando tinha preguiça o suficiente para ir na sala ligar o aquecedor, mas com certeza ele precisava mais do que eu.

Levantei e peguei meu roupão e um conjunto de moletom bem grosso que costumava ser o suficiente para me manter aquecida naquela época de inverno intenso. Fui direto para o chuveiro tentar me esquentar, mas não sem parar por meio minuto para apreciar a paisagem que a neve criara à minha frente.

Eu não gostava de *passar* frio, mas não quer dizer que não adorava quando a neve cobria tudo com seu manto branco. Era um evento raro por aqui, mas, quando acontecia, como era o caso daquele inverno em particular, me deixava sem ar.

A rua estava completamente tomada pelo gelo, os tetos dos carros estacionados também. O sol tentava penetrar pelo branco da neve de forma tímida; não significava que conseguia, mas

tudo brilhava, refletindo seus raios. Suspirei.

Amava o inverno, o frio, as paisagens... Tudo ficava mais bonito e me deixava com o coração aquecido, por mais contraditório que esse sentimento fosse.

Respirei fundo antes de entrar no banheiro e ligar o chuveiro na potência máxima. Meus lábios e os dedos dos pés estavam roxos, e eu passaria por morta facilmente.

Entrei debaixo d'água sentindo a temperatura me aquecer de forma brutal, deixando algumas manchas vermelhas na pele. Era uma das sensações que eu mais gostava, e a vontade de sair debaixo daquela água quente era mínima. Porém, eu tinha visita e, de qualquer forma, não poderia gastar tanta água assim.

Saí a contragosto do box do chuveiro e me sequei, vestindo o moletom verde-claro e, logo em seguida, calçando uma bota australiana que comprara no brechó. Se não me engano, a mulher disse que se chamava *ugg*, mas... Não tinha importância. O essencial era que ela esquentava meus pés instantaneamente de uma forma que nenhuma outra bota fazia.

Quando abri a porta do banheiro, uma rajada de vento gelado me abraçou, tirando meu fôlego por um instante. Respirei fundo e gemi por não poder voltar para a cama.

Ouvi a porta da entrada bater e percebi que o frio havia diminuído um pouco. Caleb entrava com os ombros cheios de neve, carregando dois sacos de papelão com o logo da cafeteria da esquina. Apoiada em cima do balcão, havia uma bandeja com copos térmicos, e o cheiro de chocolate quente me invadiu.

— Bom dia, Bela Adormecida! — Ele sorriu para mim.

— A cada dia que dormir aqui em casa vai arrumar um apelido novo pra mim? — respondi, indo ajudá-lo a colocar as sacolas em cima do balcão enquanto ele batia a jaqueta do lado de fora da janela.

— Pretende que eu durma aqui mais vezes? — O sorriso malicioso que ocupou seus lábios me fez dar uma risada envergonhada, já sentindo meu rosto esquentar.

— Claro que não. Da próxima vez que vierem para cá, vou te deixar dormir do lado de fora, ao relento. — Dei de ombros e abri o saco, puxando o que ele comprou e arrumando em um prato que tinha pegado do armário embaixo do balcão.

— Não teria coragem... — Senti-o perto demais, de novo. Respirei fundo e me virei, com um *croissant* e um bolinho de chocolate.

Caleb sorriu, pegando o prato e se esticando sobre mim para alcançar um dos copos de chocolate quente.

— Me testa pra ver. — Pisquei para ele e fui sentar no sofá, que já estava arrumado, com meu prato e o copo na mão.

Às vezes, eu afrontava suas investidas; nem eu mesma sabia de onde saíam as respostas. Ou a coragem para soltá-las. Minha cabeça ficava completamente confusa quando ele fazia essas piadinhas, e eu não conseguia entender por que a conexão entre meu cérebro, meu coração e meus lábios era interrompida.

Observava como os músculos das suas costas e de seus braços se mexiam sob o tecido do suéter vermelho enquanto Caleb pegava os copos de café do suporte de papelão. Aquele rapaz mexia com alguma coisa dentro de mim; ele fazia com que meu lado encabulado aflorasse, ao mesmo tempo em que trazia à tona uma parte nem tão recatada assim, ainda que só de vez em quando. Era confuso demais.

Ele sorriu para mim e se sentou ao meu lado, apoiando os copos do lado do prato na mesa de centro.

— Costuma madrugar? Acordou cedo demais — perguntei enquanto sentia o sabor

amanteigado da massa do *croissant*. Não sei como ele soube, mas, para mim, esse era o melhor lanche já feito, tudo o que eu precisava naquela manhã.

— Não. — Ele tomou um gole do chocolate. — Não consigo dormir muito quando passo a noite na casa de outra pessoa.

Assenti e comemos em silêncio. Quando acabei, juntei os pratos e os deixei na pia.

— Obrigada pelo café da manhã. Foi maravilhoso e, se quer saber, *croissant* é meu favorito — revelei.

Caleb deu um sorriso tão caloroso que a temperatura do meu corpo aumentou consideravelmente. Meu coração pulou uma batida quando ele se aproximou e deixou um beijo casto em minha bochecha.

— Era o mínimo que eu podia fazer por ter me deixado ficar de novo — sussurrou perto da minha orelha.

Ele tinha que parar com isso, senão não haveria sanidade em mim para contar história. Caleb se afastou e pegou a mochila.

— Preciso ir embora agora. Obrigado por tudo.

Assenti.

— Eu é que agradeço pelo café. — Sentia-me uma vitrola tocando um disco riscado, repetindo tudo o que ele dizia, mas não sabia o que mais falar. — Até segunda, querido.

— Até segunda, Lírio.

A porta bateu, e um calafrio passou pelo meu corpo. Não senti o vento porque sabia que não tinha relação alguma com o frio lá fora.

Capítulo 5

Passei o sábado inteiro limpando a casa e recusando convites para sair com Alice e Jennifer, como já era de costume. Lice sabia por que eu agia dessa maneira, mas não parava de me chamar da mesma forma. Não entendia, talvez ainda tivesse uma esperança que nem eu mesma tinha.

Sentia-me muito estranha quando saía, principalmente quando estava em multidões. Costumava adorar sair para baladas, só para dançar. Pedro odiava me levar, mas o fazia porque eu pedia. Mas desde que ele... Bom, desde que ele se foi, nunca mais me senti confortável para voltar a uma pista de dança, fosse ela qual fosse.

Não fazia sentido, mas... Pedro não estava mais comigo, e poucas coisas faziam sentido sem ele ao meu lado. Um exemplo terrivelmente claro era que eu me sentia muito confortável nas sextas à noite, com todos da empresa ao meu redor, mas não ficava bem em nenhum outro lugar.

Por todos esses pensamentos que se entrelaçaram às minhas memórias, passei o sábado todo recusando os convites das meninas e, ainda por cima, tentando colocar tudo o que rodava na minha cabeça em seu devido lugar.

Não posso dizer que foi fácil. Principalmente porque pensar em tudo o que vinha acontecendo me fez ficar ainda mais confusa.

No domingo à noite, depois de recusar o quinto convite para sair, dessa vez de Jenny, sentei em frente à TV, pedi uma pizza e liguei em uma série que já tinha começado e estava ansiosa para voltar a assistir. Estava em uma parte particularmente interessante quando meu celular apitou com uma mensagem. Olhei no visor: Caleb.

Caleb [20:11h]: *Precisava passar ai pra pegar minhas luvas, esqueci de novo.*

Pisquei para a tela do celular por alguns segundos antes de esticar o pescoço e procurar algum par de luvas. Mas eu tinha arrumado a casa toda e não achei nada que não fosse meu.

Eu [20:13h]: *Acho que mandou pro número errado, tu não esqueceu nada aqui.*

Logo veio a resposta:

Caleb [20:13h]: *Desculpa! Era pra eu ter mandado mensagem pra uma outra pessoa. Só ignora. Tudo bem ai?*

Eu [20:14h]: *Tudo... Estava terminando de assistir a série que te falei ontem, mas tu interrompeu bem na parte mais importante.*

Sorri e ouvi a campainha tocar, provavelmente o cara da pizza. Deixei o celular de lado e fui buscar minha janta. Peguei um prato no balcão, apoiei a caixa em cima da mesa de centro e pesquei um pedaço. Estava prestes a dar *play* na série de novo quando outra mensagem chegou:

Caleb [20:22h]: *Desculpa se te interrompi, mas tu sabe que o amigo dele morre, não é?*

Isso me enfureceu, ele sabia que eu odiava *spoiler*! Continuei respondendo às suas mensagens, xingando Caleb de todos os nomes dos quais conseguia me lembrar. Porém, depois de um tempo, comecei a rir quando me lembrou que eu tinha dito o que aconteceria no filme ao qual ele assistia semana passada.

Foram tantas risadas bobas e assuntos aleatórios durante boa parte da noite, até esqueci da série. Quando percebi, a TV tinha desligado automaticamente e já passava das duas da manhã. Além do mais, comi quatro pedaços de pizza sem nem perceber.

Como que ~~algumas~~ várias mensagens podiam me fazer perder a noção do tempo desse jeito?

Eu [02:14h]: *O papo está ótimo, mas preciso ir dormir. Quer dizer, nós dois precisamos.*

Caleb [02:14h]: *Égua, nem percebi que já era tão tarde. Tu me tira do foco.*

Eu [02:15h]: *Ah, agora a culpa é minha? ;P*

Caleb [02:15h]: *A culpa vai ser sempre sua por eu não conseguir me concentrar.*

Eu [02:15h]: *E pq isso?*

Caleb [02:16h]: *Pq tu não sai da minha cabeça por um segundo sequer.*

Mesmo sozinha, mesmo debaixo das cobertas e mesmo que ele não tivesse dito isso para mim pessoalmente, senti meu rosto esquentar. Um sorriso bobo tomou conta dos meus lábios como tem acontecido desde a primeira mensagem. Várias cenas passaram na frente dos meus olhos, como Caleb brincando e dizendo aquelas cantadas baratas duas semanas atrás, ou quando ele me pediu um beijo, ou quando fez café da manhã para mim.

Essas imagens aqueciam meu coração, mas não podia encorajar esse tipo de sentimento se eu mesma não queria dar vazão para o significado das batidas falhas do meu coração. Então escrevi o que sabia que encerraria o assunto naquele momento:

Eu [02:20h]: *Boa noite, querido.*
Caleb [02:22h]: *Boa noite, Lírio.*

*

Segunda-feira, o algoz de todo cidadão, o desespero de todo trabalhador assalariado. O vilão de qualquer um que não esteja de férias ou não seja um herdeiro podre de rico.

Eu achava um dia ruim, mas não chegava a tanto. Quinta e domingo eram piores. Quinta porque já estava exausta e ainda tinha a sexta todinha para trabalhar. Domingo porque o dia de descanso já estava acabando e logo a semana começaria novamente.

Pensar no domingo era lembrar do que Caleb tinha me falado na noite anterior, e isso fez meu rosto esquentar de novo. Mas por que não conseguia tirá-lo da minha cabeça? Eu não deveria, não poderia me deixar levar por isso, precisava manter os pés no chão.

O amor não servia para nada além de nos fazer sofrer, e eu bem sabia tudo o que esse sentimento maluco tinha feito comigo.

Mas espera, quem falou de amor? Bufei. *Ninguém disse que Caleb me amava, e é muita presunção da minha parte achar isso por causa de dois quase-beijos e algumas palavras fofas,* pensei ao mesmo tempo em que abria as portas de vidro do escritório.

Meu pensamento estava tão focado nas palavras – e nos lábios – de Caleb enquanto fazia café que nem percebi Alice parada do meu lado.

Uma das coisas das quais nunca reclamei na minha aparência era o tom quase branco que meu cabelo tinha naturalmente. Ele me dava a possibilidade de brincar com todas as cores do arco-íris que queria – e eu nunca perdia a chance. Mas o cabelo de Alice era um dos mais bonitos que já tinha visto na vida.

Claro, ela cuidava dos fios como se fossem seu bem mais precioso (e eu não duvidava de que pensasse dessa maneira); estavam sempre impecáveis. Lice tinha a pele escura e seus cachos eram brilhantes e modelados, como se ela ficasse horas com um *babyliss* pequeno. A textura, a forma como minha amiga o ajeitava, tudo me chamava a atenção, e não eram poucas as vezes que eu ficava meio hipnotizada olhando para os fios anelados. Alguns meses atrás, Lice fizera luzes, então, ela aparentava estar pronta para uma sessão de fotos quase todos os dias, e eu queria morrer quando aparecia de turbante e os escondia.

Lice passou por aquela fase adolescente de querer alisar o cabelo e o manteve assim por muitos anos. Quando decidiu deixar os fios voltarem a cachear (por muita insistência minha e de Jenny), ela usou o turbante por tanto tempo que virou um costume. A garota dizia que era mais prático quando não tinha tempo de arrumar o cabelo como fazia todos os dias, apesar de saber que fazer os nós da forma correta no pano não era tão fácil assim.

— Para de babar no meu cabelo e me conta o que te deixou tão aérea — Lice interrompeu meus devaneios.

Ela sempre era direta, e eu gostava disso, era a essência da nossa amizade. Dei risada.

— E como tu sabe que eu estava babando no teu cabelo? — perguntei com uma sobrancelha erguida.

Alice encostou no balcão da copa, ergueu sua própria sobrancelha e cruzou os braços, sem falar nada. Ela parecia uma divindade negra que tinha saído dos livros de mitologia – e se vestia dessa forma porque aprendeu a ter um orgulho danado das suas origens.

Ela usava uma blusa amarela com estampas angulares em vermelho, verde e marrom. As mangas iam até os cotovelos e a barra até a metade das coxas, cobertas por uma calça preta. Calçava uma sapatilha amarela que fazia o par perfeito com a blusa. Seus braços eram adornados com muitas pulseiras douradas e brilhantes que tilintavam ao menor movimento, e as argolas, também douradas, que pendiam de suas orelhas eram tão grandes que batiam em seus ombros. O lenço amarelo que Lice usava na cabeça como uma tiara me fazia lembrar uma das deusas africanas que sua mãe tinha espalhadas pela sala.

Levei um tempo tentando lembrar o nome da divindade que eu particularmente admirava muito.

— Ó, senhora Oxum, ó poderosa! — Fiz uma reverência longa, e ela começou a rir. — A senhora deusa do amor é a mais sábia criatura do mundo, só não sabia que era clarividente também.

— Posso ser uma deusa, mas não sou clarividente, só conheço minha melhor amiga há, pelo menos, vinte anos. — Alice balançou a mão como se o elogio lhe coubesse muito bem e ela soubesse disso. — O que aconteceu contigo? Faz alguns dias que tu anda meio desligada.

Lice me olhava com preocupação. Mesmo depois de tantos anos de amizade, ainda me surpreendia quando ela mostrava algum tipo de sentimento em relação a mim.

Cresci sozinha e a conheci alguns dias antes do primeiro dia de aula no fundamental. Não ficamos amigas de primeira; inclusive, a menina fazia questão de transformar minha vida em um inferno por eu ser órfã.

Na terceira série, uma professora nos colocou juntas para fazer um trabalho sobre a história da África, e nos unimos como jamais pensamos que faríamos. Era um dos motivos pelos quais eu conhecia uma quantidade razoável de deuses africanos, de por que ela não se ofendia quando eu a comparava com as divindades. Ela sabia que era forma de elogiá-la.

— Não é nada, Lice, relaxa — eu disse, já virando para minha mesa. A garota tinha a péssima mania de ler meus sentimentos pelos olhos se eu ficasse muito tempo olhando para ela, e

eu não estava preparada para falar nada sobre o que estava acontecendo entre Caleb e eu.

Afinal, tinha realmente alguma coisa acontecendo entre a gente?

Balancei a cabeça. Precisava focar no trabalho, que não era tão simples quanto os últimos: logos e algumas ilustrações. Dessa vez, fui responsável pela criação da identidade visual de uma nova loja de roupas. Era relativamente simples e não fazia exatamente parte da minha área, porém, com a falta de pessoal capacitado para essa função e os três meninos, Caleb, João e Rogério, ocupados com outros projetos, sobrou para a única ilustradora formada em *design* gráfico.

No caso, euzinha mesmo.

Ao sentar na minha mesa, liguei o monitor, e um vulto atrás dele me fez erguer o olhar. Caleb me encarava com um sorriso no rosto.

— Bom dia, Lily — percebi que não me chamava de Lírio na frente dos outros. Não sabia como me sentir quanto a isso.

— Bom dia, Caleb — Sorri de volta para ele.

Peguei minha mesa de desenho e meus fones de ouvido. Comecei a estudar Mystique, a tal loja. Era bom focar em uma coisa só, fazia minha consciência e meu coração aquietarem um pouco e me deixarem em paz.

Era uma loja de roupas e outros produtos esotéricos, como mandalas, incensos e velas. Por isso, obviamente, tudo o que era roxo saltava à mente, que era uma cor que remetia à magia. Peguei um bloco com folhas não pautadas e comecei a rabiscar alguns esboços tanto para o logo quanto para a fonte. Algo parecido com *Lucy in the Sky with Diamonds*, aquele vídeo doido que os Beatles fizeram. Só que roxo.

Não sabia exatamente como ficaria, mas gostava de brincar com as cores. Então, puxei os lápis de cor que ficavam no pequeno gaveteiro de plástico em cima da minha mesa e deixei minha mente vagar pelo mar de ideias que me vinham naquele momento.

Pelo menos ali, perdida em meus próprios *insights* e criações, consegui encontrar um pouco de paz.

Capítulo 6

Quinta-feira, 17:30h. Meu desespero para terminar aquele dia era palpável para qualquer um que estivesse disposto a passar três segundos ao meu lado.

A dona da loja de roupas rejeitou meu projeto quatro vezes. Aquela era a última chance dela, eu já não tinha mais ideias para colocar no papel.

Ou no monitor.

Ou na mesa de desenho.

Sentei em uma das cadeiras da copa e apoiei os cotovelos na mesa. Enganchei os dedos nos cabelos e tentava fazer com que a enxaqueca súbita fosse embora do mesmo jeito que viera: de repente.

— Tudo bem aí? — Caleb apareceu atrás de mim, com certeza atraído pelo cheiro do café fresco que João tinha acabado de passar.

— Tudo, tudo sim — respondi, desviando o olhar.

Ele parecia inegável e especialmente bonito hoje. Seus cabelos ainda estavam presos com gel e usava *jeans* rasgados no joelho. A camiseta branca estava colada em seu peito, e uma camisa xadrez azul completava o look junto com um *All Star* preto surrado.

Caleb abriu a boca para falar alguma coisa, mas Rogério o chamou e ele disse que era só procurá-lo se eu precisasse. Assenti, e meu amigo se foi. Fiquei olhando-o se curvar atrás do computador do colega para ajudá-lo com qualquer coisa que fosse e bufei.

Se eu dissesse que o único motivo do meu estresse era a chata da dona da Mystique, estaria mentindo. Mordisquei o canto da unha enquanto me perdia em pensamentos perigosos ao deixar os olhos vagarem pelo homem que, repetia para mim mesma com frequência, *trabalha na minha frente todos os dias.*

Caleb me mandou mensagens todas as noites da semana, e todos os dias voltei com ele de trem. Era óbvio que ele queria se aproximar mais de mim.

E o que mais odiava é que eu estava amando essa proximidade repentina. Adorava que gostasse das mesmas coisas que eu, que podíamos ficar conversando sobre qualquer um desses assuntos durante horas.

Todas as noites, antes de nos despedirmos para dormir, ele soltava alguma gracinha: ou dizia que meu cabelo estava bonito demais naquele dia ou que tinha gostado da minha blusa. Chegou até a dizer, no dia anterior, que meu perfume era bom demais e que tinha se tornado sua fragrância favorita. Tudo o que me dizia, me fazia perder a fala. Eu só tentava controlar a palpitação no peito, dizia o que sabia que encerraria nossa conversa. "*Boa noite, querido.*"

De alguma forma, aquela expressão se transformou em uma espécie de "frase de segurança" para mim. Usava quando ele ficava atirado demais e eu não sabia como reagir.

O problema de verdade começava quando eu desligava o celular. Praticamente me escondia nas cobertas, como se elas pudessem me proteger do que agitava meu coração dentro do peito. Tentava ler um livro que, desde o começo da semana, se manteve intocado na mesa de cabeceira, porque não conseguia me concentrar em uma palavra sequer.

Minha mente vagava até o remetente das mensagens que apitavam no celular. Por causa disso, nenhuma cena do livro se projetava na minha mente, como costumava acontecer quando lia. Muito pelo contrário: a única pessoa que tinha, como dizia Jenny, *alugado um triplex na minha mente* era Caleb.

Nem mesmo a neve, *nem o raio da neve*, que caía como se Joinville fosse na Europa conseguiu prender minha atenção. E isso era frustrante demais. A única coisa que conseguia

segurar meu foco era o trabalho – mas isso somente se os fones estivessem quase no volume máximo. Recebi alguns puxões de orelha durante a semana, exatamente porque não prestava atenção no que ninguém falava.

— Bom, agora tu vai ter que me dizer o que está acontecendo contigo — Alice se sentou do meu lado, me trazendo de volta para o presente e dando outro puxão de orelha de brinde. — E sem desculpas! Algo está errado, e tu não pode esconder isso de mim.

— Eu não sei do que tu está falando — balbuciei, sem olhá-la nos olhos.

Alice balançou a cabeça e cruzou os braços, com preocupação em seus olhos.

— Amiga, tu está com a mente longe. Pra alguém conseguir sua atenção, precisa de pelo menos uns dez minutos! Tu nunca foi assim, Lily!

— É o serviço, a dona da Mystique tá me deixando doida.

Era uma desculpa muito esfarrapada, e ela sabia. Por isso, Lice revirou os olhos e me encarou. Olhei para o rosto preocupado dela e me dei por vencida, mas não sabia como dizer o que sentia naquele momento. A garota tinha razão, eu não podia esconder nada e talvez, quem sabe, ela pudesse me ajudar. *Ou piorar tudo*. As coisas com Alice eram muito incertas. Ou ela diria exatamente o que eu precisava ouvir ou me deixaria mais confusa, não havia um meio-termo.

Respirei fundo e desviei os olhos dos dela antes de falar, afinal, não custaria nada tentar. Senti que minhas mãos ficaram úmidas e abaixei-as, secando-as na barra da saia roxa. Encarava a flanela colorida, incapaz de olhar para Lice. Minha meia-calça preta parecia pinicar mais a cada segundo que passava.

— Caleb dormiu lá em casa de sexta pra sábado na semana passada. E na retrasada também.

Soltei tudo muito rápido, sem ter certeza de que Lice entendera. Meu coração bateu um pouco mais rápido, mesmo sem eu saber por que. Sentia-me prestes a entrar em um interrogatório.

— *Arrá*! Eu sabia que tinha algo acontecendo entre vocês! — ela exclamou, batendo a mão na mesa, como um bêbado em um bar da esquina que acaba de ganhar uma aposta de sinuca. Além disso, a garota apontava o dedo na minha direção.

Levantei de súbito e cobri sua boca com a mão.

— Pare de *bobiça*, guria! Não tem nada entre a gente! — cochichei, talvez um pouco mais alto do que seria o ideal para um sussurro, muito mais nervosa do que era comum.

— Égua, como não? — Lice conseguiu se desvencilhar do meu aperto. — Se não tivesse nada mesmo, tu não estaria desse jeito.

Voltei para a cadeira e brinquei com um fio solto da toalha que cobria a mesa.

— Não tem nada entre a gente, Lice, ele dormiu no sofá.

— Então por que ele ficou na sua casa?

Expliquei em poucas palavras o que havia acontecido nas últimas duas semanas, e ela ouviu pacientemente. Acho que percebeu que eu não estava em meu estado normal, porque não conseguia manter as mãos paradas.

— Tu sabe que desde que Pedro... Desde que... — Seis anos se passaram e eu ainda não conseguia falar sobre aquilo. Olhei para ela. Alice assentiu, segurando minha mão. — Nunca mais consegui chegar perto de ninguém. E Caleb tem... dado a entender que talvez queira algo comigo.

Alice me olhava tão preocupada quanto antes.

— Amiga, tu não pode se fechar para o mundo por causa do que aconteceu com Pedro. Já

fazem tantos anos, precisa viver.

Um arrepio passou pela minha coluna e não consegui pensar em nenhum argumento válido. Dei de ombros e me encolhi em mim mesma, como se pudesse desaparecer naquele instante. Lice continuou:

— E se Caleb parece querer ter algo a mais contigo, por que não? E ele é um cara legal, educado, simpático e tão bonito...

Sorri quando ela disse isso, mas uma voz cortou meus pensamentos. Senti meu estômago gelar.

— Meu Deus, quem é esse cara tão maravilhoso que merece tantos elogios assim? — Caleb entrou na copa com João e Jenny à tiracolo.

Lice olhou para mim por meio segundo antes de responder:

— Um cara que eu conheci por aí...

Encarei João na hora para ver a reação dele. O rapaz crispou os lábios em uma linha fina, mas não falou nada. Alice também me devia algumas explicações, e eu cobraria em algum momento. Obviamente não agora, mas ela tinha assuntos pendentes comigo também.

Talvez a gente conversasse quando eu conseguisse colocar a cabeça no lugar, o que poderia significar nunca.

— Hum... Tá bom. Amanhã tá de pé ainda, né? — Caleb parecia animado, até demais. Ele tinha um sorriso enorme no rosto e, quando seu olhar demorou meio segundo a mais em mim, piscou um olho de forma discreta. Logo, meu rosto já devia estar parecendo o esmalte que eu usava, no melhor estilo clássico: Gabriela com Tanga.

— Claro! — Jenny interveio, indo até o ponto bater seu cartão. — Que pergunta, a gente faz isso toda sexta há mais de três anos!

Caleb respondeu algo relacionado à necessidade de confirmar sua agenda, e João perguntou o que faríamos se tivesse algum compromisso. Dei risada e olhei para eles, brincando e sorrindo à toa. Vi todos fazerem uma fila onde o relógio de ponto ficava, ao lado da pia da copa (o que nunca fez sentido nenhum para mim, porque a agência não era tão pequena assim para que tudo ficasse tão amontoado).

Bati o ponto e peguei minha bolsa, observando João apoiado na pia, rindo das piadas de Caleb. Jenny e Lice vestiam seus casacos para enfrentar o vento que estaria cortante lá fora, com certeza.

Mesmo que algum deles soubesse, de verdade, o que significavam na minha vida, jamais entenderiam de fato. Aquelas pessoas eram minha terceira tentativa de montar uma família – misturada com a primeira, que foi Jenny e Alice. Observar a interação do pessoal fez com que meu coração se acalmasse um pouco, mas outra preocupação nasceu em minha mente: não sabia se estava preparada para arriscar tudo o que tinha ao responder às investidas de Caleb.

Capítulo 7

Com a graça de todas as divindades que existem no universo, a chata da Mystique aceitou a última ideia que tive em uma reunião realizada na sexta-feira, às 17h.

Um horário péssimo, porque me deixou presa em uma onda de ansiedade, nervosismo e exaustão o dia todo. E, na hora da reunião, ainda fui obrigada a ouvir a cliente criando defeitos onde não existiam.

Além de falar mais do que seria o aconselhável para qualquer ser humano, Zoe – a dona da tal loja – gesticulava e se mexia muito, quase derrubando o projetor que era apoiado no centro da mesa em um momento. Ela bateu no aparelho com as mangas muito longas da túnica azul royal, largamente estampada com enormes luas e estrelas, como aquelas velas que eram moda nos anos 90.

Mas, o projeto foi aceito, o dinheiro estava na conta da empresa e a comissão na minha. Todos saíram felizes. Uma lágrima de alívio quase escorreu pelo meu rosto quando bati o ponto às 18h, mas consegui contê-la.

Estava tão exausta que cogitava, pela primeira vez em muito tempo, pular o *happy hour* e ir direto para casa. No entanto, sabia que Alice e Jenny me amolariam por causa disso. Dei, então, outra sugestão enquanto esperávamos o semáforo abrir para atravessarmos até o bar de costume, o *Amigo Paul*.

— E se a gente fosse para a minha casa direto em vez de pararmos no bar? Estou tão cansada! Acho que a única coisa que vai me acordar vai ser um banho e meu conjunto de moletom.

Todos me olharam com curiosidade, como se eu estivesse sugerindo uma viagem para a Terra Média. No final das contas, meus amigos pareceram se lembrar do motivo de eu estar tão cansada ao me olharem dos pés calçados com as botas mais surradas ao cabelo preso de qualquer jeito.

— A gente pede pizza, e vai sair mais barato do que se ficássemos aqui.

Alice levantou uma sobrancelha e eu desviei o olhar, por algum motivo que nem eu mesma entendi. Mas ele se fez presente em minha mente quando Caleb concordou comigo:

— Eu também não quero ficar nesse frio, não. — Ele abraçou a si mesmo e agitou as mãos, como se aquele curto movimento fosse o suficiente para se aquecer. — Eu topo.

Vi um sorriso malicioso brotando nos lábios de Lice antes que ela concordasse, e João e Jenny não tivessem outra escolha. A garota parecia saber o verdadeiro motivo de eu ter chamado eles para minha casa de livre e espontânea vontade, mas escondeu muito bem. E eu continuei fingindo que não era nada além da necessidade de um banho quente.

Pegamos o trem na rua de cima, em uma viagem curta e recheada de palhaçadas e risadas. Obviamente, todos viram Zoe na agência, então ela era a pauta. Eu, que geralmente os censurava por zombar dos clientes, não conseguia evitar ajudar com as piadas sobre o cabelo superarmado e malcuidado...

— Parece que ela lava o cabelo com sabão de coco, no tanque — falou Jenny.

... as bijuterias excessivas...

— Onde ela vai com aquilo tudo? Um desfile de carnaval na Sapucaí? Avisa pra bateria que não precisa de pandeiro — João zombou.

...e a maquiagem extremamente exagerada.

— Levei minha irmã mais nova no circo semana passada e o palhaço estava menos pintado do que ela — Alice disse enquanto nos mostrava as fotos com Carina.

— Sabem que vão para o inferno, não sabem? — caçoei quando entramos no trem, olhando de forma desdenhosa para meus amigos.

— E desde quando tu acredita em carma, Lily? — Caleb perguntou com a sobrancelha arqueada.

— Desde que o papo da moça do orfanato que falava sobre as pessoas terem energia começou a fazer sentido. — Dei de ombros e me encostei na porta do trem, que estava razoavelmente cheio.

Não olhei para eles. Todos sabiam que eu havia crescido em um orfanato, mas pareciam fazer o possível para não mencionar o assunto. Eu não tinha problema nenhum com essa parte da minha vida. Os traumas, eu sabia, vinham de bem depois de eu ter saído do abrigo.

Em determinado momento, senti Caleb perto de mim, perto *demais*.

Ultimamente, ele andava perto demais com certa frequência, o que me causava sérios episódios de taquicardia. Respirei fundo e tentei me deixar envolver pela conversa. Graças aos céus, já tínhamos saído do tópico "Zoe" e agora, falávamos da cidade, que logo começaria a lotar com os turistas que vinham para o inverno.

— Ah, não, eu não aguento essa cidade cheia mais uma vez. Quem suporta tudo lotado de novo? Duas horas pra ir ao mercado, mais duas pra chegar na Visconde de Taunay... que é a menos de uma hora daqui! — explodiu Jenny.

Se tinha uma coisa que todo mundo aprendera com o tempo era não irritar Jennifer, principalmente quando havia algum imprevisto relacionado a prazos ou coisas que poderiam levar mais tempo do que seria o comum. Ela era uma das pessoas mais objetivas que eu já tivera a oportunidade de conhecer, e o fato de a garota acabar sendo até mesmo rude com quem não conhecia seu jeito era um grande indicativo do gênio forte que minha amiga tinha.

— Mas as pessoas só vêm pra cá pra aproveitar o festival de dança... O que mais elas fariam aqui? — Caleb perguntou.

— Não sei, mas, égua, não precisava vir metade do Brasil. Só existe dança aqui? Não tem nenhum outro tipo de festival de dança no país inteiro?

Não prestava muita atenção na conversa deles, apesar de a explosão de Jennifer capturar minha atenção por um momento e um sorriso se espalhar pelo meu rosto. Mas uma freada brusca do trem tirou meu equilíbrio, e Caleb me segurou. Ele quis saber se estava tudo bem, e eu assenti. Como se para evitar que eu caísse novamente, passou um braço pela minha cintura, e isso me fez estremecer.

— Está com frio? — murmurou, para que somente eu ouvisse.

Neguei com a cabeça, e ele voltou sua atenção para o grupo, que tentava argumentar com Jennifer. Apesar disso, manteve seu braço ao meu redor.

Caleb sempre foi muito carinhoso, não apenas comigo, mas com Lice e Jenny também. Então, não era de se espantar o gesto. Só que, com tudo o que vinha acontecendo ultimamente entre nós, talvez eu estivesse notando demais a proximidade entre a gente, o cheiro do seu perfume cítrico que, mesmo no meio do inverno, me fazia lembrar do verão.

Descemos na estação e, em poucos minutos, chegamos na minha casa. O inverno já tinha mostrado seu propósito naquele ano e só quando o restinho de sol baixou no horizonte lembrei que o aquecedor estava quebrado. Não tinha comprado outro ou mandado arrumar o velho.

João foi o primeiro a apontar o defeito do aparelho quando entramos, e eu dei de ombros enquanto deixava a bolsa em cima do balcão.

— Morreu de vez? — indagou meu colega, e ouvi a risada de Caleb no fundo.

— Foi, semana que vem vai ser o velório, acho que está na hora de enterrar esse fóssil.

Provavelmente algum arqueólogo o encontre daqui alguns anos e o leve pra estudo — respondi, sem nem me importar com esse detalhe em particular naquele momento. — Bebe que esquenta. Eu vou pro banho, meus ombros estão implorando por um pouco de atenção.

Todos deram risada e, antes que eu entrasse pelo corredor, voltei e olhei para as quatro pessoas que já se apossavam da minha sala.

— Talvez fosse interessante ficarem com o casaco. Vocês não sabem o que o vento faz com essa casa.

Lice já tinha tirado seu sobretudo e exibia um vestido azul estampado combinando com o lenço que amarrava seus cachos no topo da cabeça. A garota soltou um muxoxo de desagrado. Colocou de volta o casaco, reclamando da má manutenção dos eletroeletrônicos da minha casa. Dei risada e só senti meu corpo finalmente relaxar quando entrei debaixo do jato de água quente do chuveiro.

*

Era mais de meia-noite quando Lice e João levantaram quase ao mesmo tempo e disseram que precisavam ir embora. As quatro caixas de pizza ao lado da mesa de centro estavam empilhadas de qualquer jeito, ameaçando sujar meu tapete de óleo e gordura e eu queria matar o infeliz que apoiara o copo de Coca-Cola gelada na mesa sem o suporte, porque duvidava que aquela mancha fosse sair algum dia.

Jenny suspirou e levantou, acompanhando os demais. Quando os três entraram no táxi que João tinha chamado, notei que Caleb ainda estava parado atrás de mim. Fechei a porta e olhei para ele, erguendo uma sobrancelha:

— Anda fazendo de propósito? — Cruzei os braços, tentando conter o riso. Não era algo que eu estivesse planejando, mas dizer que a ideia de ele dormir aqui em casa de novo era ruim seria mentir para mim mesma.

— Eu? Jamais! — ele levantou os braços em sinal de rendição, e eu vi uma sombra de humor em seus olhos castanhos que me fez rir.

— Vai me dizer que esqueceu do horário de novo?

— O que posso fazer? Perco a noção do tempo quando estou contigo...

Pronto, aí estava ele com as piadinhas.

Quase senti falta delas durante aquele dia. Caleb se comportou muito bem na frente dos outros, como se não quisesse que eles soubessem desse “qualquer coisa” que acontecia entre a gente. Isso se somava ao fato de ele sempre me chamar de *Lily*, e não *Lírio*. A diferença não deveria me incomodar, deveria?

— Tudo bem, tudo bem. Vou pegar a roupa de cama — cedi, já indo até o armário no corredor.

— E eu vou tentar fazer esse aquecedor pegar, DE NOVO — ele ergueu a voz para as últimas palavras, e eu senti meus lábios se curvarem.

Em nenhum momento, a possibilidade de aquele aquecedor *não* funcionar passou pela minha cabeça, simplesmente porque ela não existia. Ouvi um estalo e parecia que o dinossauro tinha, por fim, voltado à vida.

Sorrindo, abri o armário para pegar o travesseiro extra e as cobertas. Foi quando um estouro muito alto me assustou, e eu voltei para a sala, mesmo sem os cobertores. O aquecedor tinha dado seu último suspiro, e agora soltava uma fumaça de onde deveria ser o motor. Rápido, Caleb tirou o fio da tomada da parede e abanava o aparelho com uma almofada para tentar dispersar a fumaça e o cheiro de queimado que tomava o cômodo.

— Acho que agora tu pode marcar o enterro, porque ele não vai funcionar de novo — Caleb brincou.

— Ah, não, essa geringonça vai funcionar, sim! — exclamei, indo até o maldito aparelho.

Chutei, bati e tentei colocar na tomada, mas Caleb não deixou, arrancando o fio da minha mão.

— Larga de *bobiça*, ainda é capaz de dar curto e colocar fogo na casa.

Bufei e me joguei no sofá, pensando na comissão que eu tinha acabado de receber. Amanhã precisaria comprar outro aquecedor sem falta, porque não teria condição de passar o inverno nessa casa sem um, nem que fosse um daqueles portáteis. Mas agora que a possibilidade de o aparelho funcionar tinha ido pelo espaço, eu tinha outro problema em mãos.

Caleb sentou do meu lado e respirou fundo. De repente, quase não precisei do aquecedor de tão rápido que meu corpo esquentou. Eu tinha plena consciência de todos os centímetros que haviam entre nós dois naquele sofá pequeno. Meu rosto acompanhou a temperatura do resto do corpo e deve ter ficado extremamente vermelho quando soltei algo que jamais falaria em nenhuma outra circunstância, se não estivesse nessa situação pela terceira vez consecutiva:

— Se tu não se importar, minha cama é grande. Cabemos nós dois — falei baixo, rezando para que Caleb não tivesse escutado.

Mas claro que minha sorte não era tão grande assim.

Quis culpar a bebida novamente, da mesma forma que fiz nas últimas duas semanas, mas duvido que as latinhas de Coca-Cola que tomei me fariam agir dessa forma.

Mais uma vez, pude ver com um pouco mais de clareza todo o efeito que Caleb começou a causar em mim e na minha personalidade. Infelizmente, não sabia dizer se isso era algo bom ou ruim.

O moreno se virou para mim em um movimento brusco, como quem não acredita no que o outro fala, e eu não olhei para saber qual era sua expressão. De repente, a pele que levantou ao lado da unha do meu dedo indicador esquerdo era muito mais importante do que qualquer outra coisa.

— Tem certeza disso? — murmurou.

Mesmo não olhando para ele diretamente, senti-o se retesar ao meu lado.

Respirei fundo antes de tomar coragem e assentir, encarando-o no fundo dos olhos. Mas talvez tenha me arrependido daquela decisão, porque o que vi naquele instante fez meu coração bater mais rápido. Agradeci por estar sentada, pois meus joelhos amoleceram na hora.

Era uma expressão que misturava desejo e mais alguma coisa na qual eu não queria acreditar. Podia lidar com piadas, investidas e cantadas, e quem sabe com um Caleb que me desejasse. Mas se esse desejo se tornasse algo mais...

Ele se levantou e estendeu a mão para mim. Ergui-me e fui até o armário pegar o que chamava de minha *manta-salva-vidas*, uma coberta térmica que Alice trouxera para mim da Europa, pesadíssima. Claro que dois corpos na mesma cama significavam mais calor humano, mas o vento que passava por debaixo da porta e pelos frisos da janela era tudo, menos humano, e me congelava. Usar todos os cobertores era a última alternativa.

Fui até meu quarto com as cobertas e as estiquei em cima da cama. Tinha quatro edredons ali, além do lençol e da manta. Se a gente passasse frio naquela noite, eu ia ter uma conversa séria com Deus quando morresse, porque não era possível.

Lembrei que Caleb estava de calça *jeans* e perguntei se queria uma de moletom. Não sabia como ele vinha dormindo no sofá, mas era no sofá e eu não tinha nada com isso. Hoje dormiria na minha cama, e eu não queria ver nada que não devesse. A imagem de Caleb só de

boxers (por que minha mente assumiu que ele usava uma preta?) fez meu rosto esquentar mais do que antes e agradeci mentalmente por estar virada para o armário. Caleb disse que não ia ser má ideia e, analisando seu tamanho, só uma roupa caberia nele e não era nenhuma das minhas.

Abri a única gaveta do armário na qual não mexia há quase cinco anos e tirei uma calça masculina de moletom. Por algum acaso, me lembrei de cheirar a peça e me surpreendi por ainda estar com o aroma do amaciante, não de mofo.

Eram cinco anos, afinal de contas. Apesar disso, parecia que a roupa tinha acabado de sair da secadora. Tentei fingir que era algo normal, mesmo com o coração entrando em uma batalha intensa sobre qual sentimento iria me dominar.

Pela primeira vez em muitos anos, me senti cansada de uma forma que percebi não se relacionar com o sono. Encascalhada mesmo. *É da semana puxada, óbvio que estou cansada,* pensei.

— Quer uma camiseta também? — perguntei em voz baixa. Não olhei direito para aquelas roupas, nem sabia por que as tinha guardado.

— Pode ser.

Peguei a que estava ali e entreguei para ele. Era de manga comprida, com uma estampa engraçada de um desenho antigo. Caleb agradeceu e foi para o banheiro se trocar. Ofereci um banho quente e ele voltou para trás, dizendo que ia ser uma boa ideia. Mostrei onde poderia pegar uma toalha e, novamente, ele se foi.

Consegui respirar de forma tranquila somente quando ouvi o chuveiro ligar. Ia colocar minha camisola de sempre, mas achei melhor escolher outro pijama. Um de mangas e calças compridas cor-de-rosa que eu usava quando viajava era o ideal para aquele momento. Balancei a cabeça quando percebi que não sabia por que eu o guardava; afinal, mal viajava. Dei de ombros.

Entrei debaixo das cobertas, e estava colocando meu celular para carregar quando vi uma mensagem de Alice:

Lice [01:45h]: *Ele ficou aí de novo, né?*

Revirei os olhos, me arrependendo de ter contado isso para ela.

Eu [01:57h]: *Ficou. Mas vai embora cedo, como faz toda semana.*

Lice [01:57h]: *Hum... toda semana... tá sabendo bem da rotina dele, né?*

Eu [01:58h]: -.-'

Lice [01:58h]: *Deixe de* bobiça*, guria. Viva sua vida, tu merece e tem o direito de ser feliz.*

Não respondi. Não sabia como o faria, e logo a porta do banheiro se abriu. Caleb apareceu secando o cabelo molhado com a toalha que usara, e eu tentei a todo custo não olhar para seu corpo, mas não era como se eu pudesse evitar.

Senti-me um pouco melhor quando notei que finalmente havia encontrado uma serventia para as roupas antigas de Pedro, e elas ficaram ótimas nele. Contive um suspiro, e um súbito sentimento de culpa passou por mim, mas logo se foi. Pedro não estava mais entre nós para usar aquelas roupas, então por que não deixar que outra pessoa as vestisse?

Né?

Ele pendurou a toalha nas costas da cadeira ao lado da cama, na frente da pequena penteadeira que havia ali.

Hesitou por um segundo, como se não tivesse certeza do que deveria fazer ainda. Eu assenti, e ele ergueu as cobertas.

— Meu Deus, quantos cobertores tem aqui?

— Contando com o lençol e as mantas térmicas, seis.

— Não é possível que faça todo esse frio — ele ainda estava cético.

— Tu não tem noção de como é essa casa no inverno — Dei risada e apaguei o abajur, escorregando para deitar na cama. Caleb fez o mesmo.

Ficamos deitados um do lado do outro, sem nos mexer. Senti a cama se movendo e aproveitei a deixa para virar de lado, mas acabamos ficando de frente um para o outro, cara a cara.

Aquela história da Paula sobre as pessoas terem uma energia específica voltou à minha cabeça. Eu sentia que algo emanava daquele guri. Qualquer que fosse o tipo de energia de Caleb, se infiltrava em mim e me abraçava. Fazia carinho no meu corpo, me deixava à vontade, não mais nervosa. Naquele momento, entendi que o que me deixava ansiosa era ficar longe dele, quando minha mente voava para todos os *e se*... que ela criava.

Caleb me olhava, e eu sentia que ele queria me falar alguma coisa. Ele estava com os braços cruzados em frente ao peito. Devagar, puxou um dos braços das cobertas e passou por meu rosto novamente, como fez nas últimas duas semanas. Delicado, lento, uma carícia suave da minha têmpora até meu queixo, onde deixou o polegar roçar em meu lábio inferior mais uma vez.

Meu coração já estava disparado e, no momento em que senti Caleb se aproximando de mim, ele pulou uma batida. Suprimi um gemido que quis escapar dos meus lábios e percebi que ele não olhava mais em meus olhos, mas para a minha boca.

— Me fala boa noite —sussurrou, seu hálito quente pinicando meus lábios.

Eu tinha a mente inquieta com as sensações que tomavam conta do meu corpo naquele momento e não consegui entender o que ele quis dizer.

— Como assim?

— Me fala boa noite, por favor. — suplicou em voz baixa.

Então compreendi. A “frase de segurança”. Ao que parecia, não era uma garantia só para mim.

Era nossa forma de encerrar a noite sem que alguém fizesse qualquer besteira. Fiquei em silêncio por alguns segundos. Pelo visto, Caleb estava com tanta vontade de ir dormir quanto eu, mas algum resto de força de vontade ainda residia no fundo da minha mente. Só não sabia quanto tempo ela duraria.

— Boa noite, querido — murmurei, perto demais.

Caleb soltou o ar. Não percebi que ele o estava segurando até que um sorriso triste tomou conta dos seus lábios e ele se virou para o outro lado antes que eu pudesse falar alguma outra coisa.

Quando estava quase adormecendo, ouvi-o sussurrar:

— Boa noite, Lírio.

A noite estava encerrada. Por ora.

Capítulo 8

Pela primeira vez desde que tinha me mudado para aquela casa, não acordei com frio. Durante o inverno, eu quero dizer. Minha mente demorou para registrar esse acontecimento inédito, e talvez por isso eu não tenha percebido de primeira que estava aquecida por algo além das cobertas que estavam em cima de mim.

Bom, não em cima, mas envolvendo meu corpo por inteiro, quase como um sétimo cobertor. Estava confortável demais para o meu próprio bem, por isso demorei a abrir os olhos e me tocar do que estava acontecendo. O coração disparou quando a consciência finalmente me alcançou o suficiente para que eu notasse que havia braços fortes me envolvendo. Caleb me abraçava, e eu não podia chamar nosso abraço inconsciente de qualquer outra coisa que não fosse uma conchinha muito apertada.

Eu sentia seu corpo inteiro me envolvendo, dos braços que apertavam minha cintura, ao queixo que estava escondido na minha nuca e às pernas enroscadas às minhas.

Não sei se pelo frio ou por estar realmente aconchegada e acolhida ali, de uma forma que não me sentia há muitos anos, não quis me mexer. Estava tão bem naquela posição... Era sábado, no final das contas. Podíamos dormir até mais tarde, e o relógio marcava só sete da manhã.

Fechei os olhos novamente e deixei a respiração pesada de Caleb no meu ouvido me embalar em mais um sono tranquilo – e quentinho. Uma voz fraca me dizia que aquilo não era certo, que eu nunca deveria tê-lo chamado para dormir comigo na cama. De novo, senti o peito pesar a culpa por ter outro homem na cama me dominar, mas... Por que isso era tão errado assim? Eu mesma não *me* entendia e sentia que esse embate ainda acabaria comigo. Era uma batalha árdua entre o coração e o cérebro e, naquele momento, quis deixar meu coração tomar a decisão, apesar de saber que a culpa iria me corroer quando Caleb fosse embora.

Ele suspirou, e seu hálito quente esquentou minha nuca, fazendo com que meu corpo respondesse, se arrepiando inteiro, antes mesmo que o cérebro pudesse processar suas reações. Meus olhos se fecharam pelo cansaço repentino e não consegui dar ouvidos àquela voz quando senti o sono dominar minha mente mais uma vez.

*

— A senhora é parente de Pedro Farias?

Minha cabeça estava pesada, e eu não conseguia manter os olhos abertos por muito tempo. Com muita dificuldade, ergui o olhar para quem quer que estivesse falando comigo naquele momento e encontrei uma menina, talvez da minha idade, vestida de branco, com uma máscara descartável pendurada em uma orelha só.

— Sou namorada. — murmurei. Logo depois, lembrei daquele título com o qual sempre me confundia. — Noiva. Sou noiva dele.

A moça, que eu supus ser a enfermeira, concordou com a cabeça, anotando algo na prancheta. Em seguida, ela se agachou até que estivesse com os olhos na altura dos meus. Eu estava sentada na sala de espera há mais de quarenta minutos.

— E qual seu nome?

— Lily Diniz.

— Lily?

— É... Lírio, em inglês. — sussurrei sem vontade.

Era a desculpa padrão, que eu dava de forma automática quando me questionavam sobre um nome que era um apelido ou parecia associado a outro idioma. Todos perguntavam,

sempre. Estava na ponta da língua.

— Bom, Lily, meu nome é Carolina e sou enfermeira aqui do Hospital Santa Helena. Não tenho boas notícias pra ti.

Assenti com a cabeça, já sentindo meus olhos se encherem de lágrimas, mas nada disse. Ela continuou:

— Sei que tu já recebeu a notícia de que o Pedro faleceu de forma instantânea com o impacto que a motocicleta...

— Da Harley — interrompi-a de forma automática.

— Desculpe?

— Da Harley. Ele tinha uma Harley Davidson. Não era só uma motocicleta, e ele odiava que a chamassem disso.

Minha voz não era mais do que um suspiro, mas a mulher pareceu entender o que eu dizia. Odiava aquela maldita motocicleta, mas Pedro a adorava. Carolina suspirou e se sentou ao meu lado. Sem que eu esperasse, ela segurou minha mão antes de voltar a falar.

— Consigo imaginar o que ele significava pra ti, mas existem algumas decisões que precisam ser tomadas. Agora.

As lágrimas já não eram poucas e eu sentia pontadas violentas na cabeça. Balancei-a.

— A mãe dele pode tomar essas decisões — solucei. Não olhei para a enfermeira, não queria mais nenhum olhar de piedade de qualquer pessoa vestida de branco. — Posso te passar o número dela e vocês entram em contato.

Vi Carolina assentir e ficamos em silêncio por alguns momentos.

— Acho que não te disseram isso — começou. Percebi que, desde que chegara, ela estava um pouco hesitante —, mas quando contaram pra senhora Farias que Pedro havia falecido, ela teve uma parada cardíaca e está agora internada na UTI. Neste momento, não pode tomar nenhuma decisão.

Naquele instante, pela primeira vez, quis estar no lugar de Pedro. Não queria estar COM ele, mas desejei, desesperadamente, trocar de lugar. Meu noivo deixava tanta coisa para trás, mas... Eu não tinha nada para abandonar, era sozinha, só tinha Pedro. Ele tinha um escritório, uma carreira em ascensão e uma família que o amava. Dona Lia estava até internada por causa do filho.

O que seria da minha vida sem meu porto seguro do lado?

Meu coração estava apertado e, quando abri os olhos, percebi um braço ao meu redor. Agarrei aquela mão e pus junto ao meu coração, tentando acalmá-lo. *Pedro está aqui, Pedro está aqui, está tudo bem.* As lágrimas escorriam pelo meu rosto e molhavam o travesseiro.

Porém, no momento seguinte, quando enrosquei os dedos nos daquele braço mais musculoso que o do meu noivo, com a pele mais escura, lembrei o quanto minha mente gostava de pregar peças.

Caleb.

Claro que não era Pedro. Não soube dizer se foi a percepção da realidade ou a rachadura em meu coração que me fez chorar ainda mais.

Tentei me acalmar para que ele não acordasse. Depois do que pensei serem poucos minutos, consegui controlar os soluços. Senti-me mais sozinha do que jamais estive na vida, mas não queria que ele percebesse nada. Não era culpa dele que minha mente só tivesse lugar para uma pessoa até aquele momento. Olhei no relógio e vi que já passavam das nove.

Agora mais calma, lembrei que Caleb sempre tinha algum compromisso aos sábados de manhã, por isso saía cedo de casa. Então, levantei com cuidado para que não percebesse que eu

já estava acordada. Precisava colocar minha cabeça no lugar se quisesse ter uma conversa minimamente civilizada com ele, sem que me debulhasse em lágrimas desesperadas.

Não era algo em aberto, isso não poderia acontecer. Jamais. Duvido que soubesse a respeito de Pedro, mas, se não, era melhor que tudo permanecesse daquela forma.

Sequei os olhos com a manga do pijama e me arrependi amargamente ao sair das cobertas. Lembrei do aquecedor que teria que comprar mais tarde ao sentir um vento gelado me arrepiar. Olhei ao redor, mas não vi nada aberto. Provavelmente eu devia voltar a colocar um pano na soleira da porta. Dei de ombros e vesti minhas botas australianas, juntamente do casaco que usei no dia anterior, ao sair do trabalho.

Levemente mais protegida do frio, deixei o quarto e mantive a porta aberta enquanto ia ao banheiro lavar o rosto para recobrar a sanidade e afastar o sono. Fui até a cozinha e coloquei a água para ferver enquanto mexia alguns ovos em uma frigideira.

Fiz um esforço gigantesco para evitar que a mente fugisse, confusa, e ficasse vagando entre o sonho e a cama mais uma vez (ou melhor, para quem estava dormindo na minha cama, para ser mais precisa). Entretanto, não era como se eu tivesse escolha. Tentei focar nos movimentos mais mecânicos: pegar o fervedor, encher de água, colocar no fogão, abrir os ovos em uma tigela e colocar a frigideira no fogão. Só que isso não era algo tão fácil assim, sabe?

O remorso que eu sentia por ainda pensar em Pedro enquanto Caleb estava na minha cama me corroía por dentro, como se fosse errado demais tê-lo aqui, mesmo que nós não tivéssemos feito nada.

Além de tudo, Caleb parecia ter algum tipo de encantamento que conseguia me deixar aérea em segundos, fazia meu coração disparar sem motivo no peito e minhas mãos suarem.

Era a mistura de sentimentos perfeita para que eu quisesse sumir pelas colinas. Mas como não podia, talvez uma caminhada me fizesse bem, e era o que eu pretendia fazer assim que ele saísse.

Tentei fazer um pouco mais de barulho do que realmente faço. Não era a forma ideal de acordá-lo, mas não sabia se conseguiria ser meiga e delicada ao chamar Caleb, como se nós fôssemos um casal. *Um casal, mofas com a pomba na balaia*[1], como dizia a diretora do orfanato. Revirei os olhos enquanto soprava uma mecha da minha franja que caíra nos meus olhos enquanto jogava a água quente no filtro de papel, já cheio de pó de café. A vergonha tomou conta do meu rosto e me perdi em pensamentos.

Por alguns instantes, permiti que o coração tomasse conta da minha visão, que projetasse as imagens que quisesse. Caleb me acordando na cama com um beijo no pescoço, suas mãos acariciando minhas pernas enquanto subia em cima de mim, todos os centímetros do seu corpo no meu, todas as células entrando em combustão espontânea...

— Está queimando.

Ouço uma voz perto de mim. Quase concordei com a afirmação, mas voltei a atenção para a frigideira dos ovos, completamente negligenciada.

— Merda! — murmurei ao mesmo tempo em que tentava desgrudar o fundo da comida. Não tinha dado tão errado assim; no máximo, teríamos alguns pedaços de ovo crocante para comer junto com os mexidos.

A risada de Caleb me deixou em um misto de vergonha e de raiva, então preferi manter a expressão neutra enquanto lhe desejava um bom dia sem olhá-lo nos olhos.

— Bom dia, Lírio.

Enrubesci de novo. *Seria possível que eu sempre agisse dessa forma na frente dele?* Balançando a cabeça imperceptivelmente, tentei puxar assunto de onde estava, para que não

voltássemos a falar de comida. Ou da gente. Percebi que ele já tinha se trocado e vestido suas próprias roupas.

— Sentiu frio essa noite? — perguntei, separando os ovos em dois pratinhos para, em seguida, puxar as xícaras do armário.

— Tinha razão, o inverno faz um serviço lindo aqui — concordou ele. A casa ainda estava gelada.

— Entendeu o motivo das seis cobertas? Não podemos nos mexer de tão pesado que fica, mas, pelo menos, tu fica aquecido.

Estendi o pratinho em sua direção e ele começou a comer enquanto eu derramava o café na xícara em cima do balcão. Tomamos o café em silêncio e, quando acabamos, me levantei da banqueta e peguei a louça para deixar na pia. Virei-me para Caleb e percebi que ele me olhava intensamente, como se quisesse dizer algo. Ele abriu a boca para falar alguma coisa, mas seu celular tocou, e ele me lançou um olhar de desculpas. Pegou o aparelho e, enxerida como sou, captei cada palavra que ele soltava.

Não era como se Caleb estivesse tentando esconder algo, de qualquer forma.

— Tá, claro — ele balbuciou. Não parecia muito feliz. — Não, sem problemas, consigo, sim. — Ele olhou no relógio de pulso antes de concluir — Consigo. Em uns vinte minutos, estou aí.

Caleb desligou o aparelho e se levantou da banqueta. Olhou para um lado e para o outro, como se procurasse algo. Seu semblante estava sério, e o cenho, franzido.

— Algum problema? — perguntei, me aproximando, mas ainda a uma distância segura.

— Não é nada, só uma coisa que faço toda semana. Hoje precisam de mim mais cedo.

Assenti e observei-o se arrumar para sair.

— Obrigado, por tudo. Principalmente por ter me deixado dormir contigo — ele falou. Senti meu rosto enrubescer de novo.

— Sem problemas.

— Não esqueça de comprar o aquecedor, hein? Vai congelar aqui sem que eu esteja contigo na cama para te esquentar.

— Haha... — Ri de forma bem irônica, tentando não lembrar dele tão perto de mim e, principalmente, empurrando bem para o fundo da minha mente a imagem de nós dois dormindo abraçados. — Tu é tão engraçado, Caleb.

Um sorriso malicioso tomou conta do seu rosto e ele se aproximou de mim. Mais perto do que seria recomendado para uma simples visita de amigos. Seus olhos desceram para os meus lábios, e eu os senti secos de repente.

— Posso ser muitas outras coisas, Lily.

Engoli em seco quando Caleb se aproximou mais e mais, até que plantou um beijo delicado no canto da minha boca.

Meu corpo entrou em combustão interna, fazendo o sangue correr pelas minhas veias, o coração ribombar nos ouvidos e o estômago se revirar.

— Até segunda, Lírio.

E se foi. Demorei alguns segundos para encontrar minha voz.

— Até segunda... — murmurei.

Ele não tinha ouvido, e eu sabia disso. Esperei-o sumir do meu campo de visão e fechei a porta. Nem sentia mais o frio, só o pedaço do rosto onde ele me beijou pegando fogo e aquecendo meu corpo inteiro, independentemente da quantidade de neve que podia ser vista ali fora.

Capítulo 9

Vergonhosamente ou não, fiquei observando a silhueta de Caleb sumir pela rua até que ele virasse a esquina, em direção à estação de trem. E teria ficado ali se o vento não tivesse feito a sensação térmica despencar pelo menos uns dez graus em trinta segundos. Frio era bom, mas não precisava disso tudo também.

Revirei os olhos e, quando fechei a porta, me senti um pouco mais aquecida. Olhei ao meu redor e comecei a recolher tudo o que estava espalhado pela sala e pela cozinha, iniciando a faxina que já era parte da rotina de sábado.

Recolhi o lixo e criei coragem para colocar do lado de fora. A faxina era feita no sábado de manhã por um motivo simples: era dia de lixeiro, que passava perto da hora do almoço, e eu nunca lembrava de separar o lixo durante a semana. Acho que os garis pensavam que eu era uma louca acumuladora, só pela quantidade de lixo que deixava do lado de fora da casa toda semana.

No entanto, em minha defesa, peço muita comida por aplicativo, então são sempre muitas embalagens volumosas. Deixei minha mente vagar por outros assuntos mais fáceis de lidar conforme ia limpando e organizando tudo. Quando percebi, o silêncio começou a dar muita vazão aos sentimentos que eu cultivava muito bem guardados em uma caixinha fechada no coração. Por isso, resolvi ligar o iPod na caixa de som em formato de panda que ganhara de aniversário de todos os colegas da empresa dois anos antes.

Conectei o aparelho e cliquei no botão aleatório – só para o universo me sacanear. Revirei os olhos para a música da Ariana Grande que tocava. Por mais incrível que parecesse, essa não era uma daquelas em que ela soltava a voz, como *Dangerous Woman* ou *Baby I*, mas *goodnight n go* era uma das mais lentas do álbum *Sweetener*. A canção também era *cover* de uma música de mesmo nome da cantora Imogen Heap.

Oh, why'd you have to be so cute?
(Por que você precisa ser tão fofo?)
It's impossible to ignore you, ah
(É impossível ignorar você, ah)
Why must you make me laugh so much?
(Por que você precisa me fazer rir tanto?)
It's bad enough we get along so well
(É ruim o suficiente que a gente se dê tão bem)
Just say goodnight and go
(Só fala boa noite e vai embora)

Aquela dualidade de ter que fazer com que meu coração e minha mente conversassem começou a me deixar angustiada de novo. Por sorte, a música era curta e logo mudou para uma bem diferente da que estava tocando: *Class Fight*, do segundo álbum da Melanie Martinez, tratava exatamente sobre o que o nome da música prometia: uma briga na sala de aula. Isso ajudou a me acalmar, e pude concluir todas as tarefas com mais tranquilidade.

*

Tinha acabado de colocar o lixo para fora quando vi o caminhão do lixo dobrar a esquina da rua de cima. Acenei para os garis, que sempre eram simpáticos comigo e perguntei se eles levariam o aquecedor velho. Um dos mais altos, que sempre sorria para mim quando me via,

disse que sim. Com isso, já consegui me livrar daquele fóssil velho. Dei uma nota de vinte pela gentileza deles e entrei quando se foram.

Com a casa arrumada e tudo em perfeita ordem, não poderia fugir da tarefa de pesquisar na *internet* uma loja que vendesse aquecedores. Simplesmente não existia a possibilidade de passar o inverno sem um.

Depois de quase uma hora de pesquisa, encontrei uma loja no centro na qual eu poderia comprar e retirar o aparelho no dia seguinte, desde que eu chegasse lá até as onze da manhã. Surpreendi-me por ela estar aberta em um domingo, mas quem era eu para reclamar?

Sorri enquanto abaixava a tela do *notebook* e o deixava de lado, feliz por ter resolvido a última pendência da semana. Zoe (a da loja esotérica) era o último trabalho que meu chefe tinha passado na semana, então as chances de eu receber mais na segunda eram bem altas.

Isso é bom, bastante serviço para ocupar a mente, pensei, sentada no sofá, olhando a paisagem enquanto uma música instrumental do pianista coreano Yiruma tocava na caixa de som.

River Flows in You era uma música que me acalmava em qualquer momento, porém, naquele em específico, estava me fazendo refletir sobre tudo o que havia acontecido com Caleb. Por que ele sempre voltava à minha mente? Por que eu não conseguia ficar sem pensar nele?

E o pior de tudo: por que eu sentia falta dele ao meu lado? Por que sentia falta dos toques dele na minha pele?

Bufei, balancei a cabeça, levantei e desliguei o iPod. Não precisava disso naquele momento. Minha barriga roncou, e eu me surpreendi ao olhar no relógio em cima da pia e descobrir que já passavam das três da tarde. Até puxei o celular para escolher um almoço, mas quis fazer algo diferente naquele dia.

Eu, a que mais odiava que mexessem na minha rotina, precisava urgentemente sair de casa para arejar a cabeça. Fui até o quarto, troquei de roupa e coloquei um tênis bem confortável. Comeria na Visconde de Taunay, uma avenida recheada de restaurantes dos mais variados tipos.

Mas iria à pé.

Ri do pensamento enquanto passava a chave na porta e a guardava na minha bolsa a tiracolo. Exercícios físicos não eram comigo, mas caminhar, às vezes, me fazia bem; era um tempo bom para refletir. Não queria pensar em Caleb ou em Pedro, precisava desesperadamente pensar em outra coisa.

Segui o caminho até a avenida principal. Seriam quase duas horas de caminhada, mas eu não ligava. O sol brilhava tal qual a lâmpada que fica dentro de uma geladeira: ilumina, mas não esquenta, então, o movimento também me manteria aquecida. E eu sempre poderia voltar de trem ou pegar um ônibus.

Ninguém sabia de onde vim ou por que tinha aparecido no orfanato quando bebê, nem mesmo eu. Muito menos por que ninguém nunca quis me adotar. Só sabiam que uma menina de cabelos quase brancos tinha sido deixada na porta do orfanato Santa Maggiore, que nem existe mais nos dias de hoje.

Paula, a moça que cuidava dos recém-chegados ali, era uma daquelas doidas que passou toda a década de 90 nos Estados Unidos e, quando voltou ao Brasil, veio cheia de ideias revolucionárias.

Bom, pelo menos mais revolucionárias do que ela conseguia ser em um orfanato comandado por freiras. Seus hábitos se resumiam a acreditar em energias, se vestir como uma moradora de rua colorida (palavras da diretora e da madre superiora do orfanato, não minhas) e andar por aí entregando pedras coloridas para todos que diziam ter um problema.

Um dia, com toda a inocência dos meus seis anos, perguntei à Madre Bethânia porque elas não a mandavam embora dali, já que não gostavam da mulher. Havia acabado de presenciar uma discussão feia entre a diretora, a Madre Gerônima, e Paula. A primeira tinha encontrado algumas pedras roxas embaixo das camas das meninas do segundo andar. Madre Bethânia só me respondeu que ela era uma ótima funcionária e, apesar de não seguir o cristianismo, como era a pregação no orfanato, cuidava de todos muito bem, principalmente da Madre Gerônima.

A explicação não fez sentido na minha cabeça, mas dei de ombros e fui brincar com Rose e Margarida, duas das minhas colegas de quarto.

Ninguém fora do orfanato nunca entendeu por que meu nome era em inglês. No entanto, depois de alguns anos, descobri que ele tinha sido escolhido por Paula. Eu cheguei em uma época na qual a mulher acreditava em todas as matérias que lia sobre o poder das flores. Então, todas as meninas do meu quarto tinham nome de flores, em vários idiomas.

No quarto, éramos seis meninas: eu, Lily (lírio, em inglês); Rose (rosa, em inglês); Margarida; Petúnia; Anthurie (antúrio, em alemão); e Tullipe (tulipa, em francês). Paula até colocou uma placa na porta do nosso quarto onde estava escrito “Jardim de Amores”. Todos zombavam da gente, mas eu não me importava.

Talvez porque tivesse recebido o nome mais fácil de ser pronunciado.

O problema foi que, com o tempo, começaram a falar que nosso quarto era um “jardim amaldiçoado”, visto que nenhuma de nós era adotada. Não havia nada de errado conosco; aprendemos a apoiar umas às outras. Ao fazermos dezoito anos, chegou a época de irmos embora do abrigo. Assim, o resto do “jardim” e eu acabamos perdendo o contato.

O vento começou a ficar mais forte bem na hora em que cheguei no centro, mas não voltaria. Já estava ali mesmo, retornar seria retrabalho.

Continuei caminhando, me perguntando por onde nosso “jardim” andava. Nunca mais falei com elas, jamais tivemos um telefone para que pudéssemos trocar de números, muito menos um endereço para nos correspondermos. Dei de ombros, não percebendo que meus pés me levaram diretamente para a Visconde de Taunay, sem que eu ao menos me atentasse ao caminho que percorria. Sorri ao sentir o cheiro de pizza misturado ao de hambúrguer, característico da avenida.

Minhas panturrilhas estavam latejando, com certeza me punindo pelo grande esforço repentino. Contudo, eu sabia que jamais conseguiria espairecer a cabeça sem essa longa caminhada.

Entrei na primeira pizzaria na qual consegui algum espaço para me mexer. Sábado à noite fazia aquela avenida, recheada de restaurantes, *pubs*, *steakhouses* e pizzarias, ficar abarrotada. As diversas mesas colocadas na calçada, as músicas diferentes que se misturavam e aquela quantidade absurda de gente do lado de fora quase me fez ter um ataque de riso. Aquilo não fazia sentido! Tudo bem que todos estavam bebendo, e havia realmente muita gente, mas esse povo não tinha mais nada para fazer da vida além de sair naquele frio?

Encontrando uma mesa no canto da pizzaria, respirei aliviada quando descobri que eles vendiam fatias, e não somente pizzas inteiras. Então, pedi um pedaço de *marguerita* e outro de siciliana, junto com uma Coca-Cola e uma fatia de banana com canela para a sobremesa.

Comi com satisfação, pois aquela era realmente uma das melhores pizzarias que existiam em Joinville, talvez até em Santa Catarina inteira (e me cobravam uma fortuna de frete para entregarem em casa, por sinal). Colocava o último pedaço da pizza de banana na boca quando meu celular apitou em cima da mesa:

Caleb [20:04h]: *Tu fica linda quando sorri.*

Pisquei, confusa. Como ele...

Ergui a cabeça subitamente, olhando de um lado para o outro no restaurante e finalmente o encontrei, também sozinho, também em uma mesa para dois. Com uma camisa de flanela xadrez vermelha e uma touca preta em cima da mesa, fazendo companhia para as luvas da mesma cor.

Caleb sorria de maneira radiante para mim.

Involuntariamente, um sorriso começou a se formar nos meus lábios e, de repente, eu não conseguia olhar para ele. Resolvi responder à sua mensagem:

Eu [20:05h]: *Nunca saio de casa e, quando saio, sou obrigada a encontrar as pessoas. Difícil manter minha fama de eremita assim.*

Ergui o olhar na hora em que apertei o botão de enviar, para ver sua reação. Ele olhou o aparelho e soltou uma gargalhada discreta com minha resposta.

Caleb [20:05h]: *Tu não acha que está na hora de começar a deixar de ser eremita e permitir que o mundo veja o quanto é especial?*

Senti meu rosto esquentar de novo e o respondi:

Eu [20:06h]: *Não tenho nada pra mostrar para o mundo, Caleb. Só precisei espairecer hoje...*

— Tu que pensa que não tem nada a mostrar para o mundo. — Sua voz, tão perto de mim, me fez dar um sobressalto e erguer a cabeça, assustada.

Quando o vi, porém, relaxei. Ele sorriu para mim, colocando a mão nas costas da cadeira que estava à minha frente.

— Posso me sentar?

— Claro.

Começamos a sorrir um para o outro, pois eu não sabia o que dizer. Um sorria, o outro espelhava o movimento... Caleb me olhava com intensidade, eu desviava o olhar e ria ainda mais. Quando percebemos, já estávamos às gargalhadas no meio do restaurante, sem conseguir parar.

Respirei fundo e desviei o olhar novamente.

— Para de me olhar assim, não consigo parar de rir — tentei falar em meio às risadas.

Caleb estendeu o copo de refrigerante para mim e eu o peguei, sentindo uma faísca correr pelas nossas mãos quando os dedos se tocaram. Tomei um gole, tentando controlar a respiração.

— É que eu gosto de te fazer sorrir — ele me confidenciou, como se fosse um segredo de Estado.

Se eu já estava vermelha antes, agora sentia que poderia fritar um ovo nas minhas bochechas. Todo o esforço para não pensar em Caleb durante o dia foi por água abaixo.

Depois de alguns segundos de silêncio, nos quais controlávamos a respiração e alguns risos tímidos escapavam, decidi mudar de assunto.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, já mais recomposta.

— Estava na rua e deu fome. Antes de pegar o trem, resolvi vir comer por aqui mesmo, pra não ter que fazer comida em casa.

Assenti, concordando que era melhor mesmo.

— Qual a chance, não? — brinquei. Ele concordou, abrindo outro sorriso daqueles que me tiravam o fôlego.

— Foi a melhor decisão que tomei hoje.

Oh, meu Senhor amado, ele não pararia de flertar comigo por um minuto sequer?

Eu evitava seus olhos a qualquer custo, porque sabia que mergulharia neles e não sairia tão facilmente. A distância da mesa e o aroma das pizzas também me ajudavam a manter seu perfume longe e minha sanidade ~~quase~~ intocada.

Pelo menos naquele momento.

Capítulo 10

Caleb não tentou mais nenhuma gracinha ou piadinha enquanto estávamos na pizzaria. Como ele já tinha terminado de comer e eu também, resolvemos que estava frio demais para continuar na rua.

Fomos andando até a estação de trem recém-inaugurada no centro, a mesma que pegávamos quase todos os dias para ir até em casa. Ela era linda, realmente. Uma construção e tanto, com uma cúpula de vidro cobrindo a entrada, tal qual um terrário gigante. O interior era de um cinza-claro, provavelmente vindo do concreto sem pintura que fazia parte da estrutura.

O vento estava congelante e isso era visível na forma como o vapor se formava ao redor dos nossos rostos quando respirávamos ou falávamos algo. Em um dado momento que não me lembro de ter acontecido, Caleb passou o braço pelo meu ombro, andando abraçado comigo. Isso fez meu corpo aquecer, e não foi só do calor que ele emanava.

No trem, não conversamos muito. Eu divagava em silêncio, pensando: ainda que meu coração ficasse uma bagunça quando Caleb estava por perto, eu conseguia sentir que algo nele era tão confortável, tão aconchegante e tão absurdamente bom que, às vezes, podia sentir o medo tomar conta do meu coração. Medo de que fosse acabar, medo de que nos afastássemos...

Medo de que ele fosse embora. Por vontade própria ou que fosse tirado de mim.

Mas ele não é seu para ser tirado de você, aquela voz irritante na minha cabeça começou a falar. Porém, logo a silenciei quando vi que estávamos chegando na sua estação. Surpreendi-me quando percebi-o acordado, mas ele não fez menção de se levantar.

— *Próxima estação: Nova Brasília. Desembarque pelo lado direito do trem* — a voz do alto-falante anunciou.

— Não vai descer? — cutuquei-o e me afastei, a fim de deixá-lo levantar, mas ele balançou a cabeça.

— Vou até sua estação e depois pego o trem de volta.

Dei de ombros e assenti, novamente em silêncio. Toda aquela sensação de paz que ele me trazia era misturada a uma ansiedade que eu não poderia fingir não existir. Também não poderia afirmar que o sentimento era exatamente incômodo, mas ele me deixou com as mãos suando e o coração mais disparado do que antes.

Suspirei de novo, tentando controlar a respiração e acalmar meu coração. Se eu continuasse com essa montanha-russa de emoções, ia acabar infartando e morrendo antes dos trinta.

Chegamos na estação e descemos. Ao sairmos do vagão, Caleb segurou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Ele nunca havia feito aquilo. Perguntei novamente se ele não iria pegar o trem da volta, mas ele balançou a cabeça mais uma vez.

— Está escuro, fico com medo de tu andar sozinha. Vou te levar em casa.

Dito isso, ele simplesmente me puxou pela mão e, para alívio do meu coração ansioso, começou a conversar sobre um livro que tinha ilustrado e me mostrado o projeto durante a semana, além da série que começamos a assistir juntos no começo da semana. Falamos sobre tanta coisa que nem notei quando paramos em frente à minha porta.

— Pronto, está entregue! — Sorriu ele.

Espelhei seu gesto, sentindo o corpo cada vez mais quente com sua proximidade. Respirei fundo antes de enfiar a mão dentro da bolsa e procurar, sem olhar, a chave que eu jogara ali dentro ao sair de casa.

Meu olhar estava conectado de tal forma com o de Caleb que mal conseguia formular

uma única frase em pensamento, que dirá mexer meus lábios para pronunciá-las. Ainda me sentia completamente presa a ele quando um vento cortante passou por nós, fazendo com que eu me arrependesse de não ter levado a jaqueta corta-vento. Observei-o tremer também e percebi que estava somente com aquela camisa de flanela.

— Tu não tem outra jaqueta? — murmurei, vendo a enorme nuvem de vapor se formar entre nós.

Ao prestar atenção em seus detalhes quando Caleb desviou os olhos, percebi seu nariz vermelho, mesmo de touca e luvas.

— Na verdade, essa camisa é bem quente.

Ergui a sobrancelha e tentei cruzar os braços, mas outra rajada de vento gelado fez com que eu me virasse para abrir a porta e puxasse-o para dentro comigo.

— Não é possível que tu ache que essa simples camisa de flanela é o suficiente pra sair em uma noite de geada. — Balancei a cabeça quando deixei a bolsa em cima do sofá. Fui procurar uma jaqueta grande o suficiente para caber em Caleb.

— Te falei, não era pra ter ficado até tão tarde na rua; era pra eu ter comido algo rápido e ido embora — disse ele. Pelo som da sua voz, percebi que vinha atrás de mim.

Achei uma jaqueta enorme que comprara em um bazar antigo, que só vendia roupas importadas por um preço bem bacana. Ela nunca me servira. Para falar a verdade, acho que nem se fossem duas de mim caberiam ali dentro. Virei-me para entregar para ele a *parka* bege com capuz e trombei com o guri, que estava exatamente a meio passo de mim. Caleb me segurou pela cintura, colando nossos olhares mais uma vez.

Choques.

Eu sentia choques por todo o corpo, quase não lembrei que faltava um aquecedor naquela casa.

Por que sempre que ele me tocava, eu entrava em combustão espontânea?

O silêncio se instaurou entre a gente enquanto ele me colocava de volta na posição, sem tirar as mãos de mim. Pelo contrário: Caleb pareceu querer estreitar o abraço. Eu não conseguia ouvir nada além do meu coração, que parecia ribombar em meus ouvidos. Por alguns segundos, fiquei com vergonha de que ele também pudesse ouvi-lo.

Minha respiração falhava, e eu parecia prestes a engasgar com a minha própria saliva. Caleb se aproximou mais de mim, seus dedos fazendo um carinho gostoso na base das minhas costas e irradiando descargas elétricas por todo meu corpo. Quando senti seu hálito quente pinicar meus lábios, aquela vozinha chata me deu um toque. Com isso, consegui, depois de reunir muita força de vontade, desviar o olhar dele e dar um passo para trás.

Odiei perceber suas mãos caindo ao lado do corpo, e me odiei mais ainda por não conseguir me aproximar mais dele. Caleb era... Eu não conseguia definir o que ele significava para mim, mas sabia que, além de ocupar um espaço gigante na minha vida, ele fazia meu próprio corpo me trair e reagir de uma forma que só fazia com uma única pessoa.

E isso era o que mais me assustava.

Eu não estava só com medo, estava apavorada com o que vinha sentindo ultimamente.

Dei uma risada fraca e mais um passo para trás, esticando o braço e lhe entregando a jaqueta.

— Tenho certeza que vai te servir.

Caleb abaixou a cabeça e concordou, sem falar nada. Pegou a jaqueta e a vestiu, confirmando minhas suspeitas de que cairia tão bem em seu corpo que pareceria feita para ele. A quantidade de roupas na minha casa que serviam em Caleb me deixava assustada.

— Obrigada, Lírio. — Seu sorriso não alcançou os olhos, mas percebi que também estava um pouco corado.

Caleb me olhou com um misto de sentimentos transmitidos por seus olhos, e eu captei o mínimo de dúvida, um pouco mais de frustração e talvez uma pitada de esperança.

Não sabia se dava essa sensação a ele de forma inconsciente. O problema era que eu queria muito poder me soltar das amarras que eu mesma criei, mas elas ainda eram mais fortes do que eu. Respirei fundo e me estiquei, deixando um beijo casto em sua bochecha.

Voltei à posição inicial e o observei, querendo ver sua reação. Ele abriu um sorriso lindo, que acalmou meu coração, preocupado em tê-lo magoado de alguma forma.

— Bom — começou, batendo uma mão na outra e agitando-as, como se para aquecê-las —, como ainda existe trem e eu não posso usar essa desculpa para dormir aqui mais uma vez, vou indo.

Dei risada e o acompanhei até a porta. Abri, e Caleb se voltou para mim.

— Obrigado por me emprestar o casaco. Te levo ele na segunda.

Fiz um gesto *blasé* com a mão.

— Deixe de *bobiça*, guri. Pode ficar, é grande demais pra mim.

Caleb deu de ombros.

— Tudo bem... Eu vou... — Ele olhou para dentro da casa, provavelmente notando a falta do enorme aquecedor que ocupava um espaço considerável na minha sala. — Ah, tu comprou o aquecedor? — indagou, me encarando preocupado.

— Comprei. Vou buscar amanhã.

— Vai passar bem a noite?

Soltei uma risada um pouco irônica, cruzei os braços e ergui uma sobrancelha.

— Durmo aqui há cinco anos, Caleb. Já passei muito frio nessa casa, aqueles cobertores não existem à toa. — O canto dos seus lábios se curvou em escárnio, e eu soltei uma risada. — Não se preocupe, querido.

Ele sorriu para mim e me abraçou. O contato do seu corpo com o meu fazia com que eu me sentisse segura.

É... Acho que não tinha outra palavra. Caleb fazia com que eu me sentisse em segurança, como se nada nunca pudesse dar errado se ele estivesse comigo.

O moreno se afastou o suficiente para colocar os lábios perto do meu ouvido e sussurrar:

— Tu ainda vai ser minha.

A reação à sua provocação foi violenta. Um estremecimento correu por meu corpo do ponto em que seu hálito quente encostou no lóbulo da minha orelha até o dedo do pé, subindo de volta até o último fio de cabelo.

Quando afastei meu rosto para olhá-lo, surpresa com o teor de seu cochicho, ele segurou meu rosto entre as mãos e encostou seus lábios contra os meus. Tão suave e rápido quanto o bater de asas de um beija-flor, me soltou, sem que eu pudesse nem pensar em qualquer reação.

— Boa noite, Lírio — ele sussurrou contra minha boca, e então se foi.

Senti meu corpo anestesiado.

Caleb acenou para mim e puxou o capuz da jaqueta, desaparecendo no fim da rua.

*

Como era de se esperar, não dormi nada durante aquela noite. Aquele leve roçar dos lábios do Caleb nos meus foi o suficiente para que o lado do cérebro que controlava meu coração colocasse o racional para dormir e me fizesse sonhar acordada com o momento em que ele me

beijaria de verdade. Desejei saber como seria o contato de suas mãos no meu corpo, queria sentir sua pele contra a minha. Definitivamente, os seis anos em que não consegui me conectar com ninguém o suficiente para ter uma relação (fosse romântica ou sexual) estavam cobrando seu preço físico agora. Claro que não passei os seis anos sem um orgasmo, mas... Naquele momento, eu sabia que, por mais que me tocasse, não seria o suficiente.

Naquele exato momento, entendi por que o tópico "sexo" era categorizado como "necessidade fisiológica básica". Meu corpo pedia pelo toque de alguém que não fosse eu mesma, e as imagens que se formaram na minha cabeça de Caleb comigo na cama não eram o bastante para aplacar o calor que surgiu e começou a se espalhar.

Dei o maior choque que poderia no meu corpo, então só puxei as cobertas e tirei minha camisola. Corria o risco de pegar uma pneumonia? Sim. Porém, pelo menos, o impacto do vento frio que circulou no quarto quando abri a janela foi o suficiente para que meu inconsciente se preocupasse com qualquer outra coisa que não fosse Caleb.

A sensação não durou muito depois que deitei novamente, e só quando vi o sol tentando despontar pelos frisos da madeira pude, finalmente, cair em um sono leve.

Tão leve que eu consegui não perder a hora de buscar o aquecedor. Claro que nada nesse mundo é perfeito: mesmo tendo escolhido e pago o aparelho no dia anterior, ao entrar na loja, me perdi com os modelos que estavam ali disponíveis, optando por um portátil. Escolhi esse modelo porque poderia colocá-lo no meu quarto ou na sala quando o pessoal viesse em casa de novo.

Achei que seria bem mais fácil carregar o aparelho rua acima se ele fosse portátil, mas me enganei. Como a loja era bem no centro da cidade, isso me custou as costas. Eu não sabia que precisaria de tanto esforço para carregar o aquecedor rua acima, mesmo pegando o trem. Nem preciso mencionar a tremenda dor nas pernas e na lombar que ganhei de brinde enquanto subia a não-tão-pequena-assim ladeira da estação até minha casa.

Esticar o corpo na cama quentinha que jazia na frente do aquecedor à noite era uma linda recompensa pelo esforço que fiz – e que esperava nunca mais precisar fazer. Eu rolava na cama tentando dormir quando senti meu celular vibrar com uma mensagem:

Caleb [23:41h]: *Sentiu minha falta?*

Convencido. Sorri enquanto lhe respondia, tentando não pensar no que acontecera na noite anterior. Esperava que ele também não mencionasse nada do tipo.

Eu [23:41h]: *E o que te faz pensar isso?*

Caleb [23:41h]: *Eu senti a sua. Pensei que talvez o sentimento fosse recíproco.*

E, de novo, mesmo sem ninguém presente no recinto além de mim, meu rosto começou a esquentar. Resolvi mudar de assunto:

Eu [23:42h]: *Fui buscar o aquecedor.*

Caleb [23:43h]: *Jura? Isso é maravilhoso, mas será que significa que não vou mais poder dormir na sua cama?*

Meu coração bateu forte quando lembrei de nós dois abraçados sábado de manhã.

Eu [23:43h]: *Pretendia dormir aqui de novo?*

Caleb [23:43h]: *Só se a dona da casa permitir.*

Minha cabeça estava dando um nó com aquilo tudo. Não sei se o motivo era que fazia tempo demais que eu não flertava com ninguém e tinha desaprendido a técnica ou o fato de que ninguém mais demonstrou interesse (ou talvez eu jamais tivesse dado abertura para isso). Não conseguia ter outra reação além de fugir, como sempre.

Eu [23:45h]: *Hora de ir dormir, não acha?*

Caleb [23:45h]: *É pra dormirmos juntos?*

Minha Nossa Senhora do Duplo Sentido, o que eu faço com esse ser humano? Um leve pânico começou a envolver meu corpo. Não queria encerrar mesmo a conversa, mas estava ficando sem respostas, então fiz a única coisa que sabia que o faria parar:

Eu [23:46h]: *Boa noite, querido.*

Caleb [23:46h]: *Boa noite, Lírio.*

Ia dar a conversa por encerrada quando um pequeno surto de coragem tomou conta de mim.

Eu [23:48h]: *Caleb?*

Caleb [23:48h]: *Sim?*

Eu [23:48h]: *Senti sua falta, sim.*

Mal tinha terminado de digitar quando desliguei o aparelho e o joguei dentro da gaveta da mesa de cabeceira, como se estivesse contaminado com algum vírus mortal. Abaixei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos, tentando esquecer tudo o que tinha acontecido naquele momento.

Por que qualquer coisa que ele dizia precisava ter um duplo sentido?

Demorei a pegar no sono naquela noite. As imagens dos beijos de Caleb, por mais inocentes que pudessem parecer, pipocavam na minha mente e nos meus sonhos mais uma vez. Inspirei profundamente para tentar controlar a respiração, sem conseguir tirar da mente um certo par de olhos castanhos que sempre se dirigiam a mim de forma tão carinhosa.

Uma parte de mim se perguntava se eu realmente merecia aquilo. Balancei a cabeça, tentando resfriá-la e dormir de forma mais confortável.

Capítulo 11

Acordei sozinha na segunda-feira, sem despertador. Apesar de bem aquecida, a pequena parte do rosto que eu mantinha fora dos cobertores para respirar estava gelada. Olhei para a janela, onde sempre deixava a cortina entreaberta, e vi que o sol brilhava fraco.

Lentamente, as coisas começaram a se encaixar.

Hoje é segunda-feira, tenho que ir trabalhar. Que horas são?

Com um esforço maior do que o necessário, ergui meu braço e tateei a mesa de cabeceira atrás do celular, mas não o encontrei. A conversa com Caleb na noite passada voltou à minha mente, lembrei que tinha deixado o aparelho desligado dentro da gaveta – sem ativar o despertador. Levantei a cabeça e olhei para o relógio, que jazia silencioso ao meu lado: 09:42 da manhã.

Levantei correndo, pegando o celular e o ligando enquanto vestia qualquer peça de roupa que aparecesse na minha frente. Três chamadas perdidas do telefone da empresa: cinco de Alice, duas de Caleb, três de Jenny e até uma de João. Mandei uma mensagem para Lice dizendo que já estava chegando e comecei a juntar minhas coisas.

Meu Deus, meu chefe vai me matar.

Saí do quarto com a bolsa no ombro, as botas abertas, o casaco verde no braço, uma blusa amarela e uma saia *pink*. Por algum milagre divino, lembrei de colocar uma meia-calça por baixo – e, graças aos céus, ela era preta. No entanto, com certeza não me vestiria assim em um dia normal.

Meu cabelo estava uma zona, e só fui perceber isso no trem, enquanto me olhava no vidro da janela. Não tinha passado maquiagem nenhuma e minhas botas continuavam abertas – e saindo do pé, consequentemente.

Eram apenas cinco estações entre minha casa e o trabalho; então, o máximo que consegui fazer no trem, de pé, foi prender a bolsa e o casaco entre as pernas, rezar para eles não caírem e amarrar o cabelo no coque mais apertado que eu pude organizar naquele momento. ~~Alguns~~ vários fios ficaram soltos no topo da cabeça, mas, naquelas circunstâncias, a única coisa que resolveria era um pote de gel.

Consegui não cair, apesar de ter tropeçado algumas vezes na bota até chegar ao prédio. Percebi, no espelho do elevador, que minhas olheiras estavam ainda mais acentuadas do que o normal, principalmente pela pele branca castigada pelo vento cortante da rua. Era uma mistura "bonita" de cores: a testa branca, os olhos azuis, as olheiras arroxeadas e as bochechas vermelhas.

Nem um palhaço se pintaria dessa forma.

Quando cheguei no andar da empresa, Alice veio correndo na minha direção com um olhar preocupado.

— Onde se meteu? O chefe está maluco atrás de ti, tem projeto novo.

Como se me olhasse pela primeira vez na vida, ela deu uma pausa. Seus olhos passaram pelo meu corpo todo, de cima a baixo, contemplando o caos que eu era.

— E o que que aconteceu contigo?

Engoli em seco, tentando chegar até minha mesa para deixar as coisas, pedindo aos céus para que tivesse uma *necessáire* de maquiagem na bolsa.

— Perdi a hora, esqueci de reativar o despertador.

— Mas tu não usa o do celular?

A razão de eu ter me atrasado estava olhando para mim naquele momento, com uma

sombra de humor em seus olhos, provavelmente segurando o riso.

— Bom dia, Lily. O chefe quer falar conosco.

Jesus amado, que segunda-feira! Não devia nem ter saído da cama.

— Já vou, deixa eu ajeitar as coisas aqui na mesa — murmurei, ignorando completamente os olhares de Caleb e as perguntas de Alice.

Larguei tudo em cima da cadeira e corri no banheiro para ver se meu cabelo estava razoavelmente arrumado. Não dava para dar um jeito naquilo, então tentei passar um pouco de água para ver se ele pelo menos assentava um pouco. Olhei no espelho e decidi que aquilo ia ter que servir. Amarrei minhas botas – finalmente! – e fui até a porta da sala do chefe, onde Caleb já me esperava.

— Bonita a combinação de roupa — ele murmurou, fazendo graça.

— Vai pro inferno, Caleb.

Ele deu risada e abriu a porta enquanto eu tentava colocar a blusa por dentro da saia, para fingir que meu visual de embalagem de chiclete era proposital.

— Ah, finalmente! Onde você estava? — perguntou Carlos Gonçalves Barbosa, também conhecido como Cad. Sim, esse era meu chefe; e não, eu não fazia ideia de por que o apelido dele era Cad.

Ele fundou a empresa há quase vinte anos. Diziam as más línguas que o apelido tinha vindo do *AutoCad*, mas eu não tinha certeza e nem coragem de perguntar, então a gente só chamava ele de Chefe. Ficava mais fácil e menos invasivo: uma mistura de carinho e distanciamento que costumava dar certo para todos.

— Minha nossa, Lily, você está parecendo uma embalagem de *Bubbaloo* de *tutti-frutti* — zombou, com um sotaque paulista muito forte e diferente do nosso.

O homem não tinha papas na língua quando precisava falar com alguém e, depois de mais de três anos trabalhando aqui, esse tipo de brincadeira era normal entre todos. Porém, naquele dia, eu não estava com humor para piadas, principalmente sobre a forma como eu estava vestida no momento.

— O que precisa de mim, Chefe? — perguntei sem rodeios, cruzando os braços.

Ele pareceu se lembrar de algo, mas percebi seus olhares furtivos para minhas roupas enquanto eu fingia casualidade.

— Bom, era pra eu ter te falado isso há pelo menos uma hora e meia atrás, mas a senhorita não estava aqui, não é? — Segurei a vontade de revirar os olhos ao final da frase. Por mais intimidade que tivéssemos, o homem ainda era quem pagava meu salário. Não que isso fosse grande coisa. — A gente vai conversar sobre isso depois. Para agora, preciso que vocês trabalhem no projeto gráfico completo de um livro, solicitado por uma escritora independente. Sabemos que, geralmente, esse tipo de cliente pede trabalhos mais simples, mas sua história se tornou *best-seller* em formato digital. Como os clientes dela estão pedindo a versão física, a autora quer montar a capa mais fiel possível com a história. Solicitou outros serviços também, como diagramação e marcadores, então vou pedir para que os dois trabalhem juntos.

Cad esticou o braço para uma pilha de papéis em sua mesa e nos entregou.

— Lily, você cuida da arte da capa e dos marcadores, enquanto o Caleb vai cuidar da diagramação. Quando terminar, vai precisar passar os elementos e as fontes pra ele fazer as artes dos capítulos, então vocês vão precisar estudar muito bem esse material — ele apontou para a ficha que fazíamos os autores preencher quando precisávamos fazer uma capa — e estar muito conectados. — O Chefe pegou um gole do seu café antes de continuar. — Ela tem o prazo apertado, pediu pra sexta-feira, mas tenho certeza de que vocês conseguem dar conta. Os

arquivos já estão nos *e-mails* dos dois.

Minha cabeça quase explodiu naquele momento. Uma capa de livro com marcadores estava tudo bem, mas fazer uma arte do zero, de uma história que eu nunca tinha ouvido falar, e ter tudo pronto para poder entregar o projeto na sexta era muita coisa.

Corri os olhos pela ficha que a autora tinha preenchido e me pareceu uma trama pela qual eu teria me interessado sem nem precisar olhar a capa. Por isso, assenti e me virei para sair da sala, com Caleb em meu encalço. Coloquei a mão na porta quando ouvi:

— Só um minuto, Lily.

Respirei fundo e me virei, escapando o olhar para Caleb, que saía da sala com um sorriso contido. Agora vinha a bronca por ter chegado atrasada e perdido preciosos minutos de um projeto tão complexo, com o prazo tão apertado.

*

Se eu disser que o Chefe brigou comigo na segunda, estaria mentindo. Nunca atrasei sem motivo antes, então ele não tinha por que me advertir. Mas também não foi "só" uma bronca, afinal, cheguei quase duas horas depois do normal. Só quem trabalha com *design* sabe a importância do tempo para a criação de um projeto grande como aquele em um prazo tão curto.

Quando sentei na minha cadeira – com os ouvidos doendo de tanto ouvir –, comecei a analisar a ficha do livro. Era uma história de fantasia sobre um reino que pregava a igualdade entre todas as raças que habitavam as terras mágicas, ao mesmo tempo em que apresentava um romance entre uma fada e um feiticeiro. Fiquei tão encantada pela premissa da história que acabei comprando a versão digital do livro para começar a ler assim que possível.

Como parte da inspiração, li os três primeiros capítulos para pegar o tom da história. Assim, as ideias, de forma mágica, começaram a pipocar na minha cabeça. Fiquei tão compenetrada no desenho que fazia que só não pulei a hora do almoço porque Jenny veio me chamar.

*

Era quinta-feira à noite quando Caleb jogou a caneta digital em cima da mesa e se afastou da mesa, como se algo o ferisse. Ergui meu olhar para ele, questionando-o confusa. Só estávamos os dois ali; todos já haviam ido embora, até mesmo Cad e Rafaela, a recepcionista.

— Eu não aguento mais — suspirou, enquanto esfregava os olhos.

Dei risada, mas também estava exausta. Concordei com ele e levantei da cadeira. Deixei os fones de ouvido ao lado do iPad, onde concluía o desenho principal da capa do livro, e dei a volta na mesa, parando atrás de Caleb e apoiando as mãos em seus ombros.

Entendia sua frustração. Fiquei com a parte mais detalhada e mais trabalhosa, mas Cad não separara as tarefas de forma igual: Caleb teria muito mais o que fazer e, infelizmente, dependia que eu finalizasse a arte principal. Enquanto eu não terminava, ele fazia a diagramação, mas algo de errado sempre aparecia, e o livro era muito extenso.

— Por que ela não escreveu dois livros? Oitocentas páginas no editor de texto é muita coisa! — resmungou, balançando a cabeça.

Sem saber o que me deu, comecei a massagear seus ombros tensos e, em questão de alguns minutos, senti-os relaxar.

Era impressionante como ele era o mais profissional entre nós. Todos os momentos em que, literalmente, sentávamos um ao lado do outro para discutir alguma parte do projeto, minhas mãos suavam e eu sentia uma dificuldade especial para formar frases coesas. Também passava

por isso nas vezes em que ele, acidentalmente ou não (não era algo que eu conseguiria diferenciar no estado de nervos em que me encontrava), arrumava alguma desculpa para me tocar.

Ou ele segurava o *mouse* com a minha mão por baixo ou fazia o mesmo movimento com a caneta da mesa digitalizadora. No dia anterior, estávamos comendo enquanto discutíamos o detalhe da contracapa quando ele colocou uma mecha da minha franja, que continuava caindo nos olhos, atrás da minha orelha. Não consegui esboçar reação nenhuma, só fiquei parada igual uma *patsa* olhando para ele, com a boca cheia, sem mastigar o resto do sanduíche que tinha me sobrado.

Sempre que pensava em alguma coisa para fazer, notava meu cérebro demorando o dobro do tempo para formular qualquer ação que fosse. Até os movimentos de inspiração e expiração pareciam complicado demais. No entanto, em nenhum momento Caleb fez qualquer outro movimento mais ousado, pelo contrário: ele agia comigo da mesma forma todos os dias, há três anos.

O único que não agia da maneira usual era meu coração, que parecia acelerar sem controle todas as vezes em que ele se aproximava demais. Nessa semana em específico, isso aconteceu todos os dias. Cheguei a cogitar a hipótese de ir ao hospital ver se estava com taquicardia, mas o médico provavelmente só me mandaria para casa descansar.

E se talvez fosse correto supor que as mensagens de texto até altas horas da madrugada tinham parado – ou pelo menos reduzido – com a proximidade exigida pelo projeto, isso era um ledo engano. Elas continuaram por todos os dias da semana, e eu me surpreendia quando já eram quase três da manhã e o assunto não acabava. Era como se nós tivéssemos um repertório com um roteiro não combinado para todos os dias, sobre todos os assuntos possíveis. Ele só se encerrava (por aquele período) quando eu colocava um ponto final com nossa frase de segurança.

Se eu deixasse, Caleb passaria a noite me “xavecando”, como dizia o padre da igreja que ficava ao lado do orfanato. E a cada dia que passava, ele acrescentava um ponto a mais de intimidade nos elogios ou suposições. Era como se Caleb estivesse subindo um degrau por dia, com toda a paciência do mundo. E, por pior – ou melhor – que fosse, eu gostava daquilo.

Era lento, delicado e, o melhor de tudo, secreto. Era algo só nosso; ninguém sabia, nem mesmo Alice tinha noção de que as coisas haviam evoluído para o nível em que se encontravam. Eu fazia questão que ela só visse que estávamos juntos quando trabalhávamos e voltávamos para casa.

Parecia que, se alguém descobrisse, tudo viria abaixo. Pouco a pouco, mensagem a mensagem, palavra a palavra, gesto a gesto, deixei meu coração se abrir para ele, mesmo que tivesse jurado a mim mesma que não o faria.

Lembrei de tudo o que havia acontecido durante aquela semana e, observando-o relaxado em minhas mãos, percebi algo: naquele momento, todo o profissionalismo de Caleb tinha escorrido pelo ralo, porque ele estava realmente mais irritado. Continuei apertando seus ombros sem nada falar, deixando que minha mente vagasse. Foi quando ele finalmente parou de reclamar do serviço.

Aquilo era algo inédito, porque Caleb nunca reclamava de nada, de nenhum serviço, mas Cad realmente tinha passado do ponto. Eu não sabia até quando aguentaríamos se ele continuasse oferecendo prazos absurdos como aquele. Em que mundo um livro físico, que contava com oitocentas páginas no editor de texto, ficaria completamente pronto em uma semana?

Balancei a cabeça, ainda devaneando, quando senti a mão de Caleb na minha.

— Obrigado — ele murmurou.

Subitamente, se virou para mim e nossas alturas se equipararam pela primeira vez. Há muito eu tirara as botas de salto, e ele estava sentado, o que fez com que ficássemos com o rosto muito perto um do outro. Caleb enlaçou minha cintura, e um arrepio passou pela minha coluna.

— Não sei o que faria se tu não estivesse comigo agora — continuou, e eu enrubesci. Desviei o olhar, mas Caleb puxou meu queixo para continuar a olhá-lo. Perdi o fôlego pela proximidade. — Não sei o que faria se tu não estivesse na minha vida.

Engoli em seco com aquela afirmação, sentindo o coração errar as batidas e aquelas malditas borboletas se agitarem no estômago vazio.

Exatamente por ele estar vazio é que uma lâmpada se acendeu na minha mente, me fazendo plantar um beijo em sua testa e me afastar.

— Acho que vou pedir alguma coisa para comer aqui… Quer algo ou vai comer em casa? — Dei a volta na mesa e retornei à minha cadeira.

Enquanto vasculhava o aplicativo de entrega, ouvi sua risada fraca. Arrisquei olhá-lo por entre os cílios, e ele me encarava com olhos brilhantes e um sorriso maroto nos lábios. Voltei o olhar para o aplicativo, balbuciando que havia uma pizzaria ótima ali perto que entregaria com frete grátis.

— Quer repetir a noite da pizzaria, Lírio? — Ouvi sua voz rouca do outro lado da mesa e me senti uma idiota por ter trazido sábado à tona.

Olhei para Caleb e balancei a cabeça. Fiz o pedido da comida e bloqueei a tela. Voltei para meu iPad e peguei a caneta digital.

— Vai chegar em meia hora, estou quase terminando a *ilustra*. O que mais precisa? — questionei sem nem mesmo olhá-lo.

— De um beijo.

Ergui meu olhar e dei risada, balançando a cabeça e voltando a desenhar. Aquela ia ser uma longa noite... Tudo o que eu queria era que a pizza chegasse logo para ver se ele mantinha aquela boca fechada.

Capítulo 12

Sexta-feira, Caleb e eu entregamos o projeto para a autora, que ficou encantada com o resultado final. Teceu diversos elogios a nós dois e disse que recomendaria a empresa para todas as amigas dela, que também eram escritoras. Meu coração se encheu de orgulho da profissão que escolhi e, pela expressão com a qual Caleb me olhava, tenho quase certeza de que ele ouviu o barulho da máquina registradora que tocou na minha cabeça ao ouvir que seríamos recomendados.

Saímos do restaurante depois de apenas dois drinques cada um. A semana tinha sido puxada tanto para mim e Caleb quanto para os outros. A falta de funcionários para atender a demanda estava deixando todos exaustos e muito sobrecarregados.

Despedi-me de João e Jenny, mas, quando fui abraçar Lice, ela teve a audácia de sussurrar no meu ouvido:

— Vê se deixa o guri dormir na sua cama dessa vez.

Dei uma risada envergonhada e a empurrei, dando um tapa leve em seu braço. Mal sabia ela que ele já dormira na minha cama, só não tínhamos feito nada. Senti meu rosto esquentar com aquilo, e Alice riu ainda mais, com certeza interpretando minha reação da forma errada. Com o olhar mais gelado que consegui direcionar a ela, Caleb e eu seguimos nosso caminho até a estação de trem.

Ao entrarmos no vagão, ele passou o braço por meus ombros. Seu cheiro me invadiu novamente, fazendo minha mente se anuviar. Mesmo com aquele gesto que era razoavelmente comum, meu coração disparou. Sentamos, e ele se manteve naquela posição, me fazendo deitar a cabeça em seu ombro. A semana tinha sido muito cansativa, não só referente ao serviço, mas por estar emocionalmente exaurida por toda a batalha interna que travava. Em alguns momentos, pensava se realmente valia a pena passar por tudo aquilo, mas era só Caleb me olhar que o combate recomeçava.

Ao sairmos do trem, ele teve todo o trabalho de me levar até em casa mais uma vez, como tinha feito no sábado à noite.

Caleb me deixava confusa e ansiosa, com pequenos momentos de desespero e pânico. Ativava momentos de súbita coragem e, ao mesmo tempo, trazia à tona toda a minha timidez e insegurança. Não queria me deixar levar, mas estava cada vez mais difícil não me encantar por seu jeito carinhoso e gentil.

Sem perceber o tempo e sem prestar atenção no caminho, estávamos na porta de casa.

— Está entregue novamente — disse ele, simpático, com os olhos brilhando.

Caleb havia me soltado de seu abraço, e eu fiquei arrepiada quando o vento me atingiu no vazio que seu braço deixou. Senti o rosto esquentar e abaixei o olhar, balançando nos pés tal qual uma criança. Por que eu tinha que agir de forma tão inconsciente – e inconsistente! – quando estava perto dele? Meu coração disparou, e eu não conseguia colocar as palavras em ordem na cabeça para pronunciá-las sem gaguejar.

Depois de alguns segundos nos encarando e espelhando nossos sorrisos, limpei a garganta e agradeci-o por ter me acompanhado. De repente, todos os seus traços saltaram à minha percepção: o maxilar definido, o cabelo preto já um pouco rebelde, como era o costume do fim do dia, os olhos castanhos com alguns pontos verde-escuros, a barba por fazer, a jaqueta azul de *nylon*, que não escondia tão bem assim os músculos que eu sabia estarem ali, a calça *jeans* desbotada e as botas de escalada. Seu perfume me atingiu mais uma vez, como um tapa, fazendo com que um calafrio ainda mais forte corresse por meu corpo.

Seus lábios cheios, no entanto, foram o que prenderam meu olhar, e isso não passou despercebido por Caleb, que se aproximou mais, com seu nariz a poucos centímetros do meu. Ele colocou os dedos no meu queixo e levantou meu rosto para me encarar. Naquele momento, uma certeza se instaurou em meu cérebro.

Não adiantava fingir que não era verdade. Podia não amá-lo, mas meu corpo com certeza desejava o dele, e ninguém poderia negar isso.

Nem eu mesma.

Lentamente, Caleb passou a mão que estava no queixo por minha bochecha e se enganchou em meu cabelo. Seu polegar ainda fazia um carinho gostoso em meu rosto, enviando fagulhas por todo o corpo.

— Me fala boa noite.

Precisei de alguns segundos para entender o que ele falara. Quando a compreensão me atingiu, as palavras me fugiram. Abri a boca diversas vezes, mas não queria dizer a frase que encerraria a noite definitivamente. Não queria que ele se fosse.

Respirando fundo e tentando afastar o pensamento de que talvez me arrependesse do que diria, perguntei:

— Quer entrar?

Um brilho atravessou seus olhos e ele assentiu, seus lábios abrindo um sorriso lindo. O gesto fez com que eu imitasse seu movimento de forma inconsciente. Abri a porta e entrei, sentindo-o atrás de mim. Deixei a bolsa e o casaco em cima do sofá e esperei que fizesse o mesmo. Virei-me para perguntar se Caleb gostaria de uma taça de vinho quando se aproximou novamente em duas longas passadas e segurou meu rosto entre as mãos.

— Não consigo mais, Lily. Não aguento...

Fiquei estática. A insegurança voltou com tudo, me fazendo dar um passo atrás.

— Caleb...

Mas ele deu um passo à frente, mantendo a mesma distância.

— Lily, eu tenho tentado fazer as coisas devagar. Alice me disse que tu não conseguia deixar as pessoas se aproximarem. — Enquanto ele falava, traçava padrões em minhas bochechas, em um carinho suave. Seus olhos brilhavam com uma intensidade que me tirava o fôlego. — Eu preciso...

— Do quê, Caleb?

Ele suspirou antes de falar, as mãos ameaçando soltar meu rosto, minha pele pegando fogo onde ele encostava em mim.

— Me fala boa noite se tu quiser que isso pare agora — murmurou contra meus lábios. — Se não disser nada, não vou conseguir me controlar.

Suspirei com aquela afirmação, que esquentou mais meu corpo do que o aquecedor recém-adquirido. Ergui o olhar e notei suas pupilas dilatadas, o desejo quase líquido transformando seus olhos em algo similar ao âmbar. Aquela pontinha de algo a mais que vi na semana passada também estava ali, mas meu instinto dizia para deixar essa pequena fagulha para depois.

— Não quero te falar boa noite.

As palavras mal foram sopradas, por conta do pouco fôlego que ainda me restava. Nesse momento, Caleb extinguiu a distância entre nós e colou seus lábios aos meus.

Se havia sobrado algum ar nos meus pulmões depois da força que precisei juntar para murmurar aquela confissão, ele se foi junto com o beijo recebido. O gesto me lembrou das aulas de química na escola: quando dois elementos certos fossem colocados juntos, explodiriam.

O choque que passou pelo meu corpo no momento em que Caleb encostou seus lábios nos meus foi algo que jamais imaginaria acontecendo. Alice com certeza estaria orgulhosa de mim agora, e também culparia o tempo sem um contato mais íntimo com outro homem pelas minhas reações. No entanto, eu sabia que era muito mais do que isso. Caleb me conhecia; fizera questão de se fazer presente, de estar lá, e isso era o mais importante para mim. Ele estava do meu lado.

Senti a ponta da sua língua pedir passagem e abri meus lábios, conseguindo finalmente sentir seu gosto. Tudo nele era inebriante, mas ter uma amostra do que Caleb poderia realmente fazer com minha mente foi o suficiente para que eu passasse os braços ao redor do seu pescoço e o puxasse até que o corpo dele estivesse completamente colado ao meu.

Caleb separou nossos lábios, com a respiração quase tão descompassada quanto a minha, e encostou sua testa na minha.

— Fazia tanto tempo que eu precisava disso… — sussurrou, nossas respirações aceleradas se misturando e deixando minha mente ainda mais confusa.

Mesmo com a pouquíssima distância entre nós, senti-lo tão longe de mim fez meu coração dar um salto, como se reclamasse sua falta.

Claro que esses poucos segundos foram o suficiente para que minha mente começasse a se angustiar com a imagem de Pedro e do que ele poderia estar achando ao me ver com outro homem. Ninguém poderia garantir que ele estaria vendo, mas isso foi o bastante para que a ideia murchasse meu entusiasmo de ter, finalmente, beijado Caleb.

Ou ele é que me beijou?

— Lily? Tudo bem?

Ergui o olhar em direção à voz que me chamava e, com a simples imagem de Caleb me olhando preocupado, querendo saber se eu estava bem, pude afastar o pensamento da cabeça. Pelo menos, por um tempo.

Assenti e enrosquei meus dedos nos cabelos sedosos. Nenhuma sensação me pareceu tão certa quanto aquela carícia. Só o fato de ter meu amigo me olhando com tanto desejo no olhar era o que eu precisava para que a coragem fosse reativada e eu mesma avançasse sobre ele. Ao sentir seu gosto na boca novamente, esqueci de tudo. Nossas línguas dançavam como velhas conhecidas, como se tivéssemos nos beijado a vida inteira.

O calor que Caleb transmitia era tudo o que meu corpo pedia há tantos anos (e que eu ignorara com sucesso até o moreno resolver me olhar com outros olhos).

Seus beijos desceram pelo meu pescoço, e eu tombei a cabeça para o lado oposto, lhe dando mais acesso à pele sensível. O calor dentro daquela sala era tão grande que meu primeiro impulso foi tirar o suéter de lã que ainda vestia, ficando somente com uma regata preta simples. Conforme Caleb me beijava, também sentia sua pele quente, então, passei os dedos por seus ombros e empurrei sua jaqueta.

Uma de suas mãos subiu por meu pescoço e se enredou nos cabelos, e a outra desceu pelas minhas costas enquanto brincava com a barra da regata. Seus dedos passeavam ali, na base da minha coluna, ameaçando subir. Essa simples provocação estava sendo o suficiente para que meu corpo se inflamasse.

Eu não conseguia fazer nenhum outro movimento a não ser me segurar em seu pescoço com força, como se isso ajudasse a aplacar as reações do meu corpo. Senti-o me empurrando até que chegássemos à parede. Ali, ele me prensou, me fazendo perceber que eu não era a única fora de mim naquele momento. Sua ereção rígida em minha barriga mostrava que talvez ele estivesse tão sem controle quanto eu.

— Tu não tem noção alguma do que faz comigo, não é? — Caleb murmurou em meu ouvido, deixando uma mordida suave no exato ponto onde meu pescoço encontrava o ombro logo em seguida.

Ele pressionou novamente seu corpo contra o meu, me deixando ainda mais excitada com a situação toda. O problema é que, junto da excitação, vinha uma pontada de culpa que tentei fazer de tudo para engolir e fingir que não existia. Ia me soltar do abraço de Caleb quando senti seus dedos pressionarem minha cintura e, logo depois, sua mão adentrar minha blusa, repetindo o movimento diretamente em minha pele. Prendi um gemido na garganta e espalmei minhas mãos em seu peito, sentindo os músculos enrijecerem e seu coração bater tão descontrolado quanto o meu.

Tentei reduzir a velocidade com a qual as coisas caminhavam e lembrei que havia comentado algo, que talvez esperasse uma resposta.

— Eu não faço nada... — Minha voz saiu de forma sôfrega, como se tivesse corrido uma maratona.

Caleb sorriu com malícia, subindo as mãos até a base do sutiã, passando os dedos ali, arrepiando minha pele e fazendo outro gemido ficar preso na minha garganta. Sem tirar os olhos dos meus, suas mãos deixaram meus seios e desceram até a barra da regata, levantando a roupa e puxando-a pela minha cabeça. Seus olhos, então, abaixaram até o sutiã branco com estampa de pequenos corações coloridos.

Em minha defesa, a última coisa que pensei quando me vesti de manhã era que teria contato com outra pessoa. Quem dirá com Caleb.

Muito menos com Caleb.

Seu sorriso aumentou com a visão, e senti minhas bochechas queimarem. Não queria que ele me visse daquele jeito, por isso puxei meus braços para cobrir meus seios, mas ele os colocou para baixo.

— Não se cubra. Sei que parece clichê, mas não se cubra. Tu é linda, e não tem ideia de quanto tempo esperei para te ver dessa forma.

Abaixei os braços, mas não consegui segurar a resposta:

— Então tu já imaginava me ver sem roupa? — provoquei, tentando desconversar sua confissão.

Esses lapsos de coragem que eu tinha eram o que fazia com que me sentisse tão confusa sobre ele. Como conseguia ficar tão envergonhada e atirada ao mesmo tempo? Como ele podia causar esse tipo de sensação em mim com tanta facilidade?

Seus olhos brilharam, um toque de malícia no meio do mar de diversão.

— Tu não está sem roupa. *Ainda*.

Engoli em seco antes de Caleb abaixar a cabeça para beijar a linha da minha clavícula, descendo pelo meu colo e deixando um beijo em cada seio, exatamente no limite do sutiã. Sua delicadeza me fez arfar. Ele voltou seus lábios para o vale entre meus seios, espalmando as mãos nas laterais e os pressionando um contra o outro. Um gemido se desprendeu dos meus lábios sem permissão, e os olhos do moreno se ergueram até os meus. Pelo visto, ele gostou da minha reação.

— Já passou da hora de resolvermos esse pequeno problema, não é mesmo?

Sem que eu pudesse pensar em mais nada, ele desceu suas mãos pela minha cintura e fez o contorno do meu quadril, pressionando as coxas para cima. Entendi o que queria e dei impulso, passando minhas pernas ao redor da sua cintura.

Como se eu não pesasse mais do que uma pena, Caleb me carregou até o quarto em seu

colo, depositando beijos suaves em meu pescoço durante todo o percurso. Eu não conseguia pensar em nada: me sentia embriagada, com a mente turva. A única coisa que conseguia fazer era me agarrar em seus ombros e puxar seu cabelo. Sentia minha pele se arrepiar com cada contato dos lábios de Caleb, que causava um rastro de fogo, como se pudesse incendiar-me com a menor fagulha.

Ele me colocou na cama com cuidado, deitando-se em cima de mim. Passei as mãos por seus ombros, sentindo o quarto cada vez mais abafado. Desci minhas mãos e coloquei-as por dentro de sua camisa, finalmente sentindo como era o corpo dele. Seria hipócrita se dissesse que jamais imaginei como ele seria sem camisa, então, tê-lo na ponta dos dedos, sentir a textura da sua pele e seu calor tão perto era quase tão afrodisíaco quanto a visão dele beijando e apertando meus seios.

Engoli em seco quando ele se ajeitou estrategicamente entre minhas pernas e incitou um primeiro movimento, ainda com as roupas em seus devidos lugares. Minha cabeça tombou para trás e engoli outro gemido que se formara na minha garganta, pressionando os lábios em uma linha fina.

— Por que se segura tanto? — ele sussurrou, erguendo o tronco com as sobrancelhas franzidas. Automaticamente, senti falta do calor do seu corpo no meu.

— Eu não...

— Tu não quer isso? — Ele estava absolutamente adorável sem jeito, e não consegui fazer nada além de sorrir para sua reação. — Porque, se for assim, sinto muito.

E se afastou mais, tentando se levantar. Meu meio-sorriso morreu. Pela fraca luz que entrava da sala, podia ver que ele estava tão corado quanto eu; provavelmente, acabou entendendo errado minha reação.

— Não é nada disso! — exclamei, talvez um pouco mais alto do que o necessário. — Eu... tenho… — Não conseguia formar frases completas.

Ao olhar diretamente para ele, a vontade de contar tudo o que me segurava de fato evaporou. As chances dele sair correndo eram grandes demais para arriscar.

Então, falei o que mais importava naquele momento em específico:

— É que… faz seis anos desde que estive com alguém.

— Ah...

É, Caleb. Ah...

Passamos mais alguns minutos em silêncio, tempo em que fiquei esperando a pergunta sobre o motivo, mas o moreno não falou nada. Tentava não olhar para ele, e Caleb, não sei, talvez tentando absorver o que eu acabara de soltar. Ter ficado tantas horas sentada na cadeira do computador não estava fazendo bem para a minha lombar – que era a de uma senhora de 80 anos. Por isso, me deitei.

O movimento pareceu fazê-lo lembrar de onde estava. Caleb me seguiu com o olhar. Eu ainda estava na difícil missão de tentar não encará-lo, então só puxei o travesseiro que estava ao lado para me cobrir.

Caleb se deitou perto de mim e puxou meu rosto para olhar em meus olhos antes de começar a falar. Surpreendeu-me o fato de seus olhos não terem um pingo de pena ou sofrimento nem nenhuma hesitação, muito pelo contrário. Ele parecia resoluto.

— A gente não se conheceu ontem, Lírio — começou, olhando em meus olhos com tanta intensidade que senti o ar faltar. — Eu nunca permitiria que tu fizesse alguma coisa com a qual não se sentisse confortável. Se preferir, posso ir embora e a gente marca de sair outro dia. Fica por sua conta, mas… às vezes, me pergunto se conseguiria um dia tirar as mãos do seu corpo...

— ele provocou, com um sorriso matreiro no rosto. Seus olhos me mediram de cima a baixo, deixando rastros de fogo pelo meu corpo, como se eu fosse a coisa mais deliciosa do mundo.

E foi exatamente esse sorriso que fez um calafrio tomar conta da minha barriga. Eu não conseguia nem pensar no que ele dissera; resolvi ignorar o coração batendo descompassado. Como antes, meu desejo por Caleb era inegável, e ter falado em voz alta pela primeira vez que fazia tanto tempo desde o meu último contato físico nesse nível com alguém fez com que eu finalmente conseguisse me soltar um pouco e seguir o conselho de Alice: aproveitar mais a vida. Nem que a "vida" toda que ela me recomendou fosse somente uma noite com Caleb.

Mas vamos com calma, pensei. *Baby steps*.

Aproximei-me dele e colei nossos lábios de novo, mas ele me afastou.

— Sigo com o que eu falei antes. Não quero te forçar a nada, Lily.

Dei um sorriso e, devagar, coloquei o travesseiro que me cobria de volta no lugar, me virando de bruços. Aproximei-me ainda mais do seu rosto.

— Tu não está me forçando a fazer nada, Caleb. Eu quero... — Desviei o olhar e dei uma risada fraca, tentando controlar a excitação que voltava a tomar conta do meu corpo. — Quero muito. Acho que só precisava colocar isso pra fora. O que eu sinto por ti é algo que achei que jamais experimentaria novamente.

Caleb engoliu em seco e assentiu. Respirou fundo e se sentou no colchão, me puxando com ele. Seus dedos acompanharam o formato dos meus olhos, o contorno do meu rosto e dos meus lábios. Com delicadeza, ele passeou pela curva do meu pescoço, indo até a ponta dos meus dedos. Voltou o caminho por dentro do meu braço e trocou de rota ao chegar na altura da minha cintura, passando a acariciar a pele descoberta, contornando meus seios.

Todo esse trajeto fez com que meu corpo se arrepiasse por inteiro, e eu não sabia como reagir a isso. Sua carícia continuou por toda a pele, subindo novamente até meu cabelo, soltando-o do coque frouxo com que tinha o prendido. As mechas cor-de-rosa caíram por sobre meus ombros, e Caleb as tocou também.

— Já falei o quanto gosto de ver seu cabelo colorido? — murmurou perto do meu rosto, mas com os olhos vidrados nos fios que desciam até os seios.

— Uma vez, quase um mês atrás... — Ri, lembrando de quando ele me pediu um beijo na cara dura, bem na minha casa, na primeira vez que dormiu aqui.

Caleb soltou uma risada, provavelmente se lembrando também. Seus dedos se enroscaram na raiz do cabelo quando ele resolveu puxar minha cabeça em direção à sua.

— Eu disse que um dia tu seria minha — soprou na direção dos meus lábios. — Me diga quando parar, Lily.

Assenti, sentindo o corpo queimar com seus toques (ou a falta deles) em minha pele. Todas as partes de mim onde ele colocava as mãos queimavam.

— Tu não vai precisar parar.

Capítulo 13

Caleb se aproximou de mim e, com um riso leve, capturou meus lábios em um beijo doce e calmo, no qual consegui prová-lo em todos os sentidos da palavra.

Era um beijo apaixonado. Eu experimentava todo esse sentimento sendo direcionado para mim, como se eu fosse o único alvo do seu coração. Por um momento, me deixei levar pela sensação, como se fosse a melhor do mundo.

Talvez porque, simplesmente, ela era.

Senti suas mãos descerem pela minha cintura até a barra da calça, abrindo o botão e a puxando para baixo. Caleb se afastou para tirá-la por completo e senti seu olhar me analisando, parando em cada marca e em cada curva. A sensação era, ao mesmo tempo, de ser adorada como uma deusa e de sentir vontade de me cobrir e me esconder, com vergonha. Ele deve ter percebido minha reação, porque aproximou sua boca da minha e soprou:

— Nunca pensei que fosse tão linda por baixo daquelas roupas coloridas que usa todos os dias.

Ri baixo, ainda sem conseguir olhar em seus olhos, mas rebatendo o que falara:

— Quer dizer que não gosta das minhas roupas?

— Não foi isso que eu disse. Disse que fica melhor sem elas. — Meu pobre coração, que já estava mais do que acelerado, deve ter errado umas cinco batidas.

Caleb voltou a me beijar, e logo senti sua língua pedindo permissão para aprofundar o beijo. Dei-a, sentindo mais uma vez aquele fogo consumir meu corpo de uma forma que achei não ser possível tão cedo.

Cedo, aquela voz resmungou dentro da minha cabeça. Mas quando Caleb me puxou para cima do seu corpo, apertando minha cintura com uma mão e embrenhando a outra nos meus cabelos, nada daquilo parecia ter importância. Pelo menos, não naquela hora. Ele era só isso para mim naquele instante: calafrio, sensação, paixão. E eu desejei, ali, tudo o que ele quisesse me dar, tudo o que reservara para mim.

Apoiei minhas mãos ao lado da sua cabeça e abri as pernas, encaixando-o ali como se sempre tivesse sido seu lugar de direito. Quando ele desceu os beijos para o meu pescoço, não consegui segurar um gemido, sentindo minha intimidade pulsar e Caleb crescer ainda mais embaixo de mim. Inconscientemente, mexi os quadris, buscando uma posição mais confortável, e Caleb soltou um gemido rouco em minha pele, me arrepiando.

Sua outra mão voou para a minha cintura e ambas me apertaram ali, me fazendo arquear as costas. Tê-lo daquela forma me fazia queimar e, naquele momento, desejava aquilo mais do que tudo.

E queria que ele se queimasse também.

Mas parecia que ele tivera essa mesma ideia quando me virou na cama, deitando em cima de mim e segurando minhas coxas para prender as pernas na sua cintura. Afastou as cobertas, já completamente dispensadas da sua função, e simulou mais um movimento em cima de mim. Sua calça já aparentava estar bem apertada naquela região, e senti o zíper bater em um ponto mais sensível. Arfei, ainda tentando segurar meus gemidos, e quis que aquela fricção continuasse eternamente.

Sem pensar, abaixei as mãos e abri o botão, deslizando o zíper. Passei as mãos do seu quadril até sua bunda e me permiti aproveitar aquele pedaço de carne (*por que ele tinha a bunda maior do que a minha?*), apertando-o enquanto tentava abaixar sua calça. Caleb sentou em cima das pernas e me puxou com ele, colando nossos lábios novamente enquanto suas mãos dançavam

pelas minhas costas, em uma mistura de carícias e a busca pelo fecho do sutiã.

Ao abri-lo, passou as alças delicadamente por meus braços, seus lábios descendo pelo meu pescoço e meu ombro. Ofeguei quando senti os dedos roçarem em meus mamilos. Ele me deitou de novo e levantou só para tirar a calça propriamente. Não queria me espantar tanto (ou demonstrar meu espanto), mas não consegui evitar arregalar os olhos para o volume em sua *boxer*. Ouvi sua risada e ergui o olhar, percebendo que tinha um brilho de orgulho em seus olhos e um sorriso malicioso nos lábios.

— Tu me enlouquece, sabia? — sussurrou Caleb ao deitar sobre mim novamente e roçar os lábios no lóbulo da minha orelha. — Não consigo parar de te beijar, acho que nunca mais vou esquecer seu gosto.

Com as mãos na minha cintura, o moreno voltou a me beijar e, dessa vez, pressionou o membro na minha intimidade com mais força e precisão, o que foi quase suficiente para me fazer ver estrelas por entre as pálpebras fechadas. Agarrei seus ombros como se aquilo fosse minha tábua salva-vidas.

Caleb sustentava o peso do seu corpo em um braço. Senti seus dedos contornarem meu corpo com calma, descendo pela cintura e circulando a barra da calcinha. Experimentei um arrepio quando ele desceu a boca pelo meu pescoço mais uma vez, deixando beijos suaves pelo colo até abocanhar um seio e chupá-lo delicadamente. Os gemidos que antes consegui segurar se soltaram dos meus lábios e quando senti sua mão entrar na calcinha e traçar seu caminho, foi como se tivéssemos feito aquilo a vida inteira, juntos.

Parecia tão certo que me assustei com o fato de a ideia não ter passado pela minha cabeça pelo menos uma única vez, mas empurrei o pensamento para o fundo da mente e me deixei levar pelo sentimento. Aquela voz chata que me perturbava não tinha se calado, muito pelo contrário: gritava a plenos pulmões que eu estava errada e que não deveria deixar Caleb me tocar desse jeito, que Pedro estaria desapontado comigo e que aquilo era uma traição ao nome dele. Mas parecia que uma outra tinha nascido naquele instante, e ela gritava de volta que eu não poderia parar minha vida, que Pedro não estava mais ali há muitos anos e que eu tinha o direito de ser feliz.

— Lily?

O chamado de Caleb me fez sair dos meus devaneios. Balancei a cabeça para afastar as duas vozes que batalhavam dentro da minha cabeça e olhei para ele. Seus cabelos pretos caindo nos olhos, os olhos escuros de desejo e os lábios inchados dos nossos beijos. Ele parecia preocupado.

— Tudo bem?

Estava? Precisei de um milésimo de segundo para decidir.

— Tudo perfeito.

Puxei seu rosto para o meu e o beijei novamente. Poderia lidar com a culpa que, com certeza, viria depois, com toda a avalanche emocional que me tomaria quando ele se fosse mas, naquele momento, eu o queria. Deixaria meu corpo controlar dessa vez.

Mesmo que fosse só dessa vez.

Seus lábios se apertaram contra os meus e senti sua língua deslizar para dentro da minha boca, fazendo meus quadris se remexerem, inquietos. Caleb segurou minha cintura e investiu mais uma vez, me fazendo sentir quase toda a sua extensão e a percepção de que a única coisa que me separava dele eram duas camadas finas de algodão.

Um choque atravessou meu corpo quando ele inseriu um dedo em mim, afastando a calcinha para o lado. Seus lábios deixaram os meus e desceram, fazendo o caminho quase

completo até minha barriga, passando e lambendo os dois seios. Seu dedo nunca parou de se movimentar dentro de mim, e ele logo inseriu mais um, me fazendo arquear as costas em deleite.

Quando senti seus beijos em cima do pano da minha calcinha, abri os olhos que não percebi estarem fechados e enganchei meus dedos em seus cabelos. Ele me observava, como se todas as minhas reações fossem o filme mais importante da sua vida, como se aquela cena fosse a mais excitante que já tinha visto.

E isso me fez entrar em combustão. De novo. Sentia que poderia gozar só por ficar olhando-o naquela exata posição. Ele sorriu enquanto tirava os dedos de dentro de mim e deslizava o pano completamente destruído pelas minhas pernas. Acompanhei com os olhos o caminho que a calcinha fez quando ele a jogou de lado e empurrou meus joelhos em direções opostas com delicadeza.

Ajoelhou no chão e segurou minhas pernas em seus ombros, deslizando os dedos pelas minhas coxas. Quando senti seu hálito perto da minha intimidade, ergui o corpo nos cotovelos para observá-lo. Ele ergueu os olhos para mim, como se pedisse permissão mais uma vez, e eu assenti. Não sei como não desmaiei naquele momento, porque, quando a língua de Caleb tocou aquele ponto sensível, meus braços não mais sustentaram meu peso e eu caí na cama, mais um gemido escapando.

A forma como ele mexia a língua era enlouquecedora e ao inserir dois dedos dentro de mim mais uma vez, foi como se meu corpo não fosse aguentar. Mas percebi que suportaria tudo aquilo quando Caleb acertou exatamente o ponto dentro de mim que me fez ver todas as estrelas existentes no céu. Aquele nó no meu estômago se desfez deliciosamente e, dessa vez, não consegui me preocupar o suficiente para segurar os gemidos. O orgasmo me arrebatou de tal forma que achei que jamais sentiria novamente, tomando conta de todo o meu corpo. Notei que todos os outros sentidos tinham sido silenciados.

Como se fosse a primeira vez, absorvi todos os segundos daquela sensação que dominou meu corpo. Quando consegui forças para conseguir respirar novamente, abri os olhos e o vi me olhando maravilhado. Não consegui segurar o sorriso bobo que se formou em meus lábios.

— Eu poderia fazer isso o dia todo — murmurou com malícia, antes de passar a língua uma última vez em minha pele sensível.

Engoli um gemido e não pensei quando analisei seus traços. Os lábios inchados e úmidos, os olhos brilhando, as pupilas dilatadas, a respiração quase tão descompassada quanto a minha. Tudo aquilo era afrodisíaco demais, então passei a mão pela sua nuca e o puxei contra mim, sentindo meu gosto em seus lábios.

Enrosquei as mãos em seu quadril e coloquei uma dentro da *boxer*, sentindo seu membro quente. Um arrepio passou pela minha coluna, me deixando ainda mais excitada. Ele se afastou de mim subitamente, e eu achei que tivesse feito algo errado.

— Que foi?

— Camisinha — murmurou, procurando algo no chão do quarto.

Isso nunca nem passou pela minha cabeça. Eu não usava com Pedro e não faria sentido tê-las em casa se não tivesse parceiros há tantos anos. Ele rodou de um lado para o outro, aparentemente se lembrando que deixara suas coisas na sala.

Saiu correndo, com o membro ereto para fora da cueca, e eu não consegui evitar rir da situação. Parecia que tudo o que acontecia entre Caleb e eu era digno de uma comédia romântica. Logo, o moreno voltou com o pequeno pacote prateado em mãos e, na hora em que nossos olhares se encontraram, caímos na risada.

— Tá muito frio lá fora — ele comentou enquanto subia na cama de novo, depois de

fechar a porta do quarto.

Eu ri, assentindo.

— Eu sei. Disse que aqui fazia frio.

Ele abaixou e me beijou, fazendo toda a brincadeira ser substituída pelo calor com o qual tinha acabado de começar a me acostumar. Só que, dessa vez, ele veio bem mais forte.

Meus lábios se ergueram em um sorriso sem que eu percebesse. Senti-o se erguer, abaixar a *boxer* e deslizar o plástico do preservativo por seu membro. Caleb voltou a deitar sobre mim e beijar meus lábios com doçura. Afastou-se o suficiente para que pudesse olhar em meus olhos.

— Disse — murmurou contra a minha pele quando beijou meu pescoço e segurou minha perna em suas costas, se encaixando no lugar mais certo possível —, mas pode deixar que te esquento de novo.

Nossos olhares se conectaram, me fazendo viajar por dentro deles, como se Caleb conseguisse passar para mim tudo o que estava sentindo naquele momento. Ele me deu um beijo casto nos lábios e olhou fundo em meus olhos mais uma vez.

— Última chance, Lily — sussurrou contra meus lábios. — Tem certeza de que quer isso?

Assenti, sem hesitação. Meu coração deu um pulo apertado no peito, mas eu iria até o final. Pensando melhor, parecia o tipo de barreira que precisaria quebrar para poder seguir em frente.

Caleb me beijou uma última vez e posicionou seu membro em minha entrada. Quando começou a penetrar, pensei que não aguentaria. Porém, ao senti-lo por inteiro dentro de mim, nosso olhar se cruzou, e o que eu vi ali foi algo que transcendeu tudo o que jamais imaginei sobre ele.

A conexão foi como se algo tivesse nos tornado um só, e não só no sentido literal, de ele estar dentro do meu corpo: foi como se um tipo de mágica acontecesse naquele momento. Nossas almas se conectaram, e eu não consegui desviar os olhos dos dele, que também me encaravam com um misto de surpresa e desejo.

Quando ele começou a se mover, não pude mais manter meus olhos abertos. Tombei a cabeça para trás com um gemido, e ele aproveitou para voltar a beijar meu pescoço. Senti-lo dentro de mim, estocando ora com força, ora com delicadeza, era muito mais do que um dia eu poderia imaginar.

Caleb segurava minha cintura enquanto se movia com precisão, apertando minha coxa com a outra mão. Minha respiração ficou cada vez mais acelerada, meu coração disparou e um gemido mais longo escapou por entre meus lábios quando o orgasmo me atingiu. Com mais algumas estocadas, Caleb também atingiu seu ápice ao soltar um grunhido no pé do meu ouvido, me fazendo estremecer ainda mais.

Nossas respirações estavam descompassadas mas, um pouco mais recuperada do clímax do que ele, pude perceber que nossos corações batiam no mesmo ritmo. Ao senti-lo sair de dentro de mim e ir até o banheiro se desfazer do preservativo, observei aquele homem gloriosamente nu andando de um lado para o outro, pegando as roupas e as ajeitando em cima da minha mesa, depois ligando o aquecedor, que agora estava no meu quarto.

— Se continuar andando sem roupas assim, vai se resfriar — alertei, ainda sem conseguir tirar os olhos daquele que fez meu coração se aquecer depois de tanto tempo.

Ele riu, mas logo apagou a luz e deitou ao meu lado, puxando a coberta para cima de nossos corpos suados.

Então, algo me ocorreu. *Será que tinha sido só comigo?* Será que só eu tinha sentido

aquela… aquele… aquilo?

O que foi aquilo?

A luz do poste que iluminava a rua em frente à janela do quarto estava fraca, mas mostrava o vento com gelo com o qual a geada nos presenteava naquela noite. Não senti o ar gélido na madrugada, mas ter Caleb ao meu lado me distraiu do frio cortante das últimas semanas.

Ao sentir o corpo dele tão perto, me aproximei mais, mas o guri tinha outros planos: me puxou com carinho para que deitasse em seu peito nu. Sem pensar em mais nada, passei uma perna sobre as suas e me conectei com ele de uma forma muito mais íntima do que no sexo. Ali eu estava, mesmo que inconscientemente, entregando minha alma e meu coração para ele, abaixando todas as guardas, deixando todas as minhas inseguranças à mostra.

Só esperava que não fosse em vão.

— No que está pensando? — perguntei, tentando puxar assunto e silenciar as vozes na minha cabeça, que brigavam para saber qual venceria a batalha cérebro X coração.

Caleb me abraçou mais forte, e seu braço solto veio brincar com meus dedos, que faziam padrões aleatórios em seu peito.

— Em como achei que isso nunca fosse acontecer.

Franzi a testa, sem entender, mas não me virei para olhá-lo.

— Isso o quê?

— Te ter em meus braços. Achei que era uma paixonite do escritório, que nunca iria dar certo.

— Mas quem disse que vai dar errado?

Olha, a Lily corajosa resolveu dar as caras!

— Ninguém. Mas é sério quando digo que já te olhava há tempos, Lily. — Seu abraço se estreitou, como se tivesse medo de que eu fosse embora — Achei que fosse passageiro, mas, a cada dia que passava, tu me mostrava uma qualidade a mais que eu achava ter esquecido de anotar. A cada vez que tu aparecia com o cabelo pintado de uma cor diferente, cada vez que eu observava tu deixar um pedaço da sua alma em todos os seus desenhos... Lily, tu faz meu mundo preto-e-branco ficar colorido, e meu maior medo é não conseguir colorir o seu.

Tentei rebater e fazer mais perguntas, mas lágrimas encheram meus olhos, então só abaixei a cabeça.

— Queria muito poder comprar uma caixa de lápis de cor pra colorir sua vida, Caleb... — murmurei, pensando em Pedro e em tudo o mais que acontecera com a minha vida, que ele não sabia.

Caleb balançou a cabeça e a afastou, querendo me alcançar. Ergui a minha para olhá-lo nos olhos, que a luz da rua fazia brilharem. Fiquei mais tranquila quando constatei que eles transbordavam o que eu mais precisava naquele momento: segurança.

— Se tu continuar aparecendo com esse cabelo colorido, já ajuda bastante — brincou ele, conseguindo arrancar um sorriso de mim.

— Obrigada — agradeci. — Por tudo.

Senti quando ele sorriu e estreitou ainda mais os braços ao meu redor, depositando um beijo na minha cabeça.

— Boa noite, Lírio.

— Boa noite, querido.

Capítulo 14

Algo molhado e quente estava no meu pescoço, mas eu sabia o que era: beijos molhados. Considerando tudo o que Caleb e eu fizemos ontem à noite, não era de se estranhar que ele quisesse um pouco de sexo matinal.

Não era muito adepta da prática, mas quem sabe ele me faria mudar de ideia?

Virei-me para ele, ainda de olhos fechados, e puxei seus lábios contra os meus em um beijo desesperado, como se eu não tivesse acabado de transar com ele. Não me importava, só queria saber dele comigo, dele dentro de mim…

Nossa, que grande pervertida você está se tornando, hein, Lily? Não me importei com minha própria consciência e deixei que o lindo moreno dos olhos castanhos guiasse meus próximos movimentos.

Caleb afastou as cobertas da gente e o senti massageando meu seio ainda coberto pelo sutiã.

Sutiã? Mas eu não tinha dormido nua?

Logo, as carícias dele tiraram a confusão da minha mente e ele parecia se esforçar muito para se segurar e não me atacar com rudeza. Caleb fora delicado na noite anterior, e eu duvidava que mostrasse algo diferente do Caleb que eu conheço há tantos anos.

Sem perceber, senti-o abaixando as alças do sutiã pelos meus ombros e, naquele momento, toda a autoconfiança escorreu por água abaixo. De repente, a imagem que eu tinha de Caleb no meio das minhas pernas enquanto tirava a roupa foi se metamorfoseando, transformando seus cabelos em um tom de loiro muito mais claro do que os fios originais; seus traços se alteraram e o cenário ao nosso redor também.

De repente, eu não morava mais em Morro do Meio e não era Caleb na minha cama. Era Pedro, e estávamos no nosso quarto, na casa alugada em América.

Senti uma pontada no peito, como se estivessem esfaqueando meu coração, e meus olhos se encheram de lágrimas. Fiquei imóvel, não consegui mais me mexer.

Senti meus olhos serem incomodados por uma luz que não estava presente anteriormente e, com certa dificuldade, os abri. A tal luz era um raio do sol que não aparecia há semanas, então não era de se espantar que eu me assustasse por ter deixado a cortina aberta na noite anterior.

Mas o pior era realmente o sonho. Pedro e Caleb se misturando não poderia ser um bom sinal. Virei meu rosto para o travesseiro e senti que estava molhado. Provavelmente, chorei enquanto dormia.

Com a mesma sensação da semana anterior, quis me esquivar dos braços de Caleb antes que ele acordasse, mas, na hora em que tentei sair da cama, seu abraço se apertou, me mantendo no lugar.

— Não sai daqui, não... Tá tão bom...

O murmúrio de Caleb fez meu coração desapertar um pouquinho, mas ainda sentia o peso da culpa por ter dormido com ele me esmagando. Tentei forçar um sorriso, mas percebi que seus olhos ainda estavam fechados. Respirei fundo, fechei meus olhos e me encolhi em seu abraço, me deixando ser embalada.

Minha cama estava quentinha, e eu quis derreter ali, ficar naquela espécie de casulo para todo o sempre. Incrível como o conforto era algo que, quando se estabelece, faz com que você não queira largá-lo por nada no mundo. Não entendia como haviam pessoas que gostavam de procurar coisas que as desafiassem. Já tinha passado por obstáculos demais para uma vida

inteira.

Quando os abri novamente, dei de cara com um Caleb que parecia ficar mais bonito a cada vez que eu o olhava. Mais ainda do que alguns minutos atrás. Ele me olhava com um sorriso bobo que fez meu rosto esquentar.

— Bom dia, Lírio — ele murmurou, seu hálito de menta pinicando meu rosto. Perguntei-me há quanto tempo ele havia acordado e quando se levantou da cama, porque não senti nada.

Sorri, me aproximando dele e dando um beijinho estalado na ponta do seu nariz. Não falei nada, desesperada para, pelo menos, achar uma bala no meio do caminho até o banheiro.

Afastei a coberta e logo me arrependi. *Sol fraco*, olhei feio para a janela. Corri até o banheiro, escovei os dentes e voltei para a cama. Deitei de novo e olhei para ele.

— Agora, sim... — Senti Caleb passar o braço pela minha cintura e me puxar para mais perto. — Bom dia, querido.

— Pela primeira vez, sua frase é dita no dia seguinte — brincou.

Engoli em seco e empurrei aquele sentimento excruciante para o fundo da minha mente. Teria tempo o suficiente para lidar com ele quando Caleb se fosse.

Ele me puxou para mais perto, enroscando suas pernas nas minhas e depositando um beijo suave em meus lábios. Meu coração se derreteu um pouquinho mais, como o sol fraco que derretia o gelo devagar.

Sorri com aquela constatação. Uma parte pequena dentro de mim quis acreditar que sempre seria assim, que Caleb derreteria todas as barreiras do meu coração aos poucos.

Era muita ilusão minha acreditar nisso? Desejei ardentemente que não enquanto sentia seus lábios deslizando pelo meu pescoço. Ele voltou para meu rosto e deixou vários beijos em toda a área: nos olhos, no nariz, nas bochechas, como uma brincadeira que me fez rir fraco.

— É sábado, e tudo o que eu queria era ficar nessa cama o dia inteiro, beijando seu corpo todo — murmurou contra meus lábios, fazendo meu coração errar uma batida. — Impressionante que, quanto mais tu me beija, mais eu quero te beijar.

Ri da sua constatação e encostei minha testa na dele.

— Então continua me beijando — sussurrei como uma confissão.

O sorriso que se formou em seu rosto era o mais bonito que eu já vi. Como consegui ficar tanto tempo sem perceber o quanto ele era lindo?

Como se obedecendo aos meus comandos, Caleb me virou na cama, deitando em cima de mim. Ele ria como uma criança que ganha um presente de Natal, mas, antes de abaixar para me beijar, ergueu o olhar para algo atrás de mim.

— Agora não vai dar, estou atrasado. — Ele me beijou com vontade, sua língua deslizando para dentro da minha boca e tirando o resto da sanidade que me sobrara.

Tão rápido quanto começou, Caleb se afastou de mim, se levantando e pescando suas roupas no chão. Se vestiu com pressa enquanto eu o observava. Levou alguns segundos para que eu olhasse no relógio e lembrasse que ele sempre tinha compromisso aos sábados, perto da hora do almoço. Eram mais de dez horas, entendi porque estava com pressa.

Reunindo um pouco da coragem de me intrometer em sua vida, me sentei na cama e puxei os lençóis para que cobrissem meus seios.

— Sei que tem esse compromisso toda semana, mas… — comecei, chamando sua atenção enquanto ele terminava de colocar a camiseta de mangas compridas que usara na noite anterior e se voltava para mim. — Onde tu vai?

Um sorriso se iluminou em seu rosto, como se eu tivesse perguntado a uma criança se ela queria ir em uma loja de brinquedos.

— Quer vir comigo?

Abri a boca para responder alguma coisa, mas nenhuma palavra saiu.

— Ir aonde?

— É um lugar muito especial pra mim, acho que tu vai gostar. — Diante da expressão confusa que, com certeza, estampava meu rosto, ele riu e se aproximou de mim, dando um selinho apertado. — Só precisa colocar roupas confortáveis, a gente vai ficar em pé um longo tempo.

Bom, não era como se eu tivesse muita coisa para fazer em casa, de qualquer forma.

Concordei e fui me arrumar, tomando uma chuveirada rápida o suficiente para me limpar, mas não o bastante para me aquecer. Dei de ombros quando coloquei uma calça bailarina preta, minhas botas *ugg* e um blusão de lã *pink*. Enquanto passava uma maquiagem no rosto (para dar aquele *arzinho de saúde*, como as blogueiras de maquiagem falam nos vídeos), senti cheiro de café sendo coado.

Fui até a cozinha e o vi passando manteiga no pão para colocar em uma pequena frigideira que estava no fogão enquanto o café passava na garrafa em cima da pia.

— Impressionante como tu já acha que está na sua própria casa, né?

Caleb se virou para mim e riu, apertando o pão na frigideira e espalhando aquele cheiro maravilhoso de manteiga quente.

— Precisamos sair e não dá pra ir sem tomar café. A gente só vai comer depois das duas.

Abri a boca para retrucar por não saber onde iríamos, mas, ao sentar no balcão da cozinha, ele colocou a xícara com café e um prato com pão de trigo com manteiga quente na minha frente.

Ele realmente conseguia calar todos os meus argumentos com um simples prato de comida. *Que palhaçada*, pensei enquanto mordia o pãozinho e bebericava o café.

Comemos em silêncio, e ele esperou eu colocar o gorro e um cachecol no pescoço enquanto pegava sua mochila para sairmos.

Terminava de passar a chave na porta quando ele me virou e prensou seu corpo contra o meu, me beijando apaixonadamente. Não tinha outra definição, porque eu sentia tudo o que ele queria transmitir com aquele gesto. Quando nos separamos por falta de ar, ele encostou a testa na minha e sorriu, com as mãos em ambos os lados do meu rosto.

— Eu realmente queria poder ficar te beijando o dia inteiro, Lírio. Não consigo parar de pensar na noite passada.

Um sorriso tímido brotou em meus lábios e eu puxei seu rosto em resposta. Acredito em memória corporal, porque meu corpo não conseguia esquecer os toques dele, mas minha mente tinha voado novamente para outro lugar. Quando Caleb me soltou, me puxou pela mão até a estação de trem e, mais uma vez, empurrei os sentimentos goela abaixo. Não podia deixar que isso afetasse meu dia com o moreno.

*

Ao descermos em uma estação do outro lado da cidade, Caleb me puxou por mais três quarteirões.

— Pelo amor de Deus, pra onde tu está me levando, guri?

E o cínico ainda riu na minha cara!

— Tu já vai ver, chegamos em dois toques.

Bufei, e ele riu. Minha cota de esforço do ano tinha sido concluída na semana anterior quando fui até a Visconde de Taunay a pé. Não tinha condições de andar mais o mesmo tanto

pela segunda semana consecutiva.

Depois de quinze minutos caminhando, as casas começaram a parecer mais simples, com muitos becos que, mesmo à luz do dia, aparentavam ser escuros e perigosos. Em um, mesmo àquela hora da manhã, consegui notar dois guris sentados no escuro, escondidos, com algo na mão que não consegui identificar o que era. Um arrepio correu pela minha espinha, me deixando nervosa com o cenário.

— Tu não vai me matar e me jogar numa vala, né? — perguntei, começando a ficar com medo do local ao mesmo tempo em que tentava fazer piada para acalmar a mim mesma.

Caleb riu.

— Claro que não! O que anda assistindo? — ele perguntou com uma sobrancelha arqueada.

— *How to Get Away with Murder*[2] — respondi, dando de ombros, como se não fosse nada além do óbvio.

Caleb explodiu em uma gargalhada tão contagiante que logo eu já estava rindo junto. Ele pareceu querer falar alguma coisa quando nossas respirações voltaram ao normal (ou o mais normal que uma caminhada daquele porte estaria permitindo), mas se virou de repente.

— É aqui.

Olhei para o local para onde ele me puxava e notei a pequena placa que dizia: *Casa de Repouso Santa Maggiore*. Estranhei, porque era o mesmo nome do orfanato em que cresci, mas dei de ombros. Vai ver tem um povo bem devoto dessa santa aqui. Era uma casa grande e branca, cercada por grama e um portão de ferro antigo castigado pelo tempo.

Caleb me levou através do portão mas, ao invés de entrarmos pela porta da frente, seguindo o pequeno caminho de pedras, passamos pela lateral da casa até a porta dos fundos. Cada vez eu entendia menos.

Ao abrir a porta, me deparei com a cozinha da casa de repouso e observei, com cuidado, ele cumprimentar todas as mulheres que estavam ali. Cada uma tinha uma função naquele local, mas nenhuma vestia um uniforme.

— Caleb, deixa suas coisas na despensa e vem descascar as batatas! — gritou uma das mulheres, mais alta, com um coque malfeito nos cabelos escuros e uma blusa vermelha enorme. Ela vestia um avental de flores enquanto lavava uma panela que tinha tamanho o suficiente para cozer uma “Lily” inteira.

— Já estou indo, Ana, mas antes quero te apresentar uma pessoa.

A mulher ergueu a cabeça na hora e olhou para mim, abrindo um sorriso enorme.

— Deixa eu adivinhar: a guria do trabalho de quem tu tanto fala?

Caleb assentiu, e eu quis me adiantar: estendi minha mão para a mulher, que limpou a dela no avental.

— Prazer, me chamo Lily.

Ana sorriu para mim ainda mais.

— Ana... Nem acredito que finalmente te conheci! Caleb sempre comentou sobre ti, mas esse último mês tá difícil de ele falar de outra coisa.

Olhei para Caleb quando ela soltou minha mão, esperando algum tipo de explicação, mas ele não estava mais perto de mim. Estava em frente à pia, cumprindo a tarefa designada por Ana.

— Espero que ele tenha falado bem de mim — comentei.

— Ah, claro! E disse que tu era muito bonita, só não sabia que era tanto.

Senti meu rosto esquentar e assenti.

— Eu ajudo com o almoço aqui todas as semanas, Lily. — Caleb soltou sua explicação lá

da pia, com uma pilha de batatas descascadas já do seu lado. Fiquei chocada com a habilidade dele de descascar com tanta facilidade e rapidez. — Minha avó ficou internada aqui nos últimos anos. Ela faleceu no começo do ano passado, mas continuo vindo pra ajudá-los. Sinto que é uma forma de ainda manter viva sua presença.

Um sorriso se formou em seu rosto, como se aquela pequena ajuda de toda semana à instituição fosse seu maior tesouro.

Espelhei seu movimento, me virando para Ana e perguntando:

— Como eu posso ajudar?

Capítulo 15

No final das contas, não consegui *uma* tarefa só ali, mas várias – assim como todo mundo.

Caleb se ocupou de descascar e picar todos os legumes, Felicidade, uma senhora com cabelos loiros e curtos e um vestido azul royal até os pés, colocava alguns pães de trigo cortados em fatias no forno para fazer torradas que poderiam ser consumidas junto com a sopa e Ana fazia o refogado. Deise, uma moça mais nova, vestida completamente de preto, tirava do armário as louças que iríamos usar e as empilhava em cima da mesa. No final, quem acabou lavando toda a louça fui eu. Não me importei, era uma forma de ajudar.

Elas eram muito alegres, e uma rádio com samba antigo tocava, animando a todos que estavam ali. Não era muito minha praia, mas, aparentemente, era o tipo de música que agradava tanto aos internos quanto às mulheres que trabalhavam no lugar.

Elas tinham uma energia de outro mundo, fazendo qualquer tarefa se tornar dez vezes mais fácil. O fato de eu não saber cozinhar quase nada as chocou.

— Como assim, não sabes cozinhar? — Felicidade me perguntou, com um sotaque português carregado.

Dei de ombros enquanto secava a colher que ela me pedira para lavar.

— Não sei. — Revirei os olhos ao entregar o utensílio para a mulher e me voltar para as panelas já utilizadas em cima da pia — Quer dizer, eu sei fazer o básico: arroz, guisado de frango… — Parei para pensar o que mais eu sabia cozinhar e, para meu espanto, não havia mais nada. — Ovo mexido.

Deise e Felicidade, que estavam mais perto de mim, caíram na gargalhada. Foi contagiante, fazia muito tempo que eu não me sentia tão bem. Elas emanavam uma energia muito boa, que me fazia sentir o peito mais leve.

— Isso é verdade. — Caleb apareceu atrás de mim, depositando um beijo na minha cabeça quando se inclinou em cima da pia para pegar um dos potes de tempero que estavam no beiral do vitrô. — Os ovos mexidos dela são maravilhosos.

Senti meu rosto esquentar, tanto pela proximidade quanto pelo fato de ele saber algo que eu cozinhava. Porque, na verdade, eu só o fizera uma única vez.

— Imagino que tu saiba muito bem disso, não é, Caleb? — Ana provocou, dando risada dele.

— Não muito, mas pretendo descobrir.

Se meu rosto já estava quente, agora acho que Ana poderia fazer comida nas minhas bochechas. Não me atrevi a virar para ver sua expressão, mas, ao contrário do que pensei, sentir Caleb atrás de mim não me assustava nem me deixava nervosa. Eu não sentia nada além do meu coração disparado por sua presença e, Deus, seu perfume!

Sorri e continuei lavando as panelas, de repente muito interessada em tirar cada pequena mancha de gordura delas. Porém, de repente, senti alguém me olhando e, quando virei para trás, Caleb me encarava, sorrindo. Meus lábios espelharam os dele e se ergueram em uma risadinha que me fez virar para frente novamente, ainda completamente envergonhada.

Mas eu pareço uma adolescente!

*

Depois de quase uma hora, tudo estava pronto. Ana me pediu para ajudar Deise a colocar a grande mesa onde todos os internos seriam servidos do almoço. Carregamos quase vinte pratos

fundos, uma caixa enorme de talheres e a mesma quantidade de copos. Sucos e água estavam sendo despejados em algumas jarras que Ana guardava em um armário embaixo da pia, e começamos a distribuí-los.

Não tinha visto nada além da cozinha, então me surpreendi com o tamanho do salão. O cômodo tinha janelas grandes que ocupavam quase toda a parede do recinto, uma mesa de refeitório enorme e uma quantidade imensa de cadeiras de plástico brancas com braços.

Ao puxá-las para ajeitá-las sobre a mesa, percebi que estavam em um estado muito ruim, algumas com o encosto quebrado e outras com as pernas bambas por já estarem rachadas. Achei um perigo usar aquelas cadeiras para pessoas de idade.

— Ana, me desculpe... — comecei, fazendo-a erguer a cabeça dos pratos que arrumava do outro lado da mesa. — Mas... só existem essas cadeiras? Algumas estão com as pernas bambas, acho que aconteceria um acidente feio se alguém de idade se sentasse aqui e caísse.

Ana suspirou antes de me responder:

— Olhe em volta, guria. Nós não temos dinheiro pra luxos. Essas são as que temos. Tu precisava ter visto as outras que estavam aqui antes. — Seu olhar era penoso, como se ela estivesse incapacitada de fazer qualquer coisa. — Antes que Caleb trouxesse essas, nós só tínhamos um banco de madeira, sem encosto, que veio junto com a mesa.

Assenti, e a mulher continuou arrumando os pratos até terminar a volta da mesa inteira. Acompanhando seu caminho, peguei a caixa dos talheres e segui ao redor do móvel, arrumando-os em seus devidos lugares. Fiquei um tempo em silêncio, absorvendo suas palavras, até que me dei conta de uma coisa:

— Foi Caleb quem comprou essas cadeiras?

— Foi. Ele tem verdadeira adoração por este lugar, visita esta casa desde antes de eu começar a trabalhar aqui.

Eu estava cada vez mais espantada com o que eu descobria sobre meu amigo.

Amigo? A nova voz que resolvera se fazer presente ontem perguntou.

— Entendi... Legal que ele ajuda tanto vocês, acho muito bonito.

Ana assentiu e deu um sorriso.

— Ele era neto da primeira interna desta casa de repouso. Sabe a história daqui?

Balancei a cabeça, ávida por mais histórias, mas logo Deise começou a trazer as panelas e a depositá-las em cima das madeiras que colocamos como descanso no centro da mesa.

— Logo Jacira começa a trazê-los. Precisamos estar com tudo pronto — anunciou Ana.

— Jacira? — perguntei enquanto arrumava o resto dos guardanapos e Ana finalizava a arrumação dos copos.

— É… A enfermeira-chefe. Ela é muito boa em seu trabalho, mas também é bem brava. Daqui a pouco, ela e as outras enfermeiras começam a trazer os internos, e a gente precisa estar com tudo pronto.

Assenti e, na hora em que me virei para ir à cozinha, cruzei com Caleb carregando umas dez cestinhas com as torradas que Felicidade fizera. Observei-o colocando-as em cima da mesa e sorri com a dedicação com a qual ele arrumava tudo. Isso fez meu coração esquentar e, quando terminou de arrumar a mesa e se virou, se aproximou de mim e deixou um selinho rápido nos meus lábios, indo até a cozinha sem falar nada.

Foi tão rápido, tão intenso, tão… *absolutamente natural* que eu mal tive tempo de processar a informação antes de Deise sair com mais cestinhas de torrada e eu perceber que o mínimo que podia fazer era ajudar a trazer as panelas de sopa.

*

Jacira era todo o estereótipo de enfermeira dos filmes antigos: usava um vestido branco com botões até o meio da canela, um chapéu da mesma cor, meias finas e sapatos de salto baixo, também brancos. O seu diferencial eram os cabelos vermelhos berrantes, presos em um coque apertado. Olhando bem para ela enquanto comíamos, a mulher que devia ter algo em torno de 45 anos, e me lembrou muito uma versão bem mais velha da enfermeira Joy, do *Pokémon*.

Comecei a rir que nem uma idiota, e Caleb, que estava conversando animadamente com um senhor chamado Plínio do outro lado, me olhou sem entender do que eu ria. Tomei um gole de água para disfarçar e impedir que alguém mais notasse.

— Que foi? — cochichou ao meu lado, não deixando que nossa conversa atrapalhasse a dos internos.

Olhei para ela de novo e respondi, no mesmo tom de voz:

— Tu conhece a Jacira há muito tempo?

Caleb assentiu.

— Há quase tanto tempo quanto venho aqui. Ela trabalha aqui há décadas.

— E não acha ela parecida com nenhum personagem?

Caleb olhou para Jacira por um longo tempo, observando enquanto ela passava com um carrinho entregando os remédios para os senhores e senhoras que precisavam. A enfermeira carregava uma carranca no rosto. Ele balançou a cabeça e me olhou, ainda confuso.

— Não... Deveria?

— Assistia *Pokémon*?

Ele meneou a cabeça de novo e ergueu os olhos para a enfermeira mais uma vez. A forma como a compreensão atingiu sua expressão quase me fez ter uma crise de riso de novo.

— A enfermeira Joy? — perguntou, incrédulo.

Eu só assenti e abaixei a cabeça para o prato, tentando esconder meu riso. Caleb fez o mesmo, mas precisou se levantar, não parecia conseguir se controlar. Fiquei observando enquanto voltava para a cozinha e, como já havíamos terminado de comer, levantei e juntei nossos pratos, para ter mais uma desculpa para ir atrás dele.

Ao entrar no ambiente, o lugar foi preenchido pelo som das risadas de Caleb.

— Tu só pode estar de brincadeira — suspirou, secando as lágrimas dos olhos.

— Não tô! Olha bem pra ela e me diz se não parece que a enfermeira Joy se aposentou.

Começamos a rir descontroladamente, encostados na pia. Eu estava mais perto dele e encostei a cabeça no seu peito, minhas bochechas até doendo de tanto que eu ria.

— Tu é doida, Lírio.

Dei de ombros. E ergui meu rosto para ele de novo.

— Só não perco uma oportunidade de fazer piada, principalmente com alguém tão mal-humorada quanto ela.

Senti ele me abraçar e passei meus braços pela sua cintura, trazendo-o para mais perto de mim. *Oh, maldito perfume,* pensei quando meu coração começou a tamborilar no peito pela milésima vez só naquele dia.

Quando controlamos nossas respirações e pareceu ser tranquilo voltar para o salão para ajudar as meninas a arrumar a mesa, me soltei de seu abraço e me virei em direção à porta, mas Caleb me puxou de volta para ele e tomou meus lábios nos seus. Uma mão me segurava pela cintura, mas a outra foi até meu rosto, segurando-o e passando o polegar pela minha bochecha. Quando nos afastamos, com as testas encostadas e nossas respirações se misturando, eu estava completamente sem ar.

— Obrigado por ter vindo.

Sorri e o beijei novamente.

— Obrigada por me chamar.

Finalmente, ele me soltou. Então, começamos a tirar a mesa e observamos Ana, Jacira e as enfermeiras levarem os idosos até a atividade que eles iriam realizar em seguida. Ali, Caleb também ajudou alguns dos senhores, e eu fiquei encantada ao ver como ele era carinhoso e cuidadoso com os internos. Suspirei.

Ele é muito mais do que eu um dia sonharia que fosse.

*

Entreguei o último prato para Caleb secar e fechei a torneira de água gelada. Minhas mãos pareciam querer cair de tão frias. Fiz uma nota mental: dar um jeito de mandar instalar um aquecedor naquela pia. Ninguém merecia lavar a louça nessa temperatura – ainda mais a quantidade de pratos, talheres, copos, travessas e panelas que lavei.

Quando ele terminou com a pilha, Ana já passou como um furacão e os guardou no armário ao lado da geladeira.

— Nem consigo agradecer pela ajuda, guris. Íamos ter demorado pelo menos o dobro do tempo pra fazer tudo.

Sorri, dizendo que não era nada. Naquele momento, percebi que estava feliz por ter ajudado todos eles.

Caleb me puxou pela mão quando viu que Ana tinha tudo sob controle.

— Que tal me deixar te apresentar o lugar?

Assenti, e ele me mostrou toda a enorme casa de repouso – porque sim, ela era enorme.

Começamos pelo jardim que ficava de frente para o salão onde comemos. O lugar tinha um gramado bonito e uma fonte desligada, de pedra. Tinha o formato de anjos-bebês, gorduchos, voando e com harpas nas mãos. Seria muito bonito vê-la funcionando, daria um ar muito romântico àquele jardim.

Demos a volta, e ele me mostrou a biblioteca. Depois, nos encaminhamos para onde ficavam os banheiros, a ala hospitalar e, logo, voltamos para a sala de TV. Entramos em uma passagem à direita na qual era possível ver a salinha da enfermagem e a sala dos remédios. Em seguida, passamos por longos corredores de piso de linóleo, com muitas portas em ambos os lados.

— Aqui são os dormitórios— disse o moreno, o tempo todo andando com os dedos entrelaçados com os meus. — Homens à direita, mulheres à esquerda.

Assenti, observando os quadros nas paredes. Caleb disse que eles eram autorizados a trazerem porta-retratos com as famílias; que Jacira, Ana e as outras meninas se encarregariam de pendurá-los na parede, próximos ao quarto do respectivo interno.

— Aqui é muito bonito — comentei enquanto observava as fotos —, e legal permitirem colocar as fotos na parede, é como se isso pudesse deixá-los mais perto de casa.

Caleb assentiu, e eu ia pulando de foto em foto, reconhecendo alguns dos rostos lá no salão, mais novos em algumas delas. Até que cheguei em um pequeno porta-retratos com uma mulher loira e um bebê no colo.

Ela estava de perfil, com a cabeça inclinada na direção da criança. Seu cabelo, que na foto antiga parecia ser loiro, cobria parte do rosto. Não reconheci.

— Quem é essa? Não lembro de tê-la visto no salão — questionei.

Caleb se aproximou e olhou na direção que eu apontava.

— Ah, essa é a dona Maria. Tu não a reconheceu porque ela não almoçou conosco. Ela

não gosta de sair do quarto. Jacira disse que ela tem depressão profunda e fica sempre balbuciando sobre as flores que perdeu.

Uma onda de compaixão tomou meu peito e me senti mal pela dona Maria. Dei de ombros e, então, ele me puxou de volta para o salão.

No momento em que chegamos, ouvi os senhores Francisco e Fortunato pulando de alegria ao ver Caleb.

— Oh, guri! Joga com a gente? — gritou o senhor Francisco.

— É pra já, seu Fortunato!

Olhei confusa para os dois idosos. Eles eram muito iguais, até se vestiam com as mesmas roupas, diferenciadas apenas pela cor do colete de lã que usavam: um estava de azul e o outro, de amarelo. Não me surpreende tê-los confundido.

Caleb se virou para mim, plantou um beijo no topo da minha cabeça e foi montar um jogo de futebol de botão com eles em uma mesa ao lado da TV. Dei risada de como os três, de repente, viraram moleques de dez anos.

Olhando ao redor, vi que tinham ligado um filme antigo na TV da sala comum e havia um espacinho no sofá, ao lado de uma senhora que sentara à minha frente na mesa.

— A senhora se importa se eu sentar ao seu lado pra ver o filme? — perguntei, sorrindo para a idosa de cabelos brancos como a neve.

Ela sorriu para mim e assentiu, puxando a sacola do tricô que fazia para o chão. Em vez de prestar atenção no filme, me perdi na agilidade com a qual ela manuseava as duas agulhas, em um desenho quase perfeito.

— Se quiser que te ensine, é só pedir — a senhora falou.

Ergui os olhos para ela, que continuou focada em seu trabalho, mas tinha um sorriso matreiro no rosto e uma sobrancelha arqueada.

Dei risada e me apresentei, ouvindo que seu nome era Gertrudes. Em poucos minutos, o filme pareceu esquecido na sala, quando ela me entregou outras agulhas, montou uma carreira de pontos e me ensinou o passo a passo do mais simples tricô.

A maior dificuldade era realmente conseguir manusear as duas agulhas sem perder um olho ou parecer um ganso furioso batendo as asas. Ela deu risada da minha falta de jeito. Já eu fiquei muito orgulhosa quando terminei minha primeira carreira sem erros.

Ergui o olhar para mostrar a ela, mas percebi que o filme que passava era *Casablanca*. Quando me virei para a tela, ele já estava quase acabando. Era o final, quando Rick está ajudando Ilsa a subir no avião para proteger seu marido e ela. Essa cena sempre acabou com o meu coração, principalmente porque era um amor profundo e verdadeiro que não poderia se concretizar.

Mas algo ao lado da TV me fez desviar o olhar na hora em que Rick e Ilsa estavam se despedindo. Naquele instante, ouvi Ingrid Bergman perguntar e Humpfrey Bogart responder, mas, quando ergui os olhos, vi Caleb me encarando e dizendo junto com o ator:

— E como ficamos?

— Nós sempre teremos Paris.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu abaixei a cabeça. Não tive muito tempo para reagir a isso, porque dona Gertrudes elogiou minha carreira de pontos naquele exato momento. Sorri para ela e senti meu rosto esquentar. A senhora não pareceu notar nada do que aconteceu comigo enquanto me ensinava outro tipo de ponto para fazer com as agulhas.

Não me atrevi a olhar para ele e voltei a tentar prestar atenção no que minha companheira

falava. O que não quer dizer nem por um único momento que eu tenha sido bem-sucedida.

*

Quando começou a escurecer, achei que Caleb ia querer ir embora, mas me surpreendi pela milionésima vez com ele naquele dia. Vi-o se levantar e ir até Ana, que estava sentada na mesa onde comemos, jogando xadrez com Deise enquanto Felicidade também tricotava alguma coisa com fones de ouvido.

A mulher pareceu preocupada com o que Caleb falou, mas depois que ele juntou as mãos em forma de oração, ela revirou os olhos e concordou. O homem parecia ter ganhado na loteria tamanho era o sorriso e o entusiasmo que emanava dele. Veio até mim e sussurrou no meu ouvido:

— Qual teu sabor favorito de pizza? Aquele dia lá na pizzaria eu não vi qual tu comeu.

Sorri com sua preocupação, como se se desculpasse por não saber o que gosto de comer.

— *Marguerita*.

Ele assentiu e saiu de novo, indo até a cozinha. Curiosa como sou, deixei o tricô com a dona Gertrudes, falando que já voltava e fui atrás dele. Ao chegar na cozinha, peguei-o falando no celular, dando um endereço. Esperei que desligasse para perguntar:

— Vai pedir pizza?

Ele sorriu como se estivesse fazendo algo muito errado, mas que o deixasse feliz.

— Vou. Mas Jacira não pode saber.

— Ah, mas é só pra gente, por que ela não poderia saber? — assumi.

Caleb balançou a cabeça.

— Não é só pra gente. É pra todo mundo.

Meu queixo caiu.

— Tu pediu pizza pra todo mundo daqui? — Ele assentiu, com os olhos brilhando. — Mas Caleb, quantos somos? É muita coisa! Além disso, tu não sabe nem quais deles não podem comer pizza ou quais tem algum tipo de alergia ou… — Eu procurava qualquer coisa que pudesse contrariar sua súbita ação. — Ou alguém que é intolerante à lactose.

Ele deu risada e me abraçou de lado, colocando um braço no meu pescoço.

— Por isso pedi duas de calabresa, duas *margueritas*, duas portuguesas, duas sicilianas, duas de brócolis e duas de atum com cebola.

Minha mente demorou para fazer as contas.

— Tu pediu dez pizzas?

— Pedi. Assim todo mundo come um pouco de cada. Dá e sobra.

— São 80 pedaços!

Caleb riu ainda mais alto e me olhou com a cabeça caída de lado, como um filhotinho curioso.

— Mas qual o problema? É um dia diferente pra todos eles, não é nada demais.

— Não tem problema nenhum — me defendi —, só acho que Jacira vai te matar.

As sobrancelhas dele se ergueram e seu sorriso exibia todos os dentes perfeitos.

— É pra isso que eu preciso de ti.

— Como assim?

— Tu vai pegar as pizzas enquanto eu a distraio.

Meu Deus, onde vamos chegar com isso?

Capítulo 16

Eram quase nove da noite quando descemos da estação e subimos a rua de volta para minha casa.

A aventura dele de distrair Jacira da entrega das dez caixas de pizza durou o tempo exato de eu pedir para Ana colocar todos eles na mesa e dispor as caixas em cima da grande superfície onde almoçamos. Assim que a enfermeira-chefe percebeu a movimentação fora da sua salinha, veio correndo igual a um rojão, querendo saber onde estávamos com a cabeça de levar pizzas gordurosas para seus internos. No final das contas, porém, convencemos a *enfermeira Joy* de que duas fatias para cada um dos idosos não faria diferença nenhuma, que eles mereciam uma noite diferente.

Ela não ficou muito feliz, mas não era como se pudesse fazer muita coisa referente àquilo.

Ao sairmos, Ana pediu meu telefone porque, de acordo com ela, "eu era muito mais legal – e menos louca – do que Caleb". Ri e passei meu número, recebendo um toque no meu aparelho e salvando seu contato logo em seguida.

— É pra voltar, hein? E tomem cuidado na rua! — disse a mulher na hora em que estávamos indo até a estação. — E me avisa quando chegarem!

— Sim, *mãe*! — gritou Caleb de volta, rindo da preocupação da mais velha.

O clima continuava frio, mas não era o tempo que estava me deixando encolhida e cada vez mais perto de Caleb. Se de manhã os becos por onde passamos estavam escuros, com uma galera esquisita, agora eu estava praticamente apavorada. Mesmo vendo alguns movimentos estranhos, nada nos aconteceu; conseguimos chegar na estação de trem sãos e salvos. Eu estava muito feliz de chegar em casa em segurança.

Fazia muito tempo que não me divertia daquele jeito, saí do asilo com a energia renovada. Fiquei só um pouco chateada porque dona Maria apareceu para comer a pizza, mas não deu abertura para que ninguém se aproximasse. Isso me incomodou um pouco, porque sentia que conhecia aquela mulher de algum lugar. Balancei a cabeça; talvez tenha visto ela no mercado ou na rua. Isso não era tão importante, de qualquer forma.

Na porta de casa, puxei a chave da pequena bolsa a tiracolo que carregava comigo. Entrei, me joguei no sofá e fechei os olhos. O dia tinha sido muito divertido, mas Caleb tinha razão quando disse que ficaríamos em pé uma boa parte do tempo. Meus pés estavam me matando. Senti que ele sentava ao meu lado e passava um braço pelos meus ombros.

— Desculpe todo o mistério, mas achei que tu ia gostar de ir lá. Obrigado por isso.

Sorri, não me importando mais com esse detalhe em específico e deitando no ombro dele.

— Foi maravilhoso, Caleb. Eu amei ter ido e conhecido tantas pessoas legais, ter tomado uma sopa muito melhor do que todas as que eu já tomei na vida e, claro, ter assistido tu perder no futebol de botão.

Ele revirou os olhos, e eu soltei uma risada.

— Eu não perdi! — Caleb pôs a mão no peito em uma indignação falsa e dramática. — Eles é que ganharam. Uma coisa não anula a outra.

— Anula, sim! — exclamei, dando um tapa leve em seu braço.

Como se para me punir, Caleb começou a fazer cócegas, me empurrando contra o sofá e subindo em cima de mim. Eu não conseguia parar de rir. Estava quase ficando sem ar. No entanto, quando o moreno colocou as mãos por baixo da minha blusa de lã, tudo passou a ficar mais sério, e eu não consegui mais rir.

A eletricidade transmitida do corpo dele até o meu me deixava entorpecida. Não sabia se Caleb se sentia da mesma forma, mas, pelo tempo que ficamos nos olhando sem nos mexer, quis muito apostar que sim.

Caleb abaixou a cabeça e colou seus lábios aos meus em um beijo cálido e intenso, carinhoso na mesma medida em que era urgente. Ele aproveitou que as mãos estavam na minha cintura e a apertou, já subindo uma até meu seio, massageando-o. Arfei ao sentir o contato da sua mão gelada contra minha pele quente, mas isso só me deixou mais excitada.

Subitamente, ele se levantou e me puxou pela mão. Não entendi o que queria até que me levou ao banheiro e fechou a porta, acionando o chuveiro. Voltou a me beijar logo depois de tirar minha blusa pela cabeça, e o banheiro começou a se encher de vapor rapidamente.

O ar quente que circulava ali começou a se tornar sufocante conforme Caleb me beijava e esquentava meu corpo cada vez mais com seus toques incandescentes. Derretia-me com cada um deles, querendo mais.

— Eu te quero — murmurou o moreno nos meus lábios depois de abrir meu sutiã e abaixar minha calça, fazendo um arrepio violento correr pela minha coluna. A sensação nada tinha a ver com a temperatura. — Quero mais de ti, mais sexo, mais toques... — Caleb desceu as mãos pelas minhas costas nuas e alcançou a bunda, apertando-a com força. Isso me fez sufocar um grito.

Sem pensar em muita coisa, puxei sua camiseta pela cabeça, e ele voltou a me beijar.

— Te quero, quero mais am...

A vontade de interrompê-lo antes que terminasse era esmagadora e, com rapidez, coloquei os dedos em seus lábios. Meu coração disparou, e o desespero começou a tomar conta de mim.

— Não termina essa frase. Não hoje. Não ainda. Não é possível que saiba o que sente agora.

Caleb me encarou por alguns segundos e pareceu perder um pouco do brilho em seus olhos, mas logo assentiu. Voltou a me beijar com ardor e, em poucos minutos, estávamos embaixo da água quente do chuveiro, sem o resto de nossas roupas. Ele me encostou na parede do box e eu gemi quando a temperatura do vidro entrou em choque com a do meu corpo, que queimava.

Mas logo Caleb me virou de costas para ele, as mãos passando pela minha cintura e indo até as nádegas mais uma vez. Ele correu a mão por toda a minha intimidade, esfregando os dedos ali antes de inserir dois de uma vez dentro de mim. Arfei. Seus movimentos não cessaram enquanto ele sussurrava em meu ouvido:

— Tu é perfeita, sabia? Tudo o que sempre imaginei que seria não chega nem aos pés do que é de verdade. — beijou minhas costas quando seus dedos fizeram um movimento circular e um gemido alto escapou da minha garganta em resposta. — Eu não vejo a hora de estar dentro de ti.

— Então o que está esperando? — perguntei, completamente sem filtro, sem pensar em nada além de realmente tê-lo dentro de mim.

Senti-o posicionar seu membro e entrar de uma só vez, nos fazendo gemer em sincronia. Seus movimentos eram fortes e precisos. Curtos e diretos. Eu estava perdendo a cabeça. Suas mãos passeavam pelo meu corpo, ora massageando meus seios, ora apertando minha cintura, ora me estimulando. Eu sentia seus beijos nas minhas costas, e isso me fazia perder completamente o que me sobrara de sanidade.

Com mais alguns movimentos certeiros, senti que o orgasmo me atingiu e, logo em

seguida, senti Caleb me preencher. Não consegui pensar e nem me preocupar com nada daquilo, só queria aproveitar as últimas ondas que chacoalhavam meu corpo. Percebi que ele encostava a testa nas minhas costas enquanto tentava controlar a respiração, tão descompassada quanto a minha.

Sentia o coração bater nos ouvidos, me privando de qualquer outro som. Estava tão alheia na minha viagem até a Lua que nem percebia mais a água do chuveiro bater em mim. Era só *Caleb, Caleb, Caleb*.

Retirando-se de dentro de mim, o moreno me virou e me deu mais um beijo avassalador antes de pegar a esponja e jogar um pouco do sabonete líquido nela. O aroma doce, que parecia um chiclete de *tutti-frutti*, encheu o banheiro. Ele soltou uma risada fraca.

— Que foi? — perguntei, rindo também.

— Esse cheiro.

— O que tem ele?

— Seu cheiro. Não sabia que era do sabonete, achei que fosse chiclete — comentou, como se isso fosse uma das melhores descobertas da sua vida.

Lentamente, Caleb começou a passar a esponja nos meus braços. Meus lábios se curvaram ainda mais para cima, abrindo um sorriso.

— Mas tu não tomou banho aqui outro dia? Era o mesmo.

— Eu ando com uma bolsinha na mochila e usei o meu.

Assenti. Depois de uma pausa, ele completou:

— É esse cheiro que me deixa maluco quando tu chega. — ele afastou o cabelo molhado da nuca e deu um beijo na base do meu pescoço, seguido de uma mordida fraca que me arrepiou dos pés à cabeça. — Dá vontade de comer.

— À vontade... — murmurei, percebendo as palavras virem sem que eu conseguisse refreá-las.

A esponja ficou esquecida no chão do banheiro quando ele voltou a colar seus lábios aos meus. Seus movimentos eram delicados dessa vez, e eu não podia tirar minhas mãos (ou minha boca) dele. Não era possível que ele não sentisse essa conexão quase mágica que se formava entre nós.

Entretanto, a cada vez que nossos olhares se cruzavam, eu via algo ali que me fazia acreditar que sim, ele sentia.

E era nisso que eu precisava me segurar.

Não podia ficar sozinha.

*

O domingo passou de uma forma que achei que nunca mais fosse acontecer. Caleb não saiu do meu lado, não permitiu que eu fizesse nada além de ir até a sala para assistir às séries que gostávamos. Ele mesmo se levantou para atender o entregador de comida. O homem sempre vinha trazer meus pedidos (ao que parece, não existem tantos *motoboys* na cidade); então, a expressão que fez quando Caleb abriu a porta foi de puro espanto.

Como a gente se falava com frequência (afinal, eu não me dava ao trabalho de cozinhar quase nunca), ele ainda deu uma espiada para o lado de dentro; eu, que estava no sofá, acenei para ele, encolhida nas cobertas. O entregador sorriu de volta, parecendo aliviado.

Uma passagem digna de nota, inclusive. Quem diria que o entregador de comida ficaria preocupado comigo? Dei risada quando Caleb voltou com o cenho franzido. Ele sentou no sofá comigo enquanto abríamos as embalagens dos lanches, mas ainda tinha a expressão fechada.

— Que foi? — perguntei com a sobrancelha erguida, antes de dar a primeira mordida.

— Não sabia que era amiga do entregador — resmungou depois de algum tempo, enquanto desembalava a comida e me entregava meu pedido.

Ai, meu Deus, isso era ciúme? A gargalhada que soltei foi tão espontânea e tão desesperadamente forte que engasguei com o lanche, e Caleb veio me acudir com um copo de refrigerante.

— Caleb, pelo amor de Deus! — comecei quando consegui me acalmar e engolir a comida da forma correta. — Ele vem entregar comida pra mim desde que mudei pra cá e nunca, nunca encontrou outra pessoa que não fosse eu abrindo a porta.

Ele soltou mais um resmungo e voltou a comer seu lanche em silêncio. Revirei os olhos e deixei o meu sobre a mesinha de centro, ajoelhando ao seu lado no sofá. Tirei sua comida e coloquei-a no mesmo lugar. Puxando seu rosto na minha direção e obrigando-o a olhar em meus olhos, perguntei:

— Isso é ciúme? — Minha voz era doce e delicada, mas eu queria sondar suas reações.

Caleb revirou os olhos, me abraçando pela cintura e me ajeitando até que eu estivesse sentada em seu colo, uma perna de cada lado do seu corpo.

— Não é bem *ciúúúme*, sabe… — Ele esticou o U, me fazendo rir da sua falta de jeito. — Mas... Sei lá, demorei tanto pra conseguir te ter exatamente onde está agora que não quero ficar sem.

Revirei os olhos e dei risada.

Ele me abraçou e escondeu o rosto no meu pescoço, murmurando algo que não entendi, mas que fez meu corpo se arrepiar com o contato do seu hálito quente na minha pele. Afastei-me e perguntei o que ele havia dito. Antes de responder, Caleb respirou fundo.

— Tu pode achar que eu não sei o que sinto, mas eu sei. Não começou ontem, Lírio, sei muito bem o que é e de onde vem essa sensação que queima meu peito de uma forma que eu achei que fosse invenção de livros e filmes. — Meus ombros caíram e fiz menção de me levantar, mas Caleb me segurou no lugar. — Espera... Eu não vou falar nada desse tipo, sei como tu se sente, mas não me diga que *eu* não sei, Lily, porque isso não é verdade. Tive tempo suficiente para entender tudo o que acontecia comigo quando tu estava por perto. Então... me desculpe se...

Ele não parecia conseguir encontrar palavras para falar tudo o que queria, então só tomei seus lábios nos meus como se dissesse “está tudo bem” e desci do seu colo.

— Vamos comer, senão já vai estar gelado.

Caleb assentiu e comemos em silêncio, voltando a assistir à série.

*

Já estava escuro quando acordei e me vi sozinha na sala, com a TV ligada, embrulhada nas cobertas. Ergui o tronco e vi que as embalagens de comida se foram e deram lugar para um papel em cima da mesa de centro.

Tu estava dormindo tão gostoso que não quis te acordar. Precisei ir embora, mas me liga quando ler esse bilhete.

Dizer que estava me sentindo bem por Caleb ter ido embora sem se despedir depois de tudo o que aconteceu nos últimos dias era mentira, mas não consegui ficar tão brava com ele quanto, alegadamente, deveria.

Peguei meu celular e fiz a ligação. Em dois toques, ele atendeu.

— *Boa noite, Lírio*. — O tom suave da sua voz me deixou mais relaxada.

Um sorriso apareceu involuntariamente no meu rosto.

— Boa noite, Caleb.

— *Desculpe ter saído sem avisar. Minha mãe ligou pedindo ajuda com um negócio aqui e eu precisei sair.*

— Tudo bem.

Ficamos um tempo em silêncio. Aparentemente, nossas conversas funcionam melhor ao vivo ou por mensagem. É estranho, mas ele continuou:

— *Desculpe se o que eu falei de tarde te deixou mal.*

Não respondi de imediato, até porque realmente não sabia o que falar. Não sabia se me sentia mal por tudo o que ele disse ou se eu só estava desconfortável. Por fim, tentei ser o mais diplomática que consegui:

— Sem problemas.

O que mais eu poderia falar? Ao mesmo tempo em que queria fazer Caleb sentir a conexão maluca que percebi, não desejava que ele se declarasse porque não sabia se teria maturidade emocional o suficiente para lidar com isso.

Não é o tipo de coisa que se diz em uma conversa natural. Ou pelo telefone. Ou por mensagem. Não se fala isso depois de um fim de semana quase inteiro de sexo, e beijos, e experiências novas com as quais eu não sabia se estava preparada para lidar. Ponto final.

— *Eu curti muito ter ficado aí* — começou, talvez tão hesitante quanto eu.

Por que a gente perdeu nosso jeito?

— Eu também.

Mais um período de silêncio. Eu estava me odiando naquele momento, mas... não sabia o que fazer ou falar, talvez não quisesse que ele tivesse ido embora. Tê-lo ao meu lado me permitiu esquecer todos os problemas. Tê-lo ao meu lado fez minha vida ficar mais leve, mais calma, mais... *colorida*, como ele mesmo falou. E agora não sabia como levar isso para a frente pelo simples fato de não conseguir dizer a ele o que estava sentindo.

Não sabia nem dizer para mim mesma qual sentimento tomava conta do meu peito. Não sabia se era culpa por ter ficado com ele, medo por estragar nossa amizade, tristeza por ele ter ido embora, medo do que Caleb me disse com todas as palavras, menos a principal... Minha cabeça estava confusa demais, e essa confusão não me deixava colocar tudo em ordem dentro de mim. Então, como eu saberia o que falar para ele? Afastei o celular do rosto só para ver que já eram quase nove da noite. Eu não sabia a que horas tinha adormecido e me perguntei quando ele teria ido embora.

— Preciso arrumar minhas coisas para o trabalho amanhã, então acho que vou desligar — falei depois de alguns segundos mais de silêncio absoluto.

— *Ah, claro, claro. Eu vou... arrumar minhas coisas também. A gente se fala amanhã. Boa noite, Lírio.*

Abri a boca para responder, mas as palavras não saíram. Não queria encerrar a ligação, mesmo a mais confusa e desajeitada que já tivemos.

— Lily?

Balancei a cabeça tentando encontrar uma forma de falar o que não queria.

— Estou aqui. Boa noite... querido.

Engoli em seco quando o toque suave do celular indicou que a ligação fora encerrada. Não sabia o que sentir, o que pensar, o que...

O que estava acontecendo comigo?

Capítulo 17

Era um lugar muito lotado. Parecia um dos festivais de música que aconteciam no centro da cidade, mas não havia um palco nem música ou dança, só muitas pessoas amontoadas. Eu andava por ali procurando alguma coisa, mas não conseguia encontrar simplesmente porque não sabia sequer o que buscava.

Olhava de um lado para o outro, em uma busca desesperada por alguma coisa que me tirasse daquela multidão, que me ajudasse a respirar novamente. Porém, não conseguia achar nada que fosse remotamente familiar. Esbarrava nas pessoas sem nem me preocupar em pedir desculpas; só queria sair dali.

Meus olhos procuravam qualquer coisa conhecida quando vi os cabelos loiros que jamais confundiria.

— Pedro!

Chamei mais vezes, mas ele não me respondia, não parecia me ouvir. Gritei seu nome mais uma vez, mas era como se Pedro simplesmente não me percebesse ali.

Tentei correr atrás dele, alcançá-lo, mas parecia que o guri fugia de mim. Ele ia na direção oposta toda vez que eu estava prestes a tocá-lo. Meu coração pulsava no peito e, ao vê-lo se afastar cada vez mais, senti o ar me faltar.

— Pedro! — chamei mais uma vez, mas era como se eu não falasse nada.

Comecei a correr atrás de Pedro e, de repente, ele finalmente se virou. Nossos olhos se encontraram, e os meus se encheram de água. Não conseguia acreditar que o olhava depois de tantos anos. Um sorriso brilhante se abriu para mim e retribuí, tentando chegar até meu noivo.

Uma névoa começou a se formar entre nós. Quanto mais eu corria, mais longe ele ficava. Olhei-o em desespero, o peito explodindo, o coração descompassado. Ele parecia falar alguma coisa, mas eu não entendia, só via sua boca se mexer. Tentei fazer leitura labial, mas sua imagem estava embaçada demais para que eu conseguisse focar em qualquer movimento seu.

— Pedro! — gritei de novo — Não vai! Fica comigo!

Gritava tanto que minha garganta doía. Repetia as mesmas palavras desesperadas e, contra a minha vontade, Pedro era tirado de mim mais uma vez.

Foi o som dos meus próprios gritos que me acordou. Eu tremia, minha garganta doía e meu rosto estava molhado das lágrimas que escorreram.

Sentei na cama, olhei para o relógio e vi que já eram quase cinco da manhã. Balancei a cabeça e, apoiando as mãos ao lado das pernas, me abaixei, deixando o coração sangrar com a visão de Pedro sendo tirado de mim mais uma vez. Por que tinha de passar por isso? Por que tinha de sofrer tanto? Por que tinha essa sina de ficar sozinha?

As perguntas rodavam na minha cabeça com tanta velocidade que me deixavam tonta. Tudo o que eu queria era poder deitar a cabeça no travesseiro e dormir tranquilamente, mas não eram esses os planos dos meus sonhos.

Há pelo menos quatro dias, eu sonhava com Pedro.

No começo, eram só algumas lembranças dos bons momentos que tivemos juntos. Mas depois veio o pesadelo da noite anterior, onde Caleb se transformou nele. Esse, especificamente, me machucou, porque parecia que eu realmente estava traindo meu noivo. No entanto, o dessa noite praticamente dilacerou meu coração. Vê-lo sendo arrastado para longe e não conseguir ouvir o que tinha para me dizer foi a gota d'água.

Não consegui segurar as lágrimas, os soluços, os gritos que queriam se formar na minha

garganta. Sentia como se houvesse uma mão esmagando meu coração, me prendendo os pulmões, me deixando sem ar.

O que fiz para merecer tanta dor?

Levantei com dificuldade, as pernas não queriam se mexer. Fui até a janela e abri o vidro, sentindo o choque da temperatura gelada do lado de fora. Estava com o aquecedor ligado e três cobertas, então não precisava de um pijama muito quente, o que resultou em uma regata preta e um *short* curto. A geada estava forte e, depois de alguns minutos, comecei a ver um pouco de gelo sendo depositado nos meus braços cruzados.

De alguma forma, o frio não estava me afetando. Era como se eu nem o sentisse. Só percebi que batia os dentes quando quis passar a língua pelos lábios ressecados e a mordi. O gosto férreo de sangue tomou minha boca, mas nem isso me fez sair dali. Meu rosto estava gelado no caminho que as lágrimas fizeram, resfriadas pelo vento cortante.

Não sei quanto tempo fiquei ali olhando a rua e o gelo que caía. Percebi que o sol começava a nascer e que suas cores iluminavam o céu escuro, transformando-o em violeta. Mas esse violeta logo foi substituído por uma coloração cinzenta que quebrava toda e qualquer chance de aquele se transformar em um bom dia.

Pensei em pegar alguns remédios para dormir que tinha no armário do banheiro, mas a paisagem à frente me distraiu. Além do mais, não poderia me dar ao luxo de tomar meio comprimido que fosse e perder o horário do trabalho. Fiquei tanto tempo observando tudo sem prestar realmente atenção nas folhas que balançavam com o vento, ou com o gelo que caía, ou com os poucos pássaros corajosos que saíam para cantar logo cedo que me sobressaltei com o toque do despertador às sete da manhã.

Ainda sentia meu peito apertado e o ar ainda me faltava, mas precisava ir trabalhar, apesar da pouca vontade de fazer isso. Sem permissão, imagens do fim de semana com Caleb invadiram minha mente, me lembrando que ele estaria lá também. E que provavelmente eu encontraria com ele no trem, no caminho até a agência.

Só com aquela constatação eu já queria voltar para a cama – ou ficar naquela janela – até o fim dos tempos. Não queria encontrar Caleb. Não saberia como agir em relação a ele.

O despertador do celular continuou tocando *God is a Woman*, da Ariana Grande, e a música me irritou de repente. Consegui sair da janela e desligar o aparelho. Quis tanto voltar para trás e não sair de casa, mas sabia, por experiência própria, que ficar ali, sem ocupar minha cabeça com algo produtivo, não me ajudaria em nada.

Fui até o banheiro arrastando os pés e parei na frente do espelho, sem reconhecer aquele rosto como meu. As olheiras eram enormes, e os olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar. Minhas bochechas e meu nariz também estavam rubros, provavelmente queimados pelo frio. Meus lábios estavam rachados e arroxeados e, na hora em que pus a língua para fora para escová-la – além da pontada que senti quando passei a escova nela –, vi que existia uma ferida imensa na ponta, resultado da mordida que dei. Isso explicou a quantidade de sangue que cuspi na pia.

Balancei a cabeça, voltando para o quarto e pegando a primeira roupa que vi na frente: a calça bailarina que usara no sábado, uma blusa de frio preta e uma bota sem salto. Amarrei meu cabelo de qualquer jeito e peguei minha bolsa. Não tinha arrumado nada para o dia de trabalho, e só me dei conta disso quando já estava na rua, a caminho da estação de trem. *Bom, se eu esqueci alguma coisa, paciência*, pensei.

Mas quando pus o pé na estação, o medo de encontrar Caleb como acontecia quase todas as manhãs se transformou em pânico. Não queria encontrá-lo de jeito nenhum. Então, puxei o

celular e pedi um táxi pelo aplicativo. Pagaria o triplo do preço de um horário normal, mas, pelo menos, isso me daria mais alguns minutos para tentar organizar a forma de levar o dia até o momento de voltar para casa.

Ao entrar no táxi, tentei colocar meus pensamentos em ordem, fazendo o possível para analisar as possibilidades de uma forma mais fria e distante. Abri o bloco de notas do celular e comecei a digitar, organizando minhas ideias.

O que eu tinha em mãos até aquele momento?

1 – Pedro tinha morrido há mais de seis anos;
2 – Eu não tinha ficado com ninguém nesse período.

Tudo bem, com isso eu sabia lidar, vinha fazendo isso há séculos. Continuando:

3 – Caleb começou a dar em cima de mim;
4 – Descobri que sentia uma atração absurda por ele;
5 – Dormi com ele. Mais de uma vez;
5a – Não sei isso de devia ao tempo que fiquei sem contato físico íntimo com o sexo oposto, mas com certeza havia sido uma das minhas melhores transas.

Meu Deus, onde eu iria parar com essa lista? Engoli em seco com o que acrescentei na sequência, tentando dizer a mim mesma que isso deveria ser frio e calculista.

6 – Senti uma conexão "mágica" que nunca na vida tinha experimentado. Nem mesmo com Pedro;
7 – Não sabia se Caleb havia sentido essa tal magia, e isso estava me matando por dentro;
8 – Caleb quase disse que me amava;

Engoli em seco com essa última. A pergunta que ficou na minha cabeça quando liguei para ele na noite anterior e que, com certeza, me assombraria pelo resto do dia:

9 – Eu o amava de volta?

É claro que não!, pensei, mordendo o lábio.
Mas talvez...
Eu não sei...

Claro, ele foi o melhor amigo que eu poderia querer nos últimos anos. Trabalhamos e saímos juntos todas as semanas. Esteve ao meu lado sempre, se mostrando disponível para me ajudar e ser meu apoio. O que senti com ele dois dias atrás? Eu conseguia pensar direito nisso? Conseguia chegar a uma conclusão?

— Moça, chegamos.

Ergui a cabeça do celular, olhando ao redor e percebendo que já estava na frente do prédio da agência. Agradeci e saí do carro, indo até a portaria e pegando o cartão para passar a catraca.

Não falei com ninguém, não conversei com ninguém, não consegui esboçar nenhuma outra reação que não colocar um pé na frente do outro. Saí do elevador e fui até a porta de vidro. Então notei que Rafaela já havia chegado. Coloquei meu indicador no leitor de digitais e entrei. Acenei para ela e fui direto para o banheiro, sem forças nem para ver quem mais estava ali.

Meu horário começava às nove e ainda eram oito e meia, então podia ficar fazendo hora ali. Na verdade, o recomendado era ir para a copa, mas eu não queria cruzar com ninguém. Não enquanto não conseguisse chegar a uma conclusão. Sentada em uma das cabines, olhando a lista

que fiz no celular, não consegui evitar de digitar uma última pergunta:

10 – O que sinto quando estou com ele?

Não sabia a resposta. Bom, parecia que ultimamente não sabia de nada. Mas era tão confuso ter esse turbilhão de sentimentos no peito e não conseguir lidar com eles... Fechei os olhos e respirei fundo, tentando clarear minha mente bagunçada.

O que senti com Caleb, além da conexão mágica?

Senti-me tranquila, como se nenhum problema fosse grande o bastante para ser digno de importância. Como se nada mais importasse além de estar com ele.

Só que o sonho que tive, de Pedro sumindo e escapando por entre meus dedos... Não poderia arriscar entregar meu coração quebrado para alguém que poderia ser arrancado de mim mais uma vez. Não sobreviveria a isso. Não de novo.

Com essa certeza em mente, vi que estava chegando a hora de bater o ponto. Levantei do vaso e saí, mas dei de cara com Alice.

— Lily! Bom dia!

Resmunguei alguma coisa e fui até a porta, mas ela me puxou pela mão.

— Falei contigo... Tá tudo bem?

Ergui a cabeça e olhei-a nos olhos. Com certeza ela percebeu que eu não estava bem, e a preocupação encheu seus olhos castanhos.

— O que aconteceu, Lily? O que houve?

Pensei em não falar nada, mas sabia que seria mais fácil me esconder dos outros se Alice soubesse como me sentia naquele momento. Então, olhei em seus olhos, já sentindo os meus se encherem de lágrimas.

— Dormi com o Caleb — murmurei, desviando o olhar, apoiando o quadril na pia e cruzando os braços na altura do peito.

Alice só faltou abrir um saco de confete.

— Ah, que maravilha, Lily! — Lice me abraçou e começou a dar pulinhos comigo, mas não me mexi. Minha amiga logo me soltou e segurou minhas mãos. — Eu sabia que vocês iam se dar bem! Vocês ficam tão fofos juntos! Isso é tão legal, tu…— Ela pareceu realmente prestar atenção em mim naquele momento e parou de falar. — O que houve?

Naquele momento, a visão da garota ao meu lado, segurando minhas mãos em um banheiro, me fez lembrar muito de quando contei que Pedro tinha morrido. Aquelas lembranças vieram com muita força, e voltei a chorar.

— Não, Lily! Não chora! Meu Deus, o que aconteceu? — perguntou ela, me abraçando e fazendo carinho nas minhas costas. — Ele te fez alguma coisa?

Balancei a cabeça, sem conseguir pronunciar uma palavra sequer. Antes que pudesse falar alguma coisa, ouvi a porta do banheiro abrir e Jennifer entrou.

— Mas o que...

— Ela precisa da gente, amiga. — Ouvi as palavras saindo pelo peito de Alice, que reverberou esses sons. Sentia como se alguém tivesse ligado a tecla de mudo para os meus ouvidos e logo percebi Jenny me abraçar por trás.

Não sei quanto tempo ficamos abraçadas ali, mas, quando terminei de soluçar, elas me soltaram e eu sequei o rosto com as mangas da blusa. Jenny apoiou os quadris na pia, olhando de forma exasperada para nós duas.

— Agora, podem me dizer o que aconteceu?

— Lily dormiu com o Caleb — Alice falou, e eu só concordei, ainda sentindo meus olhos

lacrimejarem.

— Ah, mas isso é bom! — começou ela, e vi Alice dar de ombros. — Não é, Lily?

Balancei a cabeça, juntando todas as forças que tinha para não cair no choro de novo. Analisando minhas opções, eu poderia falar para elas que o guri tinha sido um babaca comigo e encerrar o assunto, mas jamais inventaria histórias sobre um cara que tinha sido tudo, menos babaca. Sem contar que Alice e Jenny iam pular no pescoço dele no momento em que Caleb colocasse o pé na agência.

— Então... O que aconteceu? — Jenny voltou a perguntar.

Respirando fundo, contei como foi todo o final de semana com ele. Contei quantas vezes a gente transou e sobre a tal conexão mágica que eu havia sentido. Nessa parte, Alice só faltava soltar fogos de artifício, e Jenny parecia querer dar pulinhos de alegria, mas eu não conseguia me sentir dessa maneira.

— Tudo bem, entendemos que seu final de semana foi maravilhoso. — Quando contei sobre entregador e a crise de ciúmes de Caleb, além de suas palavras quase-ditas, Jenny voltou a falar. — Eu não vou mentir, Lily. Nunca falei nada porque não era da minha conta, mas Caleb fala de você há meses. Ele disse um ano, mas acho que faz mais tempo. O guri pergunta algo sobre ti sempre, elogia algum trabalho teu ou então comenta sobre alguma roupa que tu usa ou sobre como ele adora que tu é a única que tem cabelo colorido na agência. Fala direto comigo, João ou Roger. É como se esquecesse que somos amigas.

Alice riu e assentiu, recordando que também já ouvira ele falar de mim.

— Por isso que eu fazia tanta questão de ele ir pra sua casa, amiga... Ele realmente gosta de ti.

Engoli em seco. Agachei contra a parede do banheiro e sentei no chão. Puxei os joelhos sobre o peito e apoiei meu queixo ali antes de falar o que realmente me preocupava:

— Eu não consigo. Não vou conseguir lidar com nada disso se... se acontecer com ele o que aconteceu com Pedro.

Jenny soltou uma risadinha e Alice se abaixou para ficar da minha altura.

— Mas, Lily, nada disso vai acontecer com Caleb... O que aconteceu com Pedro foi uma fatalidade, não vai ocorrer novamente.

Soltei um riso pelo nariz, sem realmente sentir graça nenhuma naquela situação.

— Mas eu não posso arriscar, Lice. Não vou conseguir sobreviver. E essa conexão maluca que senti... Não sei se ele sentiu também. Não posso ser só um brinquedo na mão dele ou deixar ele ir de uma forma não natural. Não vou conseguir viver depois disso.

As duas ficaram em silêncio, olhando para mim, e eu não me atrevi a erguer o olhar para verificar o que elas estavam pensando. Virei a cabeça de lado e continuei naquela bolinha, como se nada pudesse me atingir ali, fingindo que minha dor não era interna.

— Mas já faz tanto tempo... — Jenny começou a falar. Eu vi pela visão periférica quando Alice deu um tapa no braço dela, seguido de um “qual foi?”

Escutei mais uma vez a porta do banheiro se abrir e ouvi a voz da Rafa:

— Está tudo bem aqui? O Cad está chamando todo mundo para uma reunião geral.

Alice e Jenny assentiram e falaram para ela que já estávamos saindo.

As duas me puxaram pelas mãos, e Alice disse uma coisa que me fez ficar pensativa:

— A vida do Pedro acabou, mas a sua não. Já faz muito tempo, realmente, mas, se tu acha que ainda precisa de mais, fala com o Caleb, Lily. Ele com certeza vai te entender.

Capítulo 18

Quando fomos para a reunião que o Chefe solicitou, o assunto era um projeto enorme para uma empresa maior ainda. Foi mais ou menos a mesma coisa que Zoe pediu para a pequena *boutique* dela, mas dessa vez para uma empresa de escala nacional.

O projeto era tão grande que ocupou a todos nós e fiquei mais do que grata em ter alguma coisa para tirar o foco da minha atenção em Caleb. Não me orgulho de dizer que fiz exatamente o contrário do que Alice me orientou. Ela pediu para eu conversar e ser honesta, e tudo o que fiz foi fugir dele igual o diabo escapando da cruz.

Era educada e lhe dava bom dia e boa tarde, mas não falava mais nada, ignorava suas mensagens e ligações. Não queria conversar. Naquele momento, achei que a melhor forma de resolver minhas dúvidas e inseguranças fosse cortar nossos contatos para o mínimo necessário. Alice tentou falar comigo sobre isso, mas não lhe dei ouvidos.

Precisava fugir desse assunto se quisesse me manter focada no serviço.

Quase estourei o limite do cartão de crédito ao ir e voltar do trabalho de táxi todos os dias, só para não encontrar com ele no trem. Fazia tudo o que podia para não erguer a cabeça no trabalho mais do que o suficiente, visto que ele sentava exatamente na minha frente.

Quis morrer na segunda-feira, depois da reunião, na hora em que estávamos todos ao redor da mesa do Chefe e o olhar dele brilhou quando cheguei com Alice e Jennifer. No entanto, esse brilho logo passou, provavelmente ao perceber meu rosto inchado. Desviei o olhar dele e ouvi as ordens do novo projeto. O Chefe distribuiu as etapas para cada um de nós, e eu saí correndo até minha mesa. Coloquei os fones e comecei a mexer nos papéis. Senti uma mão no meu ombro e o vi em pé, com certa dor no olhar. Isso me quebrou em pedacinhos ainda menores.

— Bom dia, Lírio — ele soltou baixo perto de mim.

Ao ouvir meu apelido em um suspiro, a forma como somente ele me chamava, meu coração pulou no peito e, como mágica, o gosto dele se fez presente na minha boca. Tentei ignorar as sensações que apenas três palavras conseguiam causar no meu corpo. Sorri para ele, literalmente do jeito que deu, sem nem saber como esse sorriso saiu de verdade. Depois, desviei o olhar.

— Bom dia, Caleb.

E virei para frente, sentindo o rosto queimar e ligando a música nos fones o mais alto que meus ouvidos aguentaram.

Daquele momento em diante, minha comunicação com Caleb era resumida aos cumprimentos diários e a todas as dúvidas do projeto que eu não conseguia tirar com nenhum outro membro da equipe. Não tinha coragem de olhá-lo nos olhos; até as poucas palavras que troquei com ele foram vazias. Isso machucava meu coração ainda mais, como se já não estivesse ferido o suficiente.

Eu estava sem ler as mensagens de Caleb e sem atender às suas ligações e, talvez a pior parte, sem falar a frase que eu estava tão acostumada a dizer todos os dias, a que me garantiria uma boa noite de sono.

Suspirei ao relembrar o começo da semana e, quando olhei no relógio, já faltavam dez minutos para as seis da tarde. Depois do encontro com Caleb na segunda e todos os dias sem conversar com ele, o *happy hour* era tudo o que eu *não* precisava naquele momento.

Desliguei o computador e levantei, puxando Alice comigo até a copa.

— O que houve? — perguntou ela, alarmada.

Bati meu ponto faltando sete minutos para as seis e peguei minha bolsa em um dos

armários reservados para os funcionários.

— Preciso ir embora, não vou poder sair hoje.

— Como assim? Tu não pode faltar, é tradição! — Ela parecia indignada, com as mãos na cintura. As muitas pulseiras que usava tilintavam quando a garota se mexia.

— Eu sei, mas preciso ir. Não posso ficar.

— Se isso for por causa do Caleb...

Revirei os olhos.

— É claro que é por causa dele, Alice! Eu não vou conseguir fingir que não aconteceu nada entre a gente, preciso ir embora.

A expressão indignada que estampava seu rosto me fez achar que eu estava no jardim de infância, levando uma bronca da Madre Superiora.

— Lily, pelo amor de tudo o que for mais sagrado! Olha o que tu está fazendo com ele! Ele é seu amigo! Não pode tratá-lo dessa forma, tu tens ignorado ele desde o começo da semana!

As palavras duras de Alice encheram meus olhos de lágrimas mais uma vez, mas, dessa vez, consegui controlá-las.

— Eu sei! Pensa que não? Acha que não estou sofrendo também? Acha que não me dói?

Risadas e passos soaram no corredor, e ela puxou meu braço até estarmos no banheiro.

— Meu Deus, como eu queria que tu tivesse um nome maior pra que eu pudesse te chamar por ele inteiro.

Lice jogou as mãos para o alto, fazendo ainda mais barulho com as pulseiras. Arrancando o lenço que usava como faixa nos cabelos, jogou-o na pia. Virou de frente para o espelho e ajeitou seus cachos de forma que não precisassem do acessório.

— Tu tens noção do que estás fazendo com a tua vida? Tem noção do que estás fazendo com a vida dele?

— Eu não pedi por nada disso... — murmurei, sentindo as palavras egoístas demais até para mim.

— E nem ele! — Alice gritou. — Se tu não sabias o que queria, se não sabias se queria ficar com ele de verdade, então tivesse dito que não queria nada sério antes de ir pra a cama com ele. Ou então falasse desde o princípio que não tinhas interesse por ele. Sabe o nome disso? Responsabilidade emocional!

Isso me irritou, me magoou. Por que tudo era sobre ele?

— E o que *eu* sinto, não vale de nada? O que eu sinto por ele não conta?

— E o que tu sente por *ele*, Lily? Porque tudo o que vi até agora foi tu falando sobre o que *tu* sente, sobre como *tu* não sabe se quer ficar com ele, sobre como *tu* não sabe se ele se sente da mesma forma...

— Mas eu não sei!

— Então procura saber, caramba!

Ela jogou as mãos para o alto mais uma vez e as bateu nas pernas. Cruzei os braços e desviei o olhar, mas não consegui me manter longe porque Alice tinha um peso muito importante na minha vida para que eu fingisse que não me importava com sua opinião.

As lágrimas corriam soltas pelo rosto enquanto ela me olhava, também com os olhos marejados e com muita, muita decepção. Isso quebrou ainda mais meu coração. Se é que isso era possível.

— Tu não quis fazer terapia quando Pedro morreu. Tudo bem, sei que tu nunca se deu com nenhum psicólogo. Jennifer e eu respeitamos teu luto e deixamos tu se esconder naquele casulo, com teus remédios pra dormir e muito longe de tudo e de todos — começou, baixando o

tom de voz para um que era bem pior do que quando gritava. — Tentamos fazer de tudo pra que tu conseguisses se abrir para o mundo novamente. Tudo bem, claro que cada um tem seu tempo, só que eu vou te falar uma coisa muito séria: da mesma forma que a gente respeitou tuas emoções e teus sentimentos, tu precisas saber respeitar os dos outros, Lily.

"Antes de tudo começar com Caleb, se tu não querias nada com ele, precisava ter falado. Se chegou ao ponto de dormir com ele, então, no dia seguinte, deverias ter dito que não queria mais nada. Dar um *ghosting* nele só faz machucar. O guri está loucamente apaixonado por ti, há meses. Tu não se importa o suficiente com ele?"

— Claro que me importo! — respondi, talvez até um pouco alto demais, o que fez Alice erguer a sobrancelha. — Eu gosto muito dele, Lice, mas...

— Mas o quê? Qual é a tua desculpa? Tens medo? Medo todo mundo tem! Qualquer coisa pode acontecer, a qualquer um, a qualquer momento. — Ela cruzou os braços, olhando para mim com certa exasperação. — Eu posso sair do prédio e um caminhão passar em cima de mim, tu pode sair e ser assaltada e ser esfaqueada, Jenny pode ter um ataque cardíaco aqui e agora e não vai ter nada que a gente possa fazer por ela.

Engoli em seco com o que ela falou, as imagens sendo pintadas na minha cabeça conforme Lice as ilustrava. Meu coração acelerou só de pensar em perder qualquer uma das minhas duas melhores (e únicas) amigas.

Tentando fugir daquele assunto e vendo Alice com certa raiva de mim, procurei uma forma de sair dali o mais rápido possível.

— Tudo bem, tudo bem, vou conversar com ele — prometi, juntando as mãos em forma de oração, e ela ergueu a sobrancelha — Mas me deixa ir embora agora, por favor. Falo com ele amanhã, te juro!

Ela balançou a cabeça em desaprovação, mas depois virou os olhos.

— Tá! — disse, seca. — Some daqui.

Pulei no pescoço dela e a abracei, mas a garota não se moveu para retribuir o carinho, só ficou ali parada com os braços cruzados.

Peguei a bolsa que tinha levado comigo e saí, tentando ao máximo não chamar atenção. Desci até o térreo pela escada de emergência. Gastei os últimos centavos do limite do cartão de crédito para pedir o táxi e deixei minha mente vagar por tudo o que Alice havia me dito.

Se ia conversar com Caleb ou não, era outra história, mas, no fundo, sabia que minha amiga estava certa. Não podia deixar o guri no escuro, precisava colocar todas as minhas cartas na mesa para que a gente pudesse se acertar. Era o melhor a se fazer.

Mas havia um problema: como falar para Caleb o que queria quando eu mesma não conseguia descobrir?

*

Cheguei em casa ofegante, como se estivesse em rota de fuga. A tola aqui queria fazer ela própria acreditar que fugia de algo externo, não do que se passava no meu coração e na minha cabeça.

Só me senti bem mesmo quando bati a porta e me encostei nela, passando o trinco. Por que agia como uma fugitiva? Por que precisava me comportar daquele jeito?

Todas as perguntas, as dores e as inseguranças que experimentei na segunda de madrugada voltaram com força, não entendi como não tinha ficado doente. Saí da cama quente e fiquei na janela, recebendo vento e gelo no corpo, sem nenhum tipo de proteção. Talvez eu realmente tenha um sistema imunológico muito bom.

Não quis pensar em mais nada e, pela primeira vez em muitos anos, procurei o remédio para dormir que recebi de um psiquiatra quando Pedro morreu. Tomei duas pílulas, desliguei o celular e fui para a cama.

Quase não consegui chegar. Aquelas pílulas eram doses cavalares, e a recomendação médica era que eu tomasse uma só. Porém, minha mente implorava que eu não sonhasse nada e simplesmente desligasse.

Mal senti quando fechei os olhos e a escuridão me dominou, me levando para bem longe – felizmente, um lugar sem imagens.

*

O sol me acordou de novo, como há uma semana. Acho que ele gostou de sair aos sábados pela manhã. Com toda a força de vontade que não tinha, tentei me levantar e, como de costume, bati o olho no relógio de cabeceira: onze e meia da manhã.

O remédio fez o efeito dele, isso é uma realidade. Percebi que o motivo de ter acordado era a necessidade de ir ao banheiro, já que minha bexiga estava prestes a explodir. Assim que saí, voltei para a cama e apaguei mais uma vez, rezando para que não precisasse de outra dose para ter um sono sem sonhos.

*

Quando acordei novamente, eram mais de três da tarde e eu estava praticamente roxa de fome. Felizmente, também estava descansada e bem mais disposta do que em qualquer outro dia da semana.

Levantei, lavei o rosto e já saquei o celular para pedir alguma coisa para comer. Enquanto esperava o pedido chegar, comecei minha faxina semanal da forma mais superficial que consegui. Passei o aspirador, mas não o esvaziei. Lavei a louça, mas não guardei a que já estava no escorredor, então ficou tudo empilhado em cima da pia. Tirei o lixo do banheiro, mas não me dei ao trabalho de colocar todas as caixas das refeições pedidas durante a semana em uma sacola. Assim, só enfiei tudo dentro de uma única caixa, pisei em tudo para deixar de um formato que o lixeiro pudesse levar sem que tudo caísse e coloquei na frente da porta.

No momento em que a fechei atrás de mim, me lembrei que eram quase quatro da tarde, o lixeiro já tinha passado. Dei de ombros; uma hora eles apareceriam de novo. Na terça da semana que vem. *Ah, dane-se.*

Com o mesmo moletom vestia na noite anterior, atendi à porta quando a campainha tocou. O entregador que tirou Caleb do sério na semana passada estava lá. Ele pareceu olhar para dentro de casa de forma ansiosa, mas não dei bola para isso. Só agradeci e bati a porta.

Estava querendo que o mundo todo explodisse, não sabia de onde estava saindo tanta raiva. Comi meu hambúrguer com um certo ódio, mas logo as batatas se assentaram no meu estômago e o refrigerante completou a função daquela comida maravilhosa que eu sempre pedia no restaurante do fim da rua de baixo. Acalmei-me depois de alguns minutos e notei que, talvez, a raiva fosse fome.

Ou talvez porque eu estava cansada de ser a mesma pessoa.

Respirei fundo e fui até o banheiro, soltando o cabelo que estava preso. Ajeitei as mechas cor-de-rosa, já desbotadas, em cima dos seios, olhando para elas. Em um ímpeto, tirei minha blusa e soltei o sutiã. Fiquei olhando para o reflexo em cima da pia, as pontas do cabelo quase laranjas cobrindo só até o começo dos mamilos. Lembrei das mãos de Caleb e de seus beijos. Da forma como ele ajeitou meu cabelo na primeira vez que dormimos juntos, mostrando o quanto

gostava deles coloridos.

As memórias começaram a me invadir novamente e balancei a cabeça, tentando tirá-lo da cabeça. Pelo menos por agora. Pensaria no que fazer sobre isso depois de ter mudado meu cabelo.

Abaixei e abri o gabinete, procurando os produtos de coloração. Encontrei um *shampoo* antirresíduos e uma tinta azul que não estava aberta. Gostava de pintar o cabelo de azul, chamava mais a atenção do que quando coloria de rosa.

Mas eu queria atenção?

Não sabia, só tinha certeza de que queria limpar minha mente, e nada melhor para isso do que pintar o cabelo de outra cor.

Entrei no banho e esfreguei-o com *shampoo*, tirando o resto da tinta rosa. Quando peguei o sabonete líquido para me lavar, lembrei de Caleb falando que amava o cheiro, que ele dava vontade de comer. Uma risadinha se soltou da minha garganta sem que eu realmente pudesse controlar.

A esponja, o sabonete, o box, o banheiro... Tudo ali me lembrava dele; eram detalhes que conseguira ignorar durante a semana, mas que agora, lembrando de tudo o que Alice falou, me saltavam aos olhos.

Balancei a cabeça e continuei meu banho, aquecendo meu corpo que não percebi estar tão gelado. *Que inverno*, pensei. Esse ano foi bem pesado e, como poucas vezes, desejei que começasse a esquentar.

Quando saí do chuveiro, enrolei o cabelo em uma toalha e peguei outra para me cobrir e me proteger do vento cortante que me castigaria por ter sido burra o suficiente de não ter trazido nenhuma roupa para o banheiro.

Contando até três, fui correndo até meu quarto, fechei a porta e liguei o aquecedor. Logo parei de tremer e comecei a procurar alguma roupa quente. Mexi em várias gavetas e puxei blusas de mangas compridas e uma calça de moletom. Quando procurei por meus casacos, mesmo sabendo que teria que tirá-lo quando fosse pintar o cabelo, achei uma *parka* antiga de Pedro.

Olhar para ela me fazia lembrar dele nesse casaco comprido que, em mim, mais parecia um cobertor. Peguei-o do armário só para abraçá-lo, como fazia quando estava com saudades. Ali, naquela hora, senti mais falta dele do que nunca. Tudo no meu noivo me fazia falta; não era só da parte física que sentia saudades, mas de ter alguém ao meu lado, me escutando, dando apoio e conselhos. Pedro sempre foi meu príncipe encantado em uma armadura brilhante, pronto para me resgatar a qualquer momento.

Ao abraçar a jaqueta e passar as mãos por ela, senti algo em um dos muitos bolsos que tomava a parte frontal externa e interna da peça. Quando consegui encontrar qual bolso escondia a tal coisa que eu com certeza sabia que não deveria estar ali, achei um caderninho pequeno, capa preta de couro, extremamente discreto. Havia um botão de pressão nele e, revirando-o de um lado para o outro, parecia um pouco mais pesado do que um caderno seria. Senti minha testa se franzir.

— O que é isso? — murmurei para mim mesma.

Tinha certeza de que não tinha nada desse tipo nas coisas de Pedro que eu trouxera com a mudança, então não sabia como aquele objeto tinha ido parar ali.

Sentei na cama e o abri, vendo muitas folhas caírem em meu colo. Peguei-as e procurei alguma indicação de que aquilo não era de Pedro, mas não tinha como não reconhecer a caligrafia horrorosa do meu noivo.

Eram toda a sorte de escritos e desenhos: às vezes, desenhos rápidos de seus projetos, anotações de tarefas que eu me lembrava serem do escritório, listas de compras do mercado. Todas as lembranças de nós dois voltaram com tudo. Só percebi que estava chorando quando vi algumas gotas mancharem os papéis.

Passei os dedos pelos traços dos desenhos, me surpreendendo novamente com a precisão deles, com os contornos que ele fazia. Encontrei passagens escritas como se fossem um diário mesmo, de nós dois na praia ou quando viajamos até São Paulo. Brincadeiras e piadas internas, cotações de presentes que ele me dera (e onde ele tinha achado mais barato) e, na última página, um esboço do meu rosto.

Ele nunca tinha sido muito bom em desenhar pessoas, seu lance era mesmo estruturas e edificações, mas Pedro parecia ter se esforçado tanto naquele em específico que meu coração se apertou. Não estava perfeito, mas tinha meu cabelo mais escuro na ponta, o contorno do nariz, dos olhos e um sorriso pequeno. Eu tinha uma flor no cabelo, atrás da orelha: um lírio. Embaixo, uma frase simples: *Para sempre no meu coração.*

Suspirei, passando os dedos pelos traços e pela frase, deixando aquele desenho secreto penetrar em minha alma. De repente, aquela frase fez todo o sentido para mim.

“Para sempre no meu coração”. Pedro sempre estaria no meu coração e eu jamais deixaria de amá-lo. Isso não queria dizer alguma coisa?

Será que ele não iria querer que eu fosse feliz?

Eu não *merecia* ser feliz depois de tantos anos sozinha?

Com essas questões rondando minha cabeça e me deixando um pouco tonta, deitei a cabeça no travesseiro e acabei adormecendo novamente, abraçada ao caderno de Pedro.

Capítulo 19

Abri os olhos, sentindo-os muito inchados. *Quando peguei no sono?*

Ainda estava abraçada à jaqueta e ao caderno de Pedro; a toalha e meu cabelo tinham encharcado o travesseiro. Olhei no relógio: duas e quinze da manhã. *O que estou fazendo com a minha vida?*, perguntei a mim mesma pelo que achei ser a milionésima vez nas últimas doze horas.

Meu cabelo estava um caos completo e absoluto e, ignorando completamente o horário, fazendo tudo no piloto automático, molhei-o novamente na pia e sequei superficialmente com uma outra toalha. Peguei as luvas e a tinta, separei o cabelo e passei a substância nas pontas. Era um azul-piscina bem forte, ia ficar legal em contraste com meus fios claríssimos.

Quando terminei de pintar o cabelo e o embrulhei para que não manchasse o pescoço, reuni a coragem que sabia que tinha deixado meu corpo há muitos meses, fui até meu quarto e liguei o celular. Depois de alguns minutos carregando e se conectando à internet, as mensagens começaram a pipocar.

Pelo menos umas dez de Alice me perguntando se eu estava viva, em momentos bem esparsos do dia. Três ligações perdidas dela também.

Duas de Jenny: “td bem?” e “lily?”. Ela sempre foi uma pessoa de poucas palavras, principalmente por mensagem. Sem ligações dela.

Cinco mensagens de Caleb, as que me deixaram mais baqueada.

Caleb [sexta-feira, 21:54]: *Pq não veio com a gente hj?*

Caleb [sábado, 03:15h]: *Se quiser conversar, estou aqui. Boa noite, Lírio.*

Caleb [sábado, 10:32h]: *Quer vir comigo para o Santa Maggiore de novo? Ana me ligou perguntando se tu vinha...*

Caleb [02:18h]: *Não sei o que eu te fiz, Lily, mas, por favor, fala comigo. Não sei mais viver dessa forma, preciso da minha amiga de volta, pelo menos. Não consigo ficar sem ti mais. Me conta o que fiz de errado – ou não –, mas conversa comigo, por favor.*

Caleb [02:20h]: *Te dei seu espaço, deixei que tu me tratasse como se o final de semana passado não tivesse acontecido, mas não consigo mais aguentar tu me tratando desse jeito sendo que não sei nem o que fiz, se é que eu fiz alguma coisa.*

Meu coração estava apertado de novo. Não devia ter olhado as mensagens, devia ter deixado o celular desligado até segunda. Ele estava certo, assim como Alice. Não era correto ter feito o que fiz, Caleb merecia, pelo menos, uma explicação. Eu precisava falar sobre tudo o que aconteceu comigo para que ele talvez pudesse entender meu lado da história e, se fosse compreensivo, minhas paranoias.

Já tinha passado da hora. Lutei contra isso por tanto tempo, mas não conseguia evitar lembrar de tudo. Dos toques e de toda a parte física, sim, mas também do fato de ele sempre estar ao meu lado.

Era hora de dar uma chance a ele e, principalmente, a mim mesma.

Olhei no relógio: duas e quarenta da madrugada. Qual a possibilidade de ele estar acordado?

Eu [02:40h]: *Oi*

Eu sou patética. O cara passa o dia todo atrás de mim, a semana toda tentando falar comigo, e eu mando um “oi”. Meu Deus do céu, Lily, o que...

Caleb [02:40h]: *Oi*

Ah. Jesus amado. Ok. Eu consigo fazer isso. Consigo falar para ele que a gente deve se encontrar mais tarde. Não consigo? Não deu tempo de falar mais nada.

Caleb [02:41h]: *Resolveu lembrar que eu existo?*

Ouch! Tu mereceu, Lily. Escrevi uma resposta rápida, sem pensar muito – o que com certeza foi um erro:

Eu [02:41h]: *Queria saber se tu estava acordado.*

Bati a mão na testa, voltando para o banheiro, abaixando a tampa do vaso e sentando ali, o único lugar da casa que eu não mancharia de tinta azul.

Caleb [02:42h]: *Estou.*

Ah, vá. Isso eu percebi, retruquei em pensamento. *Pensa, Lily, pensa! Ok, vamos com o básico.*

Eu [02:42h]: *A gente pode se encontrar amanhã? Tem muita coisa que eu preciso te falar.*

Acho que assim estava bom. Não muito seco, com uma pitada de mistério e suspense para manter a curiosidade e ele não me dispensar logo de cara. Esperei que me respondesse, o que não aconteceu de imediato.

E nem depois disso. Então, vi que já estava na hora de lavar o cabelo e abaixei minha cabeça na pia, ligando a torneira quente. Passei as mãos pelos fios e retirei o excesso da tinta. Só naquele momento lembrei que eu deveria ter colocado as luvas. Minhas mãos vão parecer provas do homicídio de um *smurf.*

Fazendo o que podia para que a tinta não escorresse pela minha testa e nem por nenhuma parte do rosto, ouvi o celular apitar com a resposta de Caleb. Ergui a cabeça tão subitamente que a bati na torneira, e isso doeu como o inferno.

Respirei fundo e desliguei a torneira, pegando a toalha de rosto que estava pendurada ali e que eu sabia ser azul. *Ótimo, pelo menos, se manchar, não vai dar para ver.*

Enrolei as pontas cheias de água e resto de tinta no tecido e peguei o telefone, ignorando completamente o fato de minha mão não ter um único pedaço sem manchas azuis.

Caleb [02:54h]: *Vou no Santa Maggiore amanhã. Vai ter macarronada.*

Respirei aliviada. *Bom, já era um começo.*

Eu [02:56h]: *Ah, maravilha! Então a gente se encontra lá?*

Mais alguns minutos para a resposta chegar:

Caleb [02:59]: *Sim*

Pelo tom monossilábico dele, talvez isso fosse o máximo que eu conseguiria às três da manhã, depois de tê-lo ignorado por uma semana. Então joguei meu trunfo e esperei minha

resposta.

Eu [03:00h]: *Boa noite, querido.*

Esperei, esperei, esperei. Nada. Engoli em seco. Tudo bem. *Acho que eu merecia isso.*

Voltei para o banheiro para terminar de enxaguar o cabelo. Passei o creme e abaixei na pia de novo. Minha coluna estava gritando por ajuda naquele momento, mas o processo já estava acabando. Quando terminei de enxaguar, passei o óleo reparador e sequei o cabelo, fazendo alguns cachos com uma escova modeladora.

Assim que acabei, estava mais do que satisfeita com o resultado. Completamente diferente da Lily rosa que magoou um cara muito legal. Retornei ao quarto e troquei a fronha branca por uma azul-marinho para evitar manchas. Peguei meu celular mais uma vez para ver a mensagem que faria meu coração disparar com a esperança de uma nova chance:

Caleb [03:21h]: *Boa noite, Lírio.*

Sorri com sua resposta e, como havia dormido o dia inteiro, peguei meu *e-reader* e voltei a ler o livro que havia começado há mais de um mês. Antes de uma bomba chamada Caleb resolver entrar na minha cabeça, tão disposta a bagunçar tudo o que havia lá dentro – e dentro do meu coração também.

*

Terminei o romance que estava lendo com o coração quentinho e uma determinação que queimava dentro de mim. Conversaria com Caleb, colocaria todo o meu ponto de vista e veria qual seria a reação dele. Então, conseguiríamos definir um ponto de partida – ou de recomeço. Isso me deixava nervosa.

Sem querer me prolongar mais na cama, vendo que já eram quase nove da manhã, levantei e peguei o celular. Não tinha nenhuma mensagem, mas respondi às de Alice, mostrando que estava bem e mandando uma foto com o cabelo azul. Ela não visualizou na hora, mas não tinha problema; pelo menos, minha amiga saberia que eu estava viva.

Abri a conversa com Caleb e mandei uma mensagem de bom dia, avisando que deveria chegar no Santa Maggiori por volta das onze, para ajudar Ana com o almoço. Deixei o celular em cima do balcão e fui me arrumar. Estava mais ansiosa do que seria o ideal, mas... sentia que algo mudaria naquele dia. E esperava muito que fosse para melhor.

Alguma coisa engraçada acontecia quando uma mulher mudava o cabelo. Por que isso nos deixava mais confiantes, como se nada pudesse nos acontecer?

Vesti uma calça jeans de lavagem mais clara, um blusão de lã branco e calcei as botas plataformas. Passei a última semana sem salto e me senti uma formiga perto das outras pessoas. Olhei-me no espelho e vi que as ondas que fizera na noite anterior ainda estavam lá, então só passei os dedos por elas para organizá-las. Passava uma maquiagem leve quando ouvi o celular apitar com uma mensagem.

Era Caleb, e meu coração pulou no peito:

Caleb [09:57h]: *Bom dia, Lily. Tô saindo de casa agora, te encontro lá.*

Eu não estava feliz com aquele “bom dia, Lily”, mas era o que teria enquanto não explicasse tudo para ele. Não dava para esperar que estivesse radiante ou que viesse correndo atrás de mim como um cachorrinho, sendo que fui eu quem sumiu. Respirei fundo. Pelo menos ele estava respondendo. Marcamos de nos encontrar, então só bastava dar tempo ao tempo.

Não me lembrava de ter falado com Caleb sobre Pedro. Não claramente, explicando tudo o que eu sentia. Estava tudo bem. Ajeitei minha franja em frente ao espelho e me senti pronta.

Naquele dia, tudo mudaria, eu estava sentindo.

*

Estava na porta da casa de repouso quando me permiti apreciar aquela vista. Era um casarão enorme, muito bem pintado de branco e com um jardim pequeno que dava para um maior ainda. Eu sabia que ele se escondia na parte de trás, em frente à sala de TV onde eu aprendera a tricotar com dona Gertrudes na visita anterior. Uma pena o asilo ser em uma região tão perigosa. O índice de ocorrências, tanto de furtos quanto de roubos, até assassinatos, era maior ali do que em qualquer outro lugar da cidade.

Provavelmente, o casarão ficava ali por falta de verba para mudá-lo para outro lugar. Fiquei momentaneamente preocupada com a volta, mas Caleb com certeza me acompanharia até a estação à noite, então eu estaria segura. Talvez até mesmo me levasse em casa. Um sorriso se formou no meu rosto, esperando que pudéssemos conversar. Não negaria meus sentimentos para ninguém, não tinha coragem ou determinação suficiente para isso.

Mas para tê-lo de volta ao meu lado? Aí era uma coisa completamente diferente.

Abri o portão com o coração aos saltos, imaginando se Caleb já teria chegado e o que eu falaria para ele.

Fui até a cozinha, e Ana logo veio me abraçar.

— Ah, guria! Que bom que veio, achei que não viria essa semana!

Uma risada fraca escapou dos meus lábios quando ela me soltou do abraço apertado.

— Claro que eu viria! — Ana enganchou o braço no meu, já me encaminhando até a cozinha. — No que eu posso ajudar? Caleb falou que teria macarronada hoje.

A cozinheira assentiu assim que entramos no cômodo. Vi Deise mexendo um panelão de molho e Felicidade separando os pratos. As duas mulheres me cumprimentaram, mas meus olhos não sossegaram enquanto não encontraram Caleb refogando carne moída em uma panela enorme.

Meu peito se apertou, o coração disparou, o estômago embolou e tudo o que mais queria agora, olhando para ele direito pela primeira vez em uma semana, era que ele me encarasse com aquele brilho no olhar com o qual eu tinha me acostumado. Mas ele mal olhou na minha direção.

Aproximei-me para cumprimentá-lo, mas ele somente beijou o topo da minha cabeça. Puxei ele pela mão quando se voltou para a panela.

— A gente precisa...

— Precisa — Caleb me interrompeu. — Só que depois. Agora não.

Engoli em seco e assenti. Tudo bem, ele não estava errado. Aquela não era mesmo a hora ideal.

— Venha, guria. Tu pode começar a colocar a mesa, eu vou fritar os bifes. Felicidade te ajuda.

Concordei com ela e começamos a organizar a mesa do almoço. Meus movimentos eram feitos no piloto automático, completamente absorta nos momentos com Caleb. Ele não fora completamente distante comigo, mas senti uma pontada de mágoa em seu olhar. Não poderia culpá-lo.

Balancei a cabeça e voltei minha atenção para os pratos e para as mesas.

Quando terminamos, vi que Ana já tinha quase tudo pronto e em travessas, então Deise avisou Jacira e ela começou a trazer os internos para a mesa. O cheiro de bife frito me abraçou,

me envolvendo como o carinho de uma boa comida caseira. Minha boca se encheu de água, mas lembrei que o meu almoço já estava reservado. Logo, ajudei Felicidade e Deise a colocar as travessas na mesa.

Ao sentarmos para comer, percebi que Caleb sentou ao meu lado novamente, mas trocou poucas palavras comigo.

Tá tudo bem, Lily, pensava comigo mesma, tentando controlar as lágrimas. Respirei fundo. Ansiedade era meu nome do meio, mas tentei colocar na cabeça que não tinha porque ficar chateada com algo que não estava em minhas mãos.

Ultimamente, eu tinha pouco ou nenhum controle sobre as coisas ao meu redor. Talvez esse fosse o sinal do universo que Paula sempre falava no orfanato. Precisava aprender a deixar de querer controlar tudo. Não era isso que toda essa situação em que eu me metera estava me mostrando?

Capítulo 20

No final do almoço, ajudei Caleb, Ana, Deise e Felicidade a tirar a mesa e lavar tudo, mas precisei ir ao banheiro.

— Sabe chegar sozinha? — perguntou Caleb quando avisei que sairia naquele momento.

Assenti, tendo certeza de que sabia o caminho do banheiro do térreo. Como a casa era antiga, não haviam muitas placas indicativas dos locais, mas tinha a mais absoluta certeza de que eu deveria ter virado à esquerda lá atrás.

Ou era à direita?

Fui seguindo o caminho que Caleb tinha me ensinado na semana passada, mas acabei me deparando com o corredor dos dormitórios. Bufei. Não é possível que eu tenha conseguido me perder dentro de uma casa!

Segui em diante, provavelmente teria algum banheiro próximo dos quartos. Até que eu cheguei na frente do dormitório de dona Maria, que não desceu para almoçar conosco mais uma vez.

Analisei bem a foto na parede e senti meu coração apertar em reconhecimento. Não entendia por que aquela imagem me atraía tanto. Alguma coisa...

— Meu jardim... — Ouvi uma voz fraca murmurar dentro do quarto, seguida de uma lamúria.

A porta estava entreaberta e eu, achando que ela precisava de ajuda, ou pelo menos algum tipo de conforto, coloquei a cabeça para dentro.

Era uma pequena suíte. O quarto era quadrado, com uma cama de solteiro na parede direita, uma janela na parte oposta à porta, um armário de madeira no lado esquerdo, com uma saída para o que parecia ser um banheiro. Uma mesa ficava embaixo da janela e, em frente ao móvel, existia uma cadeira de balanço, onde uma senhora estava sentada. Ela não parecia velha, aparentava ter uns cinquenta anos, no máximo, mas estava visivelmente perturbada. A mulher se balançava para frente e para trás, com algo nas mãos e um xale comprido nas costas. Seu cabelo foi loiro algum dia, mas agora era salpicado de fios prateados e estava solto pelas costas e pelos braços, quase cobrindo seu rosto.

— Dona Maria? — chamei. — A senhora precisa de ajuda?

Ela se virou para mim e seus olhos, que já estavam inchados, se encheram d’água.

— Queria ter encontrado meu jardim... Perdi todas as minhas flores.

Assumindo que ela deveria ter algum outro distúrbio psicológico além da depressão que Caleb mencionara na semana anterior, me agachei ao lado da cadeira da senhora. Coloquei a mão em seu joelho e olhei-a nos olhos.

Alguma coisa nela me lembrava alguém, mas eu não conseguia associar a ninguém naquele momento. Sentia-me em um filme no qual você jura de pé junto que conhece um ator e, quando vai pesquisar, não se lembra de ter assistido nenhum trabalho do qual ele participou.

— A gente pode montar um jardim novo, o que a senhora acha? A gente compra umas flores bem bonitas e monta lá embaixo.

A senhora ficou em choque com o que eu disse e se manteve em silêncio por um tempo, me encarando. Os olhos esquadrinhavam meu rosto, como se quisesse memorizá-lo.

— Mas eu não quero um jardim novo, quero meu jardim antigo.

— Mas tem tanta terra lá embaixo, a gente pode plantar novas flores para a senhora cuidar. Qual a sua favorita?

Dona Maria me olhou por mais alguns segundos. Era como se ela demorasse para

processar minhas perguntas, como se minhas palavras chegassem em seu cérebro com um *delay*.

— Lírios.

Sorri.

— São flores lindas! Eu me chamo Lily por causa da flor.

Dona Maria arregalou os olhos e demorou ainda mais para me responder. Assustada, ela ergueu a mão para um pingente em seu pescoço que eu não notara que estava ali. Ela o cobriu, segurando-o com força.

— Quando tu faz aniversário? — perguntou ela depois de tanto tempo que eu já tinha sentado em sua frente, no chão.

Achei estranha a pergunta, mas logo respondi que era no final de junho.

— Posso te contar uma história? — ela perguntou, de repente muito falante.

Só assenti, quem sabe a senhora falava alguma coisa que a deixasse melhor. Dona Maria ergueu a mão e limpou o rosto manchado de lágrimas. Arrastei-me no chão até encostar na cama. Ela começou a falar sem soltar o pingente que carregava no pescoço.

— Minha mãe era uma mulher muito devota da igreja e queria que eu fosse assim também, mas a vida religiosa não era pra mim. Então, juntei um dinheiro e fui para os Estados Unidos, pra fugir dela. Foi no começo dos anos 90. Fiquei um tempo em Los Angeles, mas algo não estava fazendo sentido, então fui pegando carona de carro em carro, de parada em parada, até chegar em Nova York. Eu tinha dezessete anos na época. Nem sei como me deixaram fazer tudo isso sendo menor de idade. Sei que devo agradecer a qualquer ser superior que tenha me protegido, porque muita coisa poderia ter acontecido comigo.

Eu estava boquiaberta.

— Que viagem longa! — exclamei quando ela deu essa pausa.

Imaginei que deveria haver algo em torno de cinco mil quilômetros entre Los Angeles e Nova York, cidades que se localizavam em pontas totalmente opostas do país.

Além disso, me surpreendi com o modo como a mulher falava, claramente relembrando alguma memória antiga, sem qualquer resquício da demência que ela aparentava há apenas cinco minutos. Ela assentiu com meu comentário e continuou sua história:

— Levei quase três dias pra chegar em Nova York e, na última carona que peguei, o rapaz disse que estava indo lá pra fazer um teste pra uma peça *off*-Broadway. Não sabia nem o que era a Broadway, pra tu ter noção. Mas concordei. Estava sem nenhum tipo de impedimento, queria aproveitar a vida, já que estava tão longe da minha mãe.

“Ele me deixou no meio da Times Square e se foi, sem nem olhar pra trás. Quando cheguei na *Big Apple*, como todos chamavam a cidade, o mundo de repente me pareceu tão maior do que qualquer coisa que eu poderia imaginar... Vivi minha vida inteira aqui em Joinville e, quando olhei aqueles prédios, as pessoas apressadas, correndo de um lado para o outro, as roupas não tão coloridas e as mais diversas lojas, tudo me pareceu grande demais. Fiquei com medo. E mais assustada ainda depois de sentir o cheiro da comida que eu não tinha dinheiro pra comprar.

“O dinheiro que eu havia juntado foi gasto no caminho, então eu não tinha mais um centavo. Foi quando encontrei um grupo com mais ou menos minha idade, que invadiu um prédio em uma área mais pobre e perigosa da cidade. E fiquei por ali, achando ótimo não ter ninguém pra me dar ordens. Era um mundo caótico, mas eu me sentia livre. E, claro, era uma dinâmica regada a muito sexo e drogas. Não me envergonho de ter feito tudo o que fiz com meu corpo. Mas me arrependo de ter começado a usar muita droga. Era moda usar e vender heroína, e foi o que fiz.”

Comecei a rir quando ela disse aquilo. Como se imagina uma mulher daquelas no meio de Nova York, usando droga e transando loucamente? Era impossível! Ela abriu um sorriso caloroso para mim e continuou sua história:

— Então, fiquei levando aquela vida miserável, literalmente vendendo metade do meu almoço pra comprar a janta e mais droga. Com o tempo, percebi que só estava fugindo de casa, não resolvendo minha vida. Vi, naquele momento, que a experiência de viver ali não duraria pra sempre e que não poderia passar o resto dos dias usando drogas que eu não tinha dinheiro pra pagar, muito menos, me entregando pra qualquer um que aparecesse.

"Quando essa luz se abateu sobre mim, senti uma tontura muito forte, a ponto de desmaiar na porta do prédio invadido em que estava morando, no meio da rua. Já fazia quase três dias que eu não comia, então só percebi que tudo ficou escuro. Quando acordei, vi luzes brancas e fios conectados em mim. Olhei de um lado para o outro e notei uma enfermeira se aproximando de mim.

— Você não tem documento? — perguntou ela, anotando algo na prancheta.

"Respondi que estava na mochila, mas não havia nenhuma ao meu lado quando desmaiei. Ela disse que talvez houvessem roubado a mochila quando caí desacordada. E aí a mulher soltou as palavras que mais me apavoraram na vida:

— Bom, fico feliz que você esteja acordada. Você e o bebê estão estáveis, apesar da quantidade absurda de entorpecentes que encontramos na sua corrente sanguínea.

Guria, nunca fiquei tão apavorada na minha vida. Um bebê? Como eu poderia estar grávida? E de uma pessoa que eu não fazia nem ideia de quem fosse?"

Engoli em seco. Devia ter sido barra pesada passar por tudo isso, ainda mais estando sozinha em outro país, sem dinheiro e sem documentos.

— Sinto muito. — Estiquei minha mão em cima da sua, e ela a apertou. — O que aconteceu depois?

— Depois da papelada na embaixada brasileira resolvida, eles perceberam que meu visto estava vencido e eu fui deportada. Aleguei que não tinha condições de bancar a viagem, mas eles só me colocaram no avião. Não sabia nem se isso era possível, acho que só o fizeram com dó de uma menina de dezessete anos grávida e sem dinheiro em outro país.

"Quando cheguei no Brasil, achei que minha mãe fosse me expulsar de casa, gritar comigo e me fazer viver nas ruas, mas não. Ela me pôs pra dentro de casa, sentou comigo na mesa como se eu não tivesse passado mais do que três horas longe de casa e disse, com a voz mais tranquila do mundo:

— Quando essa criança nascer, ela vai pra um orfanato. Tu manchou o nome dessa família."

Coloquei as mãos na boca, estupefata.

— E tu deu teu bebê? — perguntei.

Ela assentiu.

— Mas não consegui deixá-la sozinha por muito tempo.

— *Deixá-la*? Era uma menina?

— Uma linda menina que nasceu com cabelos tão claros que pareciam brancos.

Um silêncio se formou ali e, de repente, não consegui respirar. Ela continuou, finalmente soltando o pingente do pescoço e mostrando-o para mim. Era uma pedra da lua linda, bem rústica. Ela tinha somente um furo no meio para poder passar o cordão que a pendurava no pescoço da senhora.

— Nos Estados Unidos, existe uma tradição de sempre conhecer sua *birthstone*, a pedra

de nascimento de alguma pessoa de acordo com o mês em que ela nasce. A pedra da lua é a pedra do mês de junho, que foi quando minha menina nasceu. Depois do nascimento dela, consegui emprego no orfanato. Na verdade, eu praticamente implorei pra que as freiras que comandavam o lugar me contratassem pra qualquer cargo que fosse. Queria tanto poder ficar com a minha menininha que não me importava com o modo como faria isso.

"Sempre fui apaixonada por flores, mas o tempo que passei em Nova York com aqueles *hippies* me fez amar ainda mais, por entender o significado delas e saber que carregavam propriedades tão poderosas quanto as próprias pedras.

"Então, nomeei minha bebê como uma flor que mostrava que ela seria nobre, leal e amaria com todas as fibras de seu ser. Dei o nome de uma flor que poderia ter quase dez variações de cores."

Minha cabeça estava pesando com aquela história, havia pontos demais que a ligavam com a minha própria.

— Qual seu nome? — murmurei, antes que ela dissesse alguma coisa a mais.

— Maria Paula Diniz.

Tudo ao meu redor começou a rodar. Eu não poderia conceber uma história daquelas, aquilo era só a invenção de uma senhora que estava, sei lá, com esquizofrenia ou delirando por mais tempo do que seria recomendado.

Poderia ser aquela a Paula do orfanato?

E, o pior: *Paula era minha mãe?*

— Isso... Isso não é possível. A senhora só pode estar enganada.

Maria Paula balançou a cabeça.

— Eu reclamava pra eles que havia perdido meu jardim, mas, na verdade, sentia muita falta do meu lírio. Nunca quis que eles soubessem que eu estava aqui. As Madres Superioras acabaram morrendo aos poucos, e o orfanato foi fechado. Não suportei ver vocês indo embora. Tanto tu quanto o resto das meninas. E nunca pude revelar meu segredo pra ninguém, por existirem tantas pessoas que conheciam minha família. Minha mãe me mataria na época. Esse casarão, inclusive, era dela. Acabei recebendo como herança, já que ela não tinha outros filhos. Compraram aqui pra fazer essa casa de repouso. Então, quando inauguraram, fui a primeira a me internar aqui, alegando alguns transtornos psiquiátricos. Como era amiga de Jacira de longa data, por ter cuidado de mamãe, ela conseguiu um atestado e o responsável médico por aqui me aceitou. Jacira continua lá embaixo, mas ninguém além dela sabe da minha história."

Paula se abaixou na minha direção e passou a mão no meu rosto.

— É tão bom saber que tu está bem, filha.

Não, não, não... Aquilo não era possível.

Levantei-me, pedindo licença e ignorando os chamados dela. Minha cabeça estava parecendo um *tsunami*, levando tudo e deixando todo o estrago que uma revelação daquelas poderia fazer comigo.

Como Paula era minha mãe?

Fui andando a esmo pela casa, sem prestar atenção no caminho, batendo nos corredores e procurando desesperadamente a saída. Entrei em cada corredor e só parei quando esbarrei em alguém.

— Lily! Tu está bem? — Ana me interceptou.

Assenti, mas não consegui dar mais nenhuma atenção a nada que ela falava.

Em um dado momento, fui capaz de achar a saída, ignorando completamente os chamados de Caleb e de quem mais estivesse atrás de mim. Fiquei tanto tempo conversando e

ouvindo a história de Paula que não tinha percebido que estava tão escuro. Uma mão me puxou para trás, e eu rodei em meu próprio eixo.

— Lily, o que está acontecendo? Por que demorou tanto? O que aconteceu?

As perguntas de Caleb rodavam na minha cabeça e ele me segurou pelos ombros.

— Por favor, estou preocupado contigo. O que aconteceu pra tu estar assim?

Eu finalmente consegui focar em seus olhos, que pareciam aflitos ao encontrarem os meus. Ali, fiquei um pouco mais calma. Com ele, tive alguns momentos maravilhosamente estáveis e tranquilos. Ele era meu porto seguro. Eu precisava de Caleb nos meus dias e não sabia como tinha tido a coragem de afastá-lo.

— Descobri uma coisa sobre minha vida — murmurei. — Uma coisa que fez tudo se transformar em uma mentira.

Caleb assentiu e me abraçou. Naquele abraço, sentindo seu calor, seu perfume, pude ter a certeza de que ele sempre estaria ao meu lado. A batalha de sentimentos que se fez presente no meu coração estava me deixando exausta, e eu comecei a chorar no seu peito. Ele me afagava, mas, de repente, me afastou.

— Eu sei que a gente precisa falar sobre muita coisa. Então só vou pegar nossas coisas e a gente já vai embora, tudo bem? Podemos ir pra sua casa?

Assenti e ele puxou minha mão, para voltar para dentro do portão.

— Vou te esperar aqui, não tô conseguindo respirar direito.

Ele só assentiu, soltou minha mão e eu o vi entrando novamente no casarão.

O vento estava cortante e esfreguei meus braços, como se aquilo fosse me aquecer. Olhei para um lado da rua, iluminada somente por um poste de luz amarela, e a percebi deserta.

Quando ia me virar para olhar o outro lado, senti algo afiado na minha cintura e alguém sussurrando no meu ouvido:

— Passa tudo, dona. Agora.

Capítulo 21

Caleb

Entrei correndo na cozinha do Santa Maggiore depois que deixei Lily ali. Ela parecia aturdida com alguma coisa que aconteceu lá dentro e eu não sabia dizer o que era. Peguei minha mochila, meu casaco e a pequena bolsa que ela trouxera de manhã com seu celular e documentos.

Estava saindo quando Ana me chamou:

— O que aconteceu, Caleb? Por que a guria saiu correndo daquele jeito? Parecia que tinha visto um fantasma.

Balancei a cabeça.

— Não sei. Ela só saiu, não sei onde ela estava àquela hora. A gente precisa conversar, quando souber eu te conto.

Ana assentiu, cruzando os braços. Porém, na hora em que me virei para sair, ouvi um grito vindo da rua. Eu conhecia aquela voz.

Lily.

Saí correndo, com Ana no meu encalço, largando tudo pelo caminho. Quando cheguei do lado de fora do portão, vi alguns homens em cima dela, que estava caída no chão.

— Lily! — chamei, enquanto tentava chegar o mais rápido possível até ela.

Com meu grito, os homens saíram correndo e a deixaram no chão, encolhida em posição fetal, tremendo. Para meu desespero, quando me aproximei, ela estava sangrando muito.

Meu estômago embrulhou e meu peito apertou em desespero.

— Ana! Chama a Jacira! Chama uma ambulância! Agora!

Não me virei para saber se ela tinha me obedecido, mas agachei ao lado de Lily. Seu braço direito, no qual ela deitada, estava virado em um ângulo esquisito; seu supercílio parecia cortado e a blusa branca, encharcada, com um círculo enorme de sangue.

— Não! Lily, fala comigo! Fala comigo, Lily!

Ela não se mexia. Tentei levantá-la, mas ouvi um grito de Jacira no portão.

— Não! Não mexe nela, pode piorar. Já chamei a ambulância, daqui a pouco eles chegam. Deixe-me ver como ela está.

Não queria deixar de estar ao lado de Lily, mas Jacira com certeza saberia melhor como agir. O choro enchia meus olhos, fiquei completamente desesperado ao vê-la naquela situação.

— Ela vai ficar bem? — perguntei, sem tentar conter as lágrimas que escorriam pelo rosto.

— Não sei. Ela está com um corte na cabeça, provavelmente da hora da queda, um corte na barriga, além do braço quebrado e... parece que ela foi espancada — a enfermeira-chefe disse, examinando Lily sem mexer muito nela. — Me dá sua blusa, preciso estancar esse sangramento. Do contrário, ela vai ter uma hemorragia.

Sem pensar, puxei tudo o que vestia pela cabeça e entreguei para Jacira, sem nem prestar atenção no frio gelado que castigava minha pele nua. Ela revirou os olhos e me devolveu a jaqueta, ficando só com a camiseta.

— Não, tu precisa salvá-la! — rejeitei a roupa das suas mãos.

— Não vai me adiantar de nada eu ter que cuidar de vocês dois, então vista essa blusa antes que fique com hipotermia. A temperatura aqui fora deve chegar, tranquilamente, a menos de dez graus.

Ela era rígida e direta. Às vezes, isso me irritava, mas só fiz o que a mulher mandou naquela situação. Ao longe, ouvi a ambulância chegando e meu coração se acalmou um pouco.

Enquanto os paramédicos colocavam a garota na maca com cuidado, ouviram os pareceres de Jacira. Eu fiquei pensando em tudo o que acontecera entre nós desde quando a conhecera. Lily nunca foi menos do que doce, delicada e simpática.

E linda. Absurdamente linda. Levei pelo menos três meses para parar de me surpreender todas as vezes que a via na agência. Agora ela estava ali, com seus cabelos azuis manchados de sangue e desacordada. Perguntaram se alguém iria acompanhá-la e eu subi na ambulância, morrendo de medo do que poderia acontecer.

Não fiquei longe por mais do que cinco minutos. Eu deveria ter insistido para que ela entrasse, mas Lily estava resoluta e não parecia bem. Aqueles filhos da puta deviam estar esperando que eu saísse de perto dela para atacar.

E o pior de tudo: provavelmente bateram nela exatamente por verem que não carregava nada; tudo estava na bolsinha, que agora se encontrava em minhas mãos.

Observei os paramédicos ligarem o soro ou algum tipo de medicação intravenosa e imobilizarem o pescoço de Lily. Eles abriram uma de suas pálpebras e passaram aquela lanterninha, fazendo o mesmo com a outra.

— Ela vai ficar bem? — perguntei, sem forças.

— Não sei dizer com precisão, precisaremos que ela faça muitos exames. Seu corpo está muito debilitado. O que aconteceu?

— Deixei-a na porta do Santa Maggiore para buscar a bolsa dela. Lily já não estava passando muito bem, então queria tomar ar. Ela foi atacada, vi os guris batendo nela e, quando gritei, eles saíram correndo. Não consegui ver nada deles.

O paramédico assentiu, voltando a olhar os ferimentos da garota e fazendo um curativo enorme na barriga para estancar o sangramento.

— Vamos ter que esperar os resultados dos exames e o parecer dos médicos quando chegarmos ao hospital. Fique tranquilo, faremos todo o possível pra que ela se recupere logo. Infelizmente, nessa região, esse tipo de situação é algo muito comum.

Assenti, não mais tranquilo. Olhei para Lily, que agora parecia tão menor do que já era. Naquele momento, tive a mais plena certeza da minha vida: a garota podia fugir o quanto quisesse, mas, quando acordasse – e isso não era uma condicional –, eu falaria de meus sentimentos por ela.

Eu amava Lily, e faria tudo para que ela soubesse disso.

*

Fazia mais de uma hora que eu estava sentado na sala de espera do hospital Santa Helena e não recebera nenhuma notícia ainda. Já tinha ido na recepção perguntar sobre Lily pelo menos umas dez vezes, e essa espera estava me deixando completamente em pânico, não sabia mais o que fazer.

Quando estava prestes a me levantar para questionar mais uma vez a recepcionista, que provavelmente me daria um tiro na cabeça se eu a incomodasse de novo, um médico apareceu no meio da sala de espera e perguntou:

— Parentes de Lily Diniz?

Eu me ergui na hora.

— Estou aqui, doutor. O que aconteceu?

— O que o senhor é dela?

Engoli em seco. Nem eu mesmo sabia.

— Amigo.

— Vou precisar falar com alguém da família.

— Eu sei, mas ela não tem nenhuma, cresceu em um orfanato. Por favor, doutor, pode me dizer. O que aconteceu com ela?

O médico me olhou desconfiado, mas logo ergueu sua prancheta e analisou algo que estava escrito ali.

— Bom, ela levou uma facada na altura do estômago, mas não houve muitos danos. Provavelmente, a pessoa que fez isso não conseguiu afundar muito a lâmina, felizmente. Ela também teve o braço direito fraturado em dois locais e precisará fazer uma cirurgia para a inserção de dois pinos. Ainda houve um corte no supercílio e no lábio inferior, mas são ferimentos superficiais. O problema é que, aparentemente, ela foi jogada com força no chão e bateu com a parte de trás da cabeça. Isso causou um traumatismo craniano que precisará ser operado.

Eu não conseguia respirar. Por que alguém faria isso com uma pessoa tão doce quanto Lily? Alguém que nunca fez mal a uma mosca sequer! Assenti para o doutor, que perguntou se ela tinha algum convênio de saúde. Respondi prontamente que sim, pois era o mesmo que o meu, fornecido pela empresa. O homem, então, pediu que eu entregasse os documentos da paciente para a recepcionista tirar todas as guias e autorizações necessárias para os procedimentos que seriam realizados. Fiz o que ele pediu e, na hora em que se virou, perguntei quanto tempo duraria a cirurgia.

— De três a quatro horas. — Ele parou e me olhou com pesar. Tirou os óculos e os guardou no bolso do jaleco, junto com a caneta que usava. — Ela significa muito pra ti, não é? — Assenti — Dá pra ver, está estampado nos seus olhos. Fique calmo. As cirurgias são demoradas, mas simples. O que tu pode fazer é descansar. Coma alguma coisa na cafeteria, tome um café. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance pra salvá-la.

Meneei a cabeça e o assisti ir embora.

Sentei novamente, e aquele momento torturante em que três horas pareceriam trinta começou. Eu sentia meus ossos tremerem de nervoso. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

Por que com ela?

A culpa por tê-la deixado do lado de fora me consumia, corroendo cada pedaço do meu juízo. O coração batia apertado com aquela sensação de que, se eu estivesse com ela, ninguém teria feito nada. Apoiei os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, puxando os cabelos.

Foi quando o celular dela tocou. Abri a bolsa e o peguei, vendo que era Alice. Atendi sem nem pensar.

— *E aí, Lily? Sumiu!*

— Oi, Alice. Sou eu. Caleb.

— *Caleb? Está com ela? Ah, fico tão feliz que tenham se acertado!*

Alice tinha um problema muito grande: ela não costumava deixar as outras pessoas falarem, e isso me deixou maluco naquela hora.

— Alice, não me acertei com ninguém. A gente ia conversar, mas Lily foi assaltada. Bateram nela, estou no hospital Santa Helena e ela está em cirurgia.

O silêncio do outro lado da linha foi sepulcral, até tirei o celular da orelha para ver se a ligação ainda estava em andamento.

— Alice?

— *Estou indo pra aí.*

E, simples assim, desligou. Suspirei e guardei o celular de Lily. Era bom que mais alguém viesse mesmo, morreria de nervoso se ficasse sozinho. Ajeitei-me melhor na cadeira dura da recepção do hospital e aguardei, sem condições ou coragem de olhar para a tela do celular.

Depois de alguns minutos, Alice chegou, com João a tiracolo. Ergui a sobrancelha para eles, mas nem quis discutir aquilo. Não tinha cabeça no momento.

— E aí? — ela perguntou, sentando-se ao meu lado.

— Ainda está em cirurgia. Deve sair daqui a umas duas ou três horas.

Alice assentiu.

— Obrigada por cuidar dela. Lily é... um caso à parte. Ela já sofreu muito e tenta se proteger de tudo que é muito novo ou que mexa demais com a vida dela.

Meneei a cabeça, concordando. Eu mesmo poderia ter chegado àquela conclusão.

— Sinto muito pelo o que ela fez contigo. Sei o que aconteceu, sei que ficaram no sábado passado, mas... ela é difícil. Pedi muito que conversasse contigo, mas Lily é teimosa e estava muito, muito confusa. Gostar de alguém é muito assustador pra ela, e minha amiga não estava sabendo lidar com todos esses sentimentos de novo.

Franzi a testa.

— De novo?

Alice me olhou, receosa e preocupada. Mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Ela não te falou nada, né?

Balancei a cabeça em negação.

— Não era pra eu contar, mas... deixe ela te falar no tempo dela, ok? Não cobre explicações.

Assenti, esperando que ela me falasse o que quer que fosse tão importante.

Alice respirou fundo e ajeitou os cabelos. João nem falava nada, provavelmente tão curioso quanto eu.

— Lily conheceu Pedro na faculdade. Ele era gentil e simpático, bonitão e tal, mas tinha um único defeito, na visão dela: era completamente apaixonado por uma Harley Davidson. Lily odeia motocicletas de qualquer tipo, mas eles começaram a namorar, e ele a pediu em casamento. Os dois se amavam demais, eram o casal perfeito. — Alice dizia aquilo como se fossem boas memórias, e a imagem de Lily pronta para se casar com alguém que não fosse eu apertou meu peito. Não falei nada, deixei que a garota terminasse de falar. — Ele era arquiteto e, um dia, foi até o escritório pegar um projeto. Só que o guri nunca nem chegou no escritório, porque um caminhão bateu na moto dele. Mesmo estando de capacete, Pedro foi arremessado do outro lado da avenida principal. Não sei direito o que aconteceu depois, ela nunca me contou.

"Sei que ele morreu e Lily nunca mais conseguiu ficar com ninguém, até que tu começou a se mostrar interessado nela. Minha amiga sumiu essa semana por medo, mas acredite quando digo: ela gosta, e muito, de ti. Talvez só não tenha percebido ainda."

Eu estava boquiaberto. Ela passara por tudo aquilo?

— Por que ela nunca me falou nada? — perguntei depois de alguns segundos de silêncio.

Alice se ajeitou melhor na cadeira antes de falar.

— Ah, sei lá. Acho que é porque tu não fica falando por aí que seu noivo morreu. Ela passou por tempos muito difíceis naquela época.

Concordei com a cabeça e me recostei na parede, de frente para ela.

— Eu amo a Lily, Lice — confessei. Nunca havia sentido tanta convicção em algo quanto naquele sentimento.

A garota sorriu para mim, mas tinha um olhar triste.

— Eu sei. Ela também gosta de ti, pode ter certeza disso. Lily só precisa aprender a lidar com tudo isso.

Alice estava certa. Meu peito doía de preocupação, me deixava até sem ar. Mas eu precisava estar forte para ela, precisava...

Eu não sabia o que precisava, só que ela estivesse bem e ao meu lado.

*

Era quase meia-noite quando, depois de quatro horas de cirurgia, o mesmo médico que me informou que Lily precisaria fazer as operações apareceu, ainda com as roupas azuis da cirurgia e me chamou. Alice se levantou comigo para ouvi-lo dizer que o procedimento tinha sido um sucesso.

— Ela vai ficar alguns dias em observação aqui, mas deu tudo certo. Foi necessário colocar uma placa de titânio onde aconteceu a concussão. Os cortes foram suturados e Lily provavelmente vai ficar com uma cicatriz grande na cintura, além de muitos hematomas. — Ele estalou a língua, balançando a cabeça em sinal de decepção. — Aqueles marginais fizeram um *ótimo* trabalho com ela.

Engoli em seco com a lembrança daqueles homens a maltratando, mas, honestamente, quase desmaiei de alívio quando lembrei que Lily estava bem. Vi lágrimas escorrerem do rosto de Alice, tão aliviada quanto eu.

— E eu posso vê-la, doutor? — perguntei, esperançoso.

Ele assentiu.

— Ela está voltando da anestesia ainda, mas já está no quarto. Vocês podem ir vê-la, mas deve demorar algo em torno de uma hora, mais ou menos, para a paciente acordar.

Agradecemos a ele e procuramos o quarto onde Lily estaria. Meu coração estava pulando no peito, minha respiração, descompassada, e eu, ansiando para poder ver minha *prenda* logo.

A palavra pulou na minha mente sem que eu conseguisse refrear meu próprio pensamento. *Prenda*. Era a forma como meu avô, que era gaúcho, lá de Bagé, cidade do Rio Grande do Sul que faz divisa com o Uruguai, chamava minha avó. Trazia-me uma nostalgia boa, de quando eu ia, ainda guri, passar as férias lá e testemunhar o amor entre eles. Meus primos achavam cafona, mas eu sabia que queria aquilo para mim na época, e agora tinha a plena certeza de que havia encontrado.

Eu era muito conectado aos meus avós, de ambos os lados da família. Ficava com os pais do meu pai, que moravam no Sul, durante as férias, e a mãe da minha mãe morava aqui. Cuidava dela durante o ano letivo, até que ela foi internada no Santa Maggiore.

O pensamento veio do nada e se foi com a mesma velocidade, porque logo cheguei no quarto e abri a porta, sentindo meus olhos marejarem com a visão de Lily deitada naquela maca, tantos aparelhos ligados a ela e tantas bandagens.

Nunca a vi tão frágil.

Isso quebrou meu coração. Aproximei-me da cama devagar, com medo de tocá-la. Queria pegar sua mão, senti-la junto a mim, mas um braço de Lily estava enfaixado e havia um cateter em seu outro pulso, que o ligava a uma bolsa de medicamento. Podiam-se ver também alguns eletrodos colados em seu peito, por baixo da fina camisola de algodão do hospital, um leitor de saturação em seu dedo indicador e um tubo de oxigênio ligado no seu rosto.

Ela tinha muita gaze em volta da cabeça e em seu braço imobilizado também, cobrindo do cotovelo até o meio dos dedos.

Aquela cena fez meu coração pular algumas batidas e o estômago embrulhar. Ver Lily daquela forma era algo inconcebível para mim.

Alice se aproximou de mim e deu a volta na cama, parando do outro lado, pegando a mão da amiga e se abaixando para dar um beijo na sua testa.

— Está tudo bem, amiga. Estamos aqui contigo, e ninguém vai a lugar nenhum.

Assenti, mesmo sabendo que Lily não me via e que Alice não notaria o movimento. Lice se levantou, fazendo um carinho delicado no rosto de Lily, e se virou para mim.

— Por que não vai pra casa dormir um pouco? Ou comer alguma coisa? Tu não comeu nada, Caleb.

— Não, estou bem. Vou ficar com ela até que acorde.

Apesar de ter meus olhos fixos na garota, vi Alice assentir e suspirar. Provavelmente sabia que discutir comigo naquele momento era perda de tempo, porque não teria nada nem ninguém que me tirasse do lado de Lily.

Depois de alguns minutos em silêncio, sentei na poltrona de couro marrom que ficava ao lado da cama e continuei junto à loira que conseguiu virar minha vida de cabeça para baixo.

Alice veio e se sentou ao meu lado da forma mais silenciosa que suas pulseiras permitiram.

— Sabe — começou ela —, tu não faz ideia de como me sinto feliz em ver que a Lily tem a ti, por saber que tem alguém que a ama e se preocupa com ela...

Alice olhou para a amiga e passou mais uma vez os dedos pela testa dela, descendo-os para as pontas dos cabelos, que estavam azuis.

— Essa vaca pintou o cabelo e nem avisou, só mandou uma foto que vi quando cheguei aqui — reclamou a garota, fazendo biquinho.

Dei risada daquela reação.

— E ela tinha que ter te avisado quando pintasse o cabelo? — debochei, achando graça.

Alice se virou para mim com os olhos arregalados, como se eu tivesse acabado de dizer que era metade sapo.

— É claro que tinha! Isso significa que ela tomou uma grande decisão.

Não entendi o que ela quis dizer com aquilo e devo ter transparecido isso no meu rosto.

— Mas a Lily já trocou a cor do cabelo tantas vezes...

— Mas ela nunca pintou de azul. Azul é uma cor que ela só usa quando quer dizer que tomou alguma decisão importante, que não tem volta.

Isso ficou na minha cabeça, porque jamais iria reconhecer o humor de Lily através das cores com as quais ela pintava o cabelo.

— Entenda, Caleb — Alice concluiu —: sempre que algo mudar em uma mulher, quando ela tomar alguma decisão ou desejar que a vida dela se transforme de alguma maneira, ela vai mudar o cabelo.

Acho que fiquei quase um minuto inteiro encarando Alice.

— Isso não faz sentido nenhum.

E ela riu. Alice simplesmente riu.

— Tu que pensa. Vai ficar aqui mesmo?

Assenti, voltando meu olhar para Lily, e toda aquela atmosfera descontraída que nossa colega de trabalho criou simplesmente pareceu se dissolver. A realidade voltou a me despertar para o que realmente tinha acontecido.

— Vou voltar pra casa, então, deixei minha irmã sozinha. Minha mãe foi visitar uma tia em São Paulo neste fim de semana. Se precisar de alguma coisa, me liga.

Confirmei com a cabeça.

A garota perguntou, então, se eu queria que ela trouxesse algo da minha casa, mas neguei. Não precisava de nada. Quando ela se foi, só pedi uma coberta à enfermeira que veio checar os sinais vitais de Lily e me enrosquei na poltrona, ao lado dela. Sem perceber, acabei adormecendo.

Capítulo 22

Lily

Lá estava eu novamente em um lugar abarrotado de gente. Mas que sina a minha! Sempre estava cercada por muita gente, e o pior: gente que eu não conhecia.

Olhava de um lado para o outro, procurando desesperada por alguma coisa que me tirasse dali: uma porta, uma janela... Qualquer coisa que devolvesse ar fresco para meus pulmões. Foi quando vi uma silhueta que jamais confundiria. Cabelos pretos compridos, alto, pele bronzeada.

— Caleb!

Chamei por ele mais vezes, mas não me respondia. Gritei seu nome de novo, mas era como se ele simplesmente não me ouvisse. Tentei correr atrás dele, alcançá-lo, mas era como se fugisse de mim. Foi quando senti uma mão em meu ombro. Virei para ver quem era e a cor sumiu do meu rosto, um bolo cresceu no meu estômago e o pânico puro tomou conta do meu corpo.

Pedro.

— Olá, querida. Quanto tempo.

— Pedro... O que está fazendo aqui?

— Ora, como assim? Vim te ver, parecia estar com tanta saudades de mim...

Engoli em seco.

— Mas tu estás...

— Morto, eu sei. Mas estive te observando — diante desse comentário, senti minhas pernas bambas — e achei que talvez tu quisesse me ver.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Tudo o que queria era ir com ele e esquecer o que já havia passado depois que meu noivo se fora.

— Eu sinto tanto, meu amor... — Corri para seus braços, e aquele abraço quente que sempre me confortou me deixou mais desestabilizada do que já estive em muito tempo. — Sinto muito, queria tanto que tu estivesse comigo!

Com a cabeça em seu peito, senti-o reverberar com uma risada fraca.

— Eu sei, querida. Mas cumpri meu papel, cumpri todos os meus objetivos em vida. Agora tu precisa seguir sem mim. Tens a vida inteira pela frente, não pode ficar se prendendo a quem não está nem mais no mesmo plano que tu.

Ergui a cabeça para olhá-lo e senti meus olhos embaçados com as lágrimas que escorriam sem parar.

— Sempre que quiser me ver, sempre que sentir saudades de mim, vou estar aqui... — E encostou em meu coração.

Aquele toque aqueceu meu corpo. Imitei seu sorriso caloroso, sentindo meu corpo todo se acalmar daquela onda de nervos que se mantinha de forma constante há quase dois meses.

— Além disso, tu não vai ficar sozinha, meu amor. Tem um cara muito legal doido pra ser tudo o que precisa.

Franzi minha testa, não entendendo o que ele estava dizendo. Foi quando Pedro inclinou a cabeça para algo atrás de mim.

Caleb.

Ele estava parado exatamente atrás de mim, com as mãos no bolso e sorrindo, como se só estivesse me aguardando.

Meus olhos se arregalaram.

— Mas... eu te traí!

Pedro balançou a cabeça.

— Como pode ter me traído? Tu me amou até meu último suspiro, até depois disso. Precisa seguir com tua vida, Lily. Alice e Jenny vão estar junto contigo pra sempre, mas tu merece uma família. — Meus olhos se encheram d'água, eu não conseguia falar direito. — Ela já está quase pronta, só falta erguer a cabeça pra colher o que já foi plantado.

Estava me virando para Caleb quando as palavras de Pedro ficaram ecoando na minha cabeça.

Enquanto o sonho se desvaneceu, eu o perseguia, desamparada. Precisava de respostas. Quando me virei, Caleb continuava parado, com a mão esticada na minha direção. Ele estava me esperando. Sempre me esperando. Preparado para quando eu estivesse pronta.

Virei-me para falar com Pedro, mas ele tinha sumido. Aos poucos, a multidão também já começava a desaparecer. Ao me virar para Caleb, ele estava longe. Ainda sorrindo, ainda com a mão esticada.

Ouvi sua voz no fundo da minha mente, como se ele estivesse sussurrando no meu ouvido:

— Volta pra mim, Lírio. Estou te esperando. Sempre estarei te esperando.

E eu assisti, desamparada, a tudo ficar escuro e Caleb sumir.

*

De repente, conseguia respirar. De repente, tudo ao meu redor se fez notar.

Meus olhos estavam pesados, meu corpo inteiro começou a doer. Ao fundo, um apito se fez presente e tentei sincronizar minha respiração pesada com esse som, para me acalmar e entender o que estava acontecendo.

Onde eu estava?

Tentei mexer as mãos, mas meus dedos estavam muito duros. Eu tinha algo preso no indicador direito, e alguma coisa me jogava uma pontada chata no antebraço. Aos poucos, minha cabeça explodiu com uma dor lancinante na parte de trás e consegui erguer a mão esquerda. Meus dedos tocaram um pano grosso no local onde deveria estar minha testa. Com muito esforço, finalmente abri os olhos.

Pisquei com força, para que minha visão se acostumasse com a luz amarelada daquele ambiente. Tudo ali me era estranho. Sem muito sucesso, tentei lembrar o que havia me levado até aquele lugar, mas não conseguia – além de a tentativa ter aumentado minha dor de cabeça.

Virei a cabeça com cuidado para o lado, para ver meu braço enfaixado e o outro ligado a uma bolsa plástica. Estava em um hospital? Por quê?

Quando percebi uma movimentação atrás do suporte que sustentava a bolsa de medicamento (ou soro), ergui os olhos e vi alguém dormindo na poltrona ao meu lado.

Os cabelos pretos estavam bagunçados e ele estava virado na minha direção, como se esperasse que eu acordasse há muito tempo.

— Caleb... — murmurei.

Ele abriu os olhos de súbito e os arregalou, se levantando depressa e se abaixando ao lado da cama.

— Lily! Como está? — questionou, e percebi sua voz embargada.

Tentei acenar com a cabeça, mas ela ainda estava pesada e doída demais para que eu conseguisse mexer com mais agilidade, então só murmurei um sim fraco. Por que meu corpo

todo estava doendo?

— Tem dor? — Outro murmúrio saiu dos meus lábios, confirmando. — Vou chamar a enfermeira, então.

Ele se ergueu e apertou alguma coisa que estava em cima da cama. Logo, uma enfermeira apareceu, fazendo várias perguntas (muitas das quais eu não conseguia responder com precisão) e aplicando mais remédio quando confirmei que estava com dor. Ela ergueu o encosto da cama, me fazendo ficar um pouco sentada.

— Esse remédio que te dei é pra dor — informou a mulher ao jogar a seringa usada em uma caixinha amarela no carrinho e anotar algo em uma prancheta, que provavelmente seria minha ficha. — O doutor Carlos logo vem conversar com vocês.

Caleb agradeceu, e ela logo se foi. Eu não estava entendendo muita coisa, mas logo a dor começou a aliviar o suficiente para que pudesse perguntar a Caleb o que havia acontecido, por que não me lembrava de nada. O moreno sentou-se na beira da cama, do lado esquerdo, e segurou minha mão. O calor da pele dele na minha fez com que eu me sentisse automaticamente mais calma.

— Qual a última coisa da qual se lembra?

Tentei forçar a memória naquele momento, mas poucos flashes começaram a aparecer, me deixando ainda mais confusa.

Eu e Caleb e eu na empresa, Caleb dormindo na minha casa, o aquecedor quebrando. Isso me pareceu normal, algo do qual eu me recordaria com facilidade. As investidas dele, as cantadas, a aproximação. Os beijos, as duas noites que passamos juntos, os toques... Com essa parte, senti meu corpo se esquentando e meu rosto ficando vermelho. Abri um sorrisinho e percebi Caleb se aproximando de mim.

— Do que se lembrou?

Olhei novamente para ele e percebi as bolsas que carregava embaixo dos olhos, como estava pálido. O cabelo oleoso apontava para todos os lados e a roupa parecia amassada.

Por algum motivo, meu coração pulou no peito com essa visão.

— Lembrei de ti dormindo na minha casa — falei, baixo. Minha voz parecia sair com dificuldade. — De quando ficamos pela primeira vez.

Caleb riu, e eu senti o rosto esquentar ainda mais. Ele ergueu minha mão e plantou um beijo ali.

— O que mais?

Mais um tempo pensando. Santa Maggiore veio à mente, pizzas, macarronadas.

Paula.

Meu Deus, Paula era minha mãe. Não, ela é minha mãe. Ela está viva. Paula... Paula está viva e é minha mãe.

O aparelho que aparentemente media meus batimentos cardíacos começou a apitar feito louco, como uma sirene de polícia.

Isso alarmou Caleb, que se virou para mim e começou a fazer um carinho delicado na minha mão.

— Lily, fica calma. Tu não pode se agitar dessa forma. Do que lembrou?

Abri a boca várias vezes para tentar falar alguma coisa, mas nada saía. Ele ficou ali, esperando que eu conseguisse falar.

— Paula... Paula é minha mãe — murmurei.

— Paula? — perguntou confuso. — Quem é Paula?

As imagens daquela noite voltaram à minha cabeça com clareza, como se tivessem

acabado de acontecer.

— Maria Paula Diniz. Minha mãe. A dona Maria, que não desce para comer no Santa Maggiore.

Um silêncio se fez enquanto eu mesma tentava digerir aquela informação.

— Dona Maria? Ela é sua mãe? — Caleb se virou de forma a ficar de frente para mim. — Foi por isso que tu saiu correndo de lá daquele jeito?

Murmurei um sim fraco quando comecei a ouvir meu coração diminuir as batidas, me acalmando. Meus olhos se encheram d'água e tentei me controlar, mas não conseguia. Lembrei-me de ter ido até a casa de repouso porque queria conversar com Caleb sobre Pedro, queria contar para ele o que havia acontecido. Então descubro que minha mãe estava viva.

Recordei-me de ter saído correndo dali e que Caleb viera atrás de mim, mas qualquer coisa depois disso estava completamente confusa. Contei isso para ele, que assentiu e continuou fazendo carinho na minha mão.

— Eu voltei pra pegar sua bolsa e minha mochila, e tu ficou no portão, do lado de fora — começou a me contar. — Antes que eu pudesse retornar, ouvi seu grito. Tentaram te assaltar, mas tu não tinha nada, então te bateram.

Senti meu queixo cair e minhas lágrimas finalmente correrem livres pelo rosto. Bom, isso explicava a dor que eu estava sentindo.

— Quebraram seu braço, e agora tu tem dois pinos ali. — Ele indicou meu braço direito enfaixado. Tentei mexer as mãos e só consegui que as pontas dos dedos me respondessem. — Tem pontos na sobrancelha e no lábio, que provavelmente vão deixar algumas cicatrizes, mas com certeza algumas pomadas vão suavizá-las. — Instintivamente, passei a língua pelo meu lábio inferior e o senti inchado, mas não havia dor. Não tinha percebido antes. — E agora a coisa fica feia de verdade.

— Nossa — brinquei, feliz por meu humor ácido estar intacto —, fica pior?

Caleb deu uma risada fraca antes de continuar. Ele não olhava nos meus olhos, e isso estava me preocupando um pouco.

— Fica, na verdade. — Engoli em seco e esperei ele continuar falando. — Acho que tu reagiu, não sei. Mas te esfaquearam, e provavelmente se assustaram quando gritei ao te ver e te jogaram no chão. Só que sua cabeça bateu na quina da calçada, e tu agora também tem uma placa na cabeça.

Ah...

— Ei, virei a Mulher Biônica.

Por que eu lembrei de um seriado dos anos 80 do qual só vi alguns poucos episódios na internet eu não sei. Mas tentei quebrar o gelo, e isso fez Caleb soltar uma risada fraca.

— Praticamente. Mas eu não sou o Homem de Ferro pra fazer par... — Ele ergueu a sobrancelha, e eu dei risada.

— Mas não é o Homem de Ferro que faz par com ela. É o Homem de Seis Milhões de Dólares.

Ele se afastou de mim, me olhando com uma expressão curiosa.

— Como tu sabe essas coisas?

Dei risada, mas isso fez minha cabeça voltar a latejar. Então, só recostei na cama.

— Tô com dor de cabeça — murmurei, e ele se levantou, abaixou um pouco mais o encosto da cama, deixou mais um beijo no topo da minha cabeça e se sentou na cadeira de novo.

— Então descansa um pouco. Depois a gente volta a conversar.

Dei um sorriso e consegui tombar a cabeça para o lado e ficar olhando para ele, que

também me encarava de volta com um sorriso fraco no rosto e muita preocupação nos olhos.

Fechei os meus por um instante.

— Tu é meu Homem de Seis Milhões de Dólares — murmurei.

Não era a melhor coisa que eu podia ter falado naquele momento, mas fez sentido na minha cabeça machucada e dolorida.

Capítulo 23

Dez dias depois

Eram duas horas da tarde de uma quarta-feira quando eu finalmente fui liberada para voltar para casa. Caleb não saiu do meu lado por um minuto sequer, nunca fui tão grata a uma pessoa. Ele me fazia rir, me ajudava com qualquer coisa que precisasse (ou não), víamos séries no computador dele e ficávamos conversando até um de nós (geralmente eu, devido aos medicamentos) pegar no sono. Havia ido buscar seu *tablet* e sua mesa digitalizadora, improvisara um *hospital-office* ao meu lado, trabalhando com o que podia dali.

Eu estava ansiosa e morrendo de saudades da minha cama. O cabelo azul que não fora cortado e raspado para a cirurgia da cabeça desbotara com os *shampoos* do hospital – e esse sozinho já era, com certeza, um ótimo motivo para encerrar minha estadia ali. Alice viera ficar um tempo comigo em um único dia, quando Caleb voltou para casa para fazer uma mochila e dormir comigo. Minha amiga, João, Jenny e até Rogério vinham me ver todos os dias depois do trabalho.

Ganhei um buquê de flores lindo de Cad e Rafaela – descobri depois que os dois tinham começado um casinho que evoluiu rápido o bastante para que eles tivessem assinado o cartão juntos. Alice ria desesperadamente quando falávamos sobre isso, disse que o Chefe parecia outra pessoa na agência.

Bom, o amor chega para todos, não é verdade?

E falando em amor, tive certeza de que aquela era uma agência de encontros, porque Alice chegou um dia de mãos dadas com João – e isso não me passou despercebido, apesar de não ter falado nada com ela. *Ainda*. E, para completar o combo de todos os eventos incríveis que aconteceram na minha ausência, uma estagiária de vinte anos chamada Caroline foi contratada para cobrir minha licença e, pasmem, Jennifer se encantou por ela. Era só da garota que minha amiga falava.

Alice quase teve uma síncope quando descobriu que nossa amiga era bissexual – e não havia nos contado. Não era uma coisa que jamais imaginaríamos, mas ela nunca tinha falado nada ou namorado com uma menina, então dizer que Jenny estava eufórica era eufemismo.

Eu estava já com uma muda de roupas que Caleb trouxera da minha casa, esperando o médico vir assinar os papéis da alta. A ansiedade já tinha me feito roer todas as unhas da mão esquerda. Meu braço direito estava bem preso e enfaixado, o suficiente para ser praticamente impossível mexê-lo.

— Nunca mais fico afastada daquela agência — reclamei pela milésima vez.

— Tu já falou isso, Lírio. — Caleb riu, e eu continuei de cara fechada.

— Mas como que eu fico fora por duas semanas e tudo muda? O povo se redescobriu?

Caleb deixou qualquer coisa que estivesse mexendo no celular de lado quando sentou ao meu lado na cama. Meu lábio e minha sobrancelha já tinham desinchado bastante, mas ainda não o suficiente para que eu pudesse comer sozinha ou receber os dois únicos selinhos que Caleb tentara me dar.

— Quando tu voltar pra lá, vai querer ir embora na hora. Estamos com serviço até o pescoço.

— Então é uma pena que eu não funcione à base de baterias — brinquei, e ele revirou os olhos.

As piadas sobre todas as novas partes metálicas do meu corpo viraram uma constante, e

Caleb não fazia nada além de rir. Era bom ver uma sombra de felicidade no olhar preocupado dele.

A porta do quarto se abriu, e quase pulei quando o médico chegou. Finalmente poderia voltar para a minha casa, mesmo que agora eu fosse *meio-ciborgue*.

No caminho de volta para casa, houve muita discussão com Caleb sobre a possibilidade de eu pegar o trem sozinha, seguidas e ele brigando comigo, afirmando que eu não estava com o sistema imunológico bom o suficiente para "pegar um transporte público e sujo". Fiquei em silêncio, sentindo a última dose de morfina que a enfermeira me dera começar a perder o efeito.

Meu braço começava a me incomodar e a cabeça a latejar, mas logo a preocupação com um sério assunto voltou a tomar conta de mim. Precisava contar para Caleb sobre Pedro, explicar o que acontecera e, principalmente, o que eu sentia por ele – o que tinha sido todo o motivo de estarmos aqui, em primeiro lugar.

Durante o tempo no hospital, tentei não pensar em Paula. Por incrível que pareça, ela só visitava meus pensamentos uma vez ao dia, geralmente quando eu estava prestes a pegar no sono. Também precisava contar isso para ele, precisava conversar com ela, precisava...

— Lily? Está tudo bem?

Virei a cabeça para o lado onde Caleb estava sentado e vi tanta preocupação em seus olhos que senti o coração apertar. Abri um sorriso para ele, genuinamente feliz por tê-lo ao meu lado.

— Está, sim. Só... precisava conversar contigo.

Não era bem naquele momento que eu pensava em conversar com ele, mas as palavras saíram da minha boca sem que pudesse controlá-las. No entanto, Caleb segurou minha mão livre, e aquela sensação elétrica que passava entre nós nunca parecia normal o bastante para mim. Suspirei quando não consegui sustentar seu olhar. Acho que fiquei tanto tempo tomando coragem que não percebi quando o táxi parou e o moreno soltou minha mão para abrir a porta do carro e pegar nossas malas.

Caleb encontrou a chave de casa na minha bolsa e abriu a porta. Naquele momento, eu quis chorar de verdade pelo que havia acontecido comigo. Ninguém conseguiu identificar os homens que me bateram, nem Caleb nem Ana ou Jacira – e eu muito menos, principalmente depois da pancada na cabeça. Não queria que o ódio me corroesse os sentidos, mas acho que, pela primeira vez na vida, desejava muito mal a um grupo de pessoas. O sistema brasileiro de justiça era tudo, menos justo. Balancei a cabeça depois de colocar meus pés dentro de casa e tentei afastar esses pensamentos.

Tirei meu tênis e sentei no sofá. Caleb deixou nossas bolsas ao lado do móvel e sentou-se ao meu lado.

— Está com fome?

Precisei pensar um pouco para respondê-lo. Com a quantidade de medicamentos que estava tomando no hospital (e aquela comida horrorosa), não conseguia ter apetite para absolutamente nada. Porém, estar em casa significava que eu poderia comer qualquer outra coisa que não fosse filé de frango sem sal com purê de batata ou sopa.

— Acho que sim... — Franzi o nariz em uma careta engraçadinha quando ele ergueu uma sobrancelha, como se dissesse: "acha?". — Quero hambúrguer. Com muita batata frita.

Caleb explodiu em uma gargalhada, que foi como música para meus ouvidos. Era impressionante como cada vez que eu olhava para aquele homem meu coração continuava pulando uma batida. Cada gesto dele conseguia me encantar cada vez mais.

A última conversa que tive com Alice antes do acidente me veio à cabeça, a parte em que

ela falava: “Qualquer coisa pode acontecer com qualquer um”. Ironicamente, tinha acontecido justamente comigo – e exatamente da forma que ela previra –, e eu poderia ter morrido. Se ninguém tivesse me ouvido na rua, ou se a cirurgia tivesse dado errado, ou ainda se a ambulância tivesse demorado demais para chegar.

Não me lembrava com clareza do que havia acontecido ou do momento exato do ataque, mas o medo estava ali, como um companheiro silencioso, e me fazia acordar durante a noite. O medo de morrer, de ficar sem quem eu amo, de causar dor àqueles que me querem bem.

Olhei para Caleb, que mexia no celular, provavelmente pedindo nosso almoço. Seu cabelo estava mais comprido do que quando ele dormiu aqui em casa pela primeira vez, quase batendo nos ombros. A franja também estava maior, presa atrás da orelha. O tempo começava, por fim, a esquentar, e apenas uma camiseta de banda e uma calça *jeans* com *All Star* eram o bastante para aquele dia. Ele tinha um olhar concentrado, e isso mexeu com alguma coisa dentro de mim.

— Pronto — disse, bloqueando a tela do celular e deixando o aparelho em cima da mesa de centro. — Não deveria, né? Mas pedi seu hambúrguer. Agora é só esperar.

Ele apoiou o pé na mesa de centro e cruzou os braços.

— Está com dor?

Balancei a cabeça. Os pontos até me incomodavam, mas eu não conseguia pensar nisso agora.

— Preciso falar contigo.

— Eu sei.

Minha cabeça tombou para o lado, sem entender.

— Sabe?

— Sei. Só que tu não vai falar nada agora porque tu precisa descansar. Deixa isso pra depois.

— Mas...

— Não tem “mas” e nem “meio mas”. Tem tu cuidando de si mesma. — Caleb falava sério, o que me assustou um pouco. Poucas foram as vezes em que o vi tão sério. — O que tu passou não foi brincadeira, não foi um tropeção em que tu cai e rala o joelho. Foi grave.

Assenti, porque ele estava certo, mas sabia que meu coração não me deixaria em paz.

Eu colocaria esse assunto de lado.

Por ora.

*

Era o terceiro episódio da série maluca que Caleb me fez assistir. Basicamente, um grupo de crianças foram jogar RPG no porão de casa e descobriram vários poderes, um portal para um mundo paralelo e mais um monte de coisa que eu achava sem sentido. A única coisa que eu admitia ser boa era a trilha sonora. Essa, com certeza, era a melhor parte, já que a história era ambientada nos anos 80.

Quando o episódio acabou, percebi que já era noite. Caleb se levantou, pegando o celular e colocando no bolso.

— Eu... preciso ir embora — disse, sem me olhar nos olhos.

Isso me deixou magoada.

— Não quer dormir aqui? — soltei sem perceber.

Pelo menos, ele teve a decência de me olhar, mas estava com uma expressão impassível.

— É que eu tenho que ir pra casa... E amanhã vou precisar ir pra agência, e tal...

Assenti, sem falar nada. Levantei, colocando a manta que estava nas minhas pernas no sofá e observando ele pegar a mochila dele e passar uma das alças pelo ombro. Acompanhei-o até a porta e ele a abriu, passando por ela e se virando para mim.

Caleb abriu a boca duas vezes antes de falar alguma coisa, como se ele próprio não encontrasse as palavras.

— Me... fala boa noite.

Engoli em seco.

— Não quero que vá — murmurei, desviando o olhar e sentindo meu coração acelerar os batimentos de forma descompassada.

A noite não estava fria, e o poste de luz deixava tudo com um brilho amarelado. Pela primeira vez em mais de um mês, eu via a lua cheia em todo o seu esplendor no céu. A noite estava linda, mas, de repente, me senti sozinha, principalmente por ter acostumado a ter o moreno ao meu lado.

Caleb era... Não sabia exatamente definir, mas tê-lo perto de mim era quase uma necessidade física. Senti-o se aproximar e ficar a centímetros de mim. Ouvi seu suspiro e senti as pontas dos seus dedos erguerem meu rosto para que nossos olhares se conectassem.

Automaticamente, toda a nossa história passou na frente dos meus olhos, e a tal conexão mágica que senti quando transamos pela primeira vez estalou dentro de mim, mesmo com tão pouco contato físico. Arregalei os olhos, querendo perguntar se ele havia sentido aquilo, mas ele logo abaixou seus lábios de encontro aos meus.

Foi um beijo doce, suave, como se ele tivesse medo de me machucar. Passei meu braço bom por seu pescoço e colei nossos corpos, em uma busca implacável pela sensação enigmática que ele trazia. Puxei-o comigo, fechando a porta ao me virar. Caleb me encostou na porta fechada, soltou a mochila no chão e suas mãos voaram para a barra da minha camiseta.

Meu corpo queimava por dentro, ansiando em tê-lo mais perto, mas ele se afastou, apoiou sua testa na minha e deixou nossas respirações irregulares se misturarem.

— Não... podemos — murmurou contra meus lábios.

Assenti, afinal, ainda havia uma pequena parte – mínima, para dizer a verdade – do meu cérebro que ainda tinha consciência de que eu havia passado por duas cirurgias, que uma delas era na cabeça. Mas não consegui me afastar de Caleb por completo, descendo meu braço e o abraçando pela cintura.

— Dorme aqui. Dorme comigo — pedi baixinho, de novo.

Caleb me apertou e eu senti seu coração bater em sincronia com o meu. Um sorriso involuntário se formou em meus lábios quando ele revirou os olhos e concordou.

Peguei meu pijama e ele me ajudou a tomar banho, como fez em todos os outros dias no hospital. Eu dava risada quando prendia meu cabelo, fazendo piada com o enorme círculo de falha que ficava bem no topo da minha cabeça. Os médicos foram até bonzinhos comigo: deixaram uma faixa pequena de fios para que a falha fosse coberta. No entanto, o humor de Caleb era imbatível; ele sempre tinha alguma brincadeira para fazer. Eu não ligava para aquilo, pois logo o cabelo cresceria novamente.

Depois do banho, tomei os remédios, e ele, como o bom enfermeiro que tinha aprendido a ser, me colocou na cama e veio se deitar ao meu lado. Sem pestanejar e incrivelmente feliz por tê-lo deitado em uma cama confortável em vez daquele sofá duro do hospital, me aconcheguei nele, sentindo a fisgada dos pontos que ainda não tinham sido retirados do local onde eu levara a facada.

Respirei fundo, sentindo que ainda faltava uma única coisa para que eu pudesse

realmente estar em paz comigo mesma. Apoiei-me no braço bom e me estiquei em cima de Caleb, deixando que meus lábios resvalassem nos dele, vendo qual seria sua reação.

O moreno não me decepcionou quando se inclinou na minha direção, capturando minha boca em um beijo mais intenso. Pôs a mão na minha nuca para me manter no lugar e sua língua me invadiu pela primeira vez desde a última ocasião em que ele dormira ali. Meu corpo começou a esquentar, e eu sabia que, se não parássemos, não responderia pelos meus próprios atos. Então, só encerrei o beijo com um selinho delicado, voltando a deitar em seu peito.

O coração de Caleb voltou a estar tão acelerado quanto o meu, e eu estava feliz em saber que suas reações eram gêmeas às minhas.

— Se tu continuar me beijando desse jeito — murmurou ele na minha cabeça — não vai ter cirurgia que me impeça de fazer tudo o que eu quero contigo.

Um arrepio passou pela minha coluna e, pela primeira vez desde o incidente, amaldiçoei de verdade o que aqueles babacas fizeram comigo. Respirei fundo pelo que pareceu ser a milésima vez naqueles poucos minutos e me aconcheguei mais em seu abraço.

Aquilo parecia tão certo para mim...

— Eu sou órfã, cresci em um orfanato — comecei, ainda um pouco hesitante.

Ele já sabia disso, mas eu precisava começar por algum lugar. Precisava contar tudo para ele e aquele parecia um bom momento. Sua mão fazia um carinho gostoso nas minhas costas, e eu deixei meu braço engessado apoiado em sua barriga enquanto falava. Não me virei para olhar em seus olhos. Caleb soltou um murmúrio, indicando que estava me ouvindo, então continuei falando:

— Algumas crianças ficam pulando de um lar adotivo para o outro quando não ficam com a primeira família que as escolhe, mas eu nunca precisei me preocupar com isso, porque ninguém jamais me escolheu. Quando entrei na escola pra fazer o colegial, conheci Alice. Ela parecia querer fazer da minha vida um inferno na Terra, mas, depois de um trabalho de história, nos aproximamos. Ela foi a primeira pessoa que se interessou por mim, que se deu ao trabalho de me conhecer. Tornamo-nos grandes amigas e, no último ano, conhecemos a Jenny. Ela veio de outra escola e cursou apenas o terceiro ano conosco.

“Tínhamos muitas coisas com as quais não concordávamos, mas uma única paixão em comum: desenhar. Por isso ficamos tão felizes quando entramos pra mesma universidade pra cursar *design*. Demos até a sorte de estudar na mesma sala. Elas eram minha família, e ainda são. Quando fiz dezoito anos, tive que sair do orfanato, e Alice me deu um teto.

"No segundo semestre da faculdade, o pai de Alice faleceu e sua mãe não conseguia mais manter a filha, sua irmã pequena e eu. Então, arrumei um emprego de vendedora em uma loja de roupas por meio período e consegui vaga em uma república. Não me esforçava pra fazer amigos, sempre pensei que Lice e Jenny eram o suficiente pra mim. Até que, depois de um tempo vivendo sozinha, esbarrei com um aluno do terceiro período de arquitetura. Eu já tinha ouvido falar dele antes, mas o cara tinha fama de ser um 'mau elemento', como os coordenadores cochichavam nos corredores. Alto, forte, jaqueta de couro e uma Harley Davidson velha.

“Por algum motivo, ele gostou de mim. Ninguém nunca se preocupou comigo além das meninas. Encantei-me por ele, que parecia ser tudo o que eu nunca ousaria sonhar. Depois de algumas semanas me paquerando, Pedro me convenceu a sair com ele. Dali em diante, entrei no mais maravilhoso conto de fadas que nunca pensei ter sido escrito pra mim.

"Ao terminarmos a faculdade, fiz outros cursos de desenho, e Pedro abriu um escritório de arquitetura com seu melhor amigo. Depois de alguns meses, ele alugou uma casa e me pediu em casamento. Era tudo o que eu sempre quis, era mais até do que eu poderia sonhar ser

merecedora.

"Até que, um belo dia, ele saiu de moto pra pegar um projeto de um cliente e... Bom... — Minha voz embargou. Era a primeira vez, em seis anos, que eu falava disso com alguém que não fosse uma das meninas. — Recebi uma ligação do corpo de bombeiros. Eles precisavam de alguém pra reconhecer o corpo de um motociclista que colidiu com um caminhão na avenida principal, e o meu número era o primeiro da chamada rápida."

Um silêncio se instaurou entre nós. Eu não saberia dizer qual era a reação de Caleb. Só sabia que contei toda a história com rapidez, como se precisasse tirar todo o peso de cima de mim. Sem me virar, me encolhi ainda mais quando senti seu braço se estreitar ao meu redor, deixando-me ainda mais perto dele.

— Quanto tempo faz? — ele perguntou, em voz baixa.

— Seis anos.

— Uau — ele exclamou, e eu ergui a cabeça para olhá-lo. — Não me entenda mal, mas quem te vê rindo e brincando com todo mundo na agência não imagina que passou por tudo isso.

Soltei um riso fraco, sem conseguir me conter. Ainda não conseguia definir qual seria a reação dele ao imaginar o meu comportamento em relação a isso.

— Sinto muito por sua perda — Caleb murmurou depois de alguns instantes, nos quais nos afundamos em silêncio novamente.

Dei de ombros. Já fazia muito tempo, eu não queria que ninguém sentisse pena de mim. Caleb, então, se ergueu, sentando-se na cama. Eu fiz o mesmo, olhando para ele em expectativa. Não sabia bem o que, mas esperava algo do moreno.

Caleb ergueu a mão, passando-a pelo meu rosto em um carinho suave, que fez as faíscas voltarem a correr pelo meu corpo.

— Tu é muito forte, e eu te admiro por ter se mantido em pé. Não consigo imaginar a dor que passou.

Um sorriso fraco nasceu em meus lábios quando ele secou as lágrimas que não percebi escorrerem. Limpei a garganta e ergui a coluna, olhando para ele enquanto falava. Precisava me manter firme em meu relato, porque a parte mais complicada vinha exatamente agora:

— Fiquei sozinha de novo e jurei jamais sentir por ninguém o que sentia por ele. Mas tu apareceu, com teu jeito de me fazer rir das coisas mais idiotas, tão parecido com o meu, e... — Olhei para ele, exasperada com aquela constatação. — Por que tinha que ser tão fofo?

Caleb riu de mim, balançando a cabeça em negativa e me olhando, divertido.

— Eu fugi de ti pra me proteger — continuei —, mas, na verdade, não era de ti que eu estava fugindo, era de mim mesma. Tenho medo, e não sei como lidar com o sentimento.

Suspirei. Falei tanto que nem consegui acreditar que finalmente tinha colocado tudo para fora.

— Achei que deveria saber — murmurei, abaixando a cabeça.

Caleb ergueu meu rosto com a ponta dos dedos e me encarou, sorrindo para mim de um jeito que aqueceu meu coração.

— A gente não tem controle sobre nosso coração. Fico feliz que tenha me contado sua história. — O carinho que transbordava de seu olhar era algo que fazia com que eu saísse de órbita. — Mas tu não precisa se preocupar, não vou sair do seu lado.

Aproximei-me dele e dei-lhe um selinho fraco, voltando a me deitar junto dele. Senti-o apertar os braços ao meu redor e depositar um beijo no topo da minha cabeça.

— Até eu falar boa noite? — perguntei, sorrindo e já sabendo a resposta.

— Até tu falar boa noite.

Capítulo 24

Passei cinco dias em casa sem conseguir fazer nada além de ir do sofá para a cama e da cama para o sofá. Conforme o efeito da morfina começou a passar, comecei a sentir, de verdade, todos os lugares que haviam sido machucados, feridos, esfaqueados, quebrados ou operados, como se gritassem: “Oi! Eu estou aqui! Eu existo!”

Meu braço doía terrivelmente. Eu não conseguia me mexer na cama porque qualquer movimento da cintura repuxava os pontos, e minha cabeça latejava vinte e quatro horas por dia. No terceiro dia, já tinha tomado todos os remédios para dor que Caleb comprara para mim e estava ficando maluca.

— Essa dor toda não pode ser normal — reclamava toda vez que ele chegava na minha casa depois do trabalho. — Será que não é melhor eu voltar ao hospital? Vai que a moça me dá mais morfina...

Caleb só fazia rir de mim.

— Morfina? Tá de *bobiça*? O médico falou pra ti que os efeitos dos remédios passariam, Lírio.

Revirei os olhos, querendo muito acreditar que tudo estaria bem. Os pontos do meu supercílio pareciam bem cicatrizados, e meu lábio quase não estava mais inchado.

No sexto dia, Caleb me acompanhou até o hospital para tirar os pontos da cintura e da sobrancelha. Eu praticamente implorei para o médico que me desse mais remédios para a dor, mas ele só me mandou comprar outra caixa do mesmo medicamento.

— Tu precisa entender que tem dois pinos no braço e uma placa de titânio na cabeça, guria. Querendo ou não, são corpos estranhos, e o teu organismo precisa se adaptar a essas peças — Caleb repetiu o que o médico disse quando reclamei de novo de dor.

Respirei fundo e agradeci, feliz por ter quase todos os cortes cicatrizados. Minha preocupação com as cicatrizes e com os hematomas (que antes eram roxos e, agora, pareciam manchas amarelas que cobriam meu corpo inteiro) foi solucionada com uma receita para comprar duas pomadas para os respectivos problemas.

Na saída, Caleb parecia preocupado com alguma coisa, sem me olhar nos olhos e quieto.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Ele me encarou, como se só naquele momento tivesse se dado conta de que eu ainda estava andando ao seu lado em direção à porta do hospital.

— Não, é que... Ana me ligou, queria saber de ti. E ela perguntou se tu podia ir lá, todos estão preocupados.

Engoli em seco. Não sabia se queria voltar até o Santa Maggiore. Não pelo assalto, porque eu mal lembrava do que tinha acontecido, mas porque não tinha certeza de que teria coragem de cruzar com Paula.

— Não precisa ir se não quiser. Posso ligar pra ela por vídeo e a gente conversa. Mas, na última vez em que liguei, dona Gertrudes não parava de perguntar de ti, e Felicidade disse que faria cuca de banana no dia em que voltasse.

Suspirei, sabendo que o caminho do hospital para o Santa Maggiore ia ser bem diferente se fosse dali até em casa.

— Tudo bem, nós vamos.

Talvez fosse o sinal que eu precisava para começar a construir uma relação saudável com minha mãe.

*

— Guria, tu voltaste!

O entusiasmo de Ana era palpável e me fez sorrir junto com ela. Ela tentou me abraçar, mas ainda tinha o braço engessado e os pontos ainda estavam sensíveis, então me desviei de seu abraço.

Se ela ficou magoada, não pareceu. Ou então percebeu que eu ainda estava muito frágil.

— Fiquei tão preocupada contigo, querida! Não aguentei te ver ali, toda jogada, cheia de sangue. Até Jacira ficou preocupada... — Ela se curvou em minha direção e sussurrou para mim. — Não que ela vá admitir isso, mas ela ficou, sim.

Dei risada e agradeci as boas-vindas de todos ali. Era um ambiente mais do que acolhedor, e eu me sentia muito bem no lugar, apesar dos pesares.

Passei a tarde com eles todos. Vi Caleb perder o jogo de futebol de botão para os gêmeos de novo, assisti a um filme com dona Gertrudes e Caleb fez todos os internos assinarem meu gesso com canetinhas coloridas, como se estivéssemos na escola. Foi uma tarde tranquila e muito engraçada.

Quando sentamos na mesa da cozinha para comer a cuca de banana prometida, percebi uma movimentação perto da porta. Paula entrou. Todos ficaram em silêncio, e Caleb, que já estava ao meu lado e conhecia a história, se empertigou, endireitando as costas como se precisasse me proteger de qualquer coisa que fosse. Como se Paula pudesse me fazer algum mal.

— Dona Maria, a senhora não pode ficar aqui — começou Deise, levantando e se aproximando dela. — Quer comer alguma coisa? Posso preparar pra senhora.

Ela balançou a cabeça e, ali, prestei atenção em sua expressão. Ela parecia aflita e olhava do meu braço engessado até o corte na minha testa. Seus cabelos estavam brancos, misturados aos loiros, soltos e lisos como ela os deixava quando eu era pequena. A mulher usava uma camisa branca, com pequenas flores vermelhas estampadas e uma calça de malha marrom. Não era a melhor das combinações, mas era tão... *Paula* que eu jamais imaginaria que algo muito diferente daquilo.

— Quero falar com a Lily.

As três cozinheiras saíram da cozinha, mas Caleb não arredou o pé do meu lado. Era até fofo vê-lo querendo me proteger. Era aconchegante saber que havia uma pessoa que ficaria comigo para o que quer que acontecesse.

— Posso me sentar? — ela perguntou, seus olhos azuis, tão diferentes dos meus castanhos, brilhando com algo que beirava o medo.

Eu assenti sem falar nada, ainda tentando cortar a base dura da cuca com a mão esquerda.

— Está brava comigo, querida?

Ergui o olhar para ela, mas não sabia o que dizer. Mastiguei um outro pedaço de cuca lentamente, sem saber exatamente o que falar.

— Acho que... — comecei, pensando bem no que eu falaria. — Não estou brava. Só que foi tudo muito confuso. Eu só não sei por que tu não me contou que era...

Não consegui falar. Ainda parecia surreal demais. Ela assentiu, e sua mão automaticamente foi para o pescoço, se agarrando à pedra da lua que havia ali.

— Nunca soube como falar. Achava que tu ficaria revoltada ou... não sei, guria.... Talvez tivesse medo de te perder, assim como perdi todas as outras. No final, não deu certo, porque te perdi da mesma forma.

— E por que tu não me procurou? Não é como se Joinville fosse tão grande assim.

Ela desviou o olhar e seus ombros caíram, como se estivesse derrotada. Balançou a

cabeça e a apoiou na mão.

— Sinto muito, Lily. Eu deveria ter feito muitas coisas que as mães geralmente fazem. Mas nunca soube agir como uma mãe, então resolvi ser só a tia doida que tu tinha no orfanato. Achei que, se tu nunca mais me visse, pelo menos, teria boas lembranças de mim.

Assenti, recostando na cadeira sem nem perceber que havia ido para frente pela tensão. Tentei imaginar como deveria ter sido sua vida para que a mulher tivesse tomado todas aquelas decisões, mas não consegui. Não era como se eu tivesse algum tipo de pano de fundo que me fizesse entender, de toda forma.

— O que a gente tem que decidir aqui, dona Maria — Caleb se pronunciou pela primeira vez desde que Paula aparecera, e isso me assustou, me tirando dos devaneios —, é o que a senhora vai querer fazer a partir de agora. Se Lily vai seguir a vida dela com ou sem a senhora. Porque ela já sofreu demais para ter que aturar mais uma perda ou abandono.

Olhei para ele com os olhos marejados. Ele estava mesmo me defendendo para uma pessoa que ele nem conhecia? Paula deve ter pensado a mesma coisa, porque revezava o olhar entre nós dois de forma assustada. Parecia ter que tomar uma grande decisão pela primeira vez na vida.

— Eu gostaria de tê-la em minha vida de volta... filha.

A última palavra me deixou sem estrutura. Pensando em tudo o que ela fez por mim e pelas meninas do “Jardim de Amores”, como ela própria chamava, pude perceber como o tratamento comigo era diferenciado, como Maria dava muito mais atenção para mim e sempre me trazia algum presente.

Não posso reclamar do modo como ela me tratou a vida toda; ela era só uma menina quando nasci. Como exigir que uma jovem de dezessete anos tenha a maturidade que nem eu, com vinte e sete, tenho?

Respirei fundo e, de forma muito honesta, sorri para ela e estiquei a mão boa em cima da mesa. Paula esticou a dela na minha direção e também a apertou com força.

— Acho que podemos fazer as coisas com calma e tentar construir uma nova relação a partir daqui — eu disse, pausadamente, sem certeza de onde tanta determinação surgiu. — Se tu estiver disposta... mãe.

Paula sorriu, e as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

— Aos poucos.

E eu concordei. Porque uma coisa que aprendi nessa vida é que nada aparece do nada; tudo é construído aos poucos, tijolinho por tijolinho, até que um castelo enorme se forme. Aquilo não me parecia uma história com um final feliz, mas o começo de mais uma jornada.

E assim não era a vida? Feita de começos e recomeços? Preparando-nos para cair e levantar, nos reerguer, até que mais algo nos derrube, começando e terminando ciclos?

Posso ter demorado para entender isso, mas a certeza me deixou muito mais atenta com tudo o que acontecia ao meu redor, com as pessoas e as situações da minha vida.

Um novo recomeço. Mais um ciclo se inicia.

Epílogo

Dois anos depois

Eu estava quase tendo um ataque de pânico.

Não, ataque de pânico era eufemismo. Estava mais do que nervosa.

Já fazia dois anos desde que Caleb resolvera que gostava de mim e, exatamente no dia de hoje, completavam-se dois anos do nosso namoro.

Foi o pedido mais desengonçado que eu já vi alguém fazer, mas era bonitinho observar, pelo menos uma vez na vida, Caleb sem graça.

O problema é que hoje era nosso aniversário, e eu não sabia se o passo que estava dando por nós dois era grande o suficiente. Ele passava mais tempo na minha casa do que no apartamento dele, então tinha arranjado um presente para que pudesse convencê-lo a colocar para alugar o apartamento e se mudar de vez para minha casa.

Consegui persuadi-lo a não ir para lugar nenhum, mas comer alguma coisa em casa. Na hora em que saímos do trabalho naquela sexta-feira, ele me mandou para casa sozinha e disse que ia pegar uma coisa que havia encomendado no centro. Não entendi nada, mas assumi que fosse meu presente, então fui embora, peguei o presente dele com Dona Beatriz, a vizinha, guardei-o no quarto, me arrumei e pedi o jantar. Aproveitei que ele estava demorando para chegar e consegui até pintar as pontas do meu cabelo de rosa novamente.

Estava quase tendo um ataque dos nervos quando a campainha tocou.

— Quem será? — murmurei para mim mesma, já que Caleb entrava sem bater há pelo menos um ano e meio, quando eu tinha entregado uma cópia da chave para ele.

Ao abrir a porta, fiquei boquiaberta com a visão. Caleb tinha cortado o cabelo e deixado os fios da mesma forma que quando toda a nossa história começou, com a franja jogada para trás, presa com um pouco de gel, a velha camisa xadrez preta e vermelha, as calças rasgadas no joelho e os mesmos *All Star* de sempre. Meu fôlego sumiu com aquela visão dos deuses e, como já era de costume, meu corpo começou a queimar só com o olhar que ele deu para o vestido azul-marinho curto que eu usava, comprado especialmente para aquela ocasião.

— Boa noite, Lírio — ele cumprimentou, sorrindo de lado e me olhando com a mais pura malícia.

Nem liguei. O vestido era justo e curto, com mangas compridas e cravejado com pedrinhas que o faziam parecer um céu estrelado à noite. Ele era lindo, e eu paguei uma fortuna. Mas sabia, desde o começo, que a única função dele seria enfeitar o chão do quarto.

Ou da sala.

— Boa noite, Caleb. — Sorri, dando espaço para que entrasse.

Podia ser uma superstição boba, mas nossa "frase de segurança" só era dita no fim da noite, quando íamos dormir. Nunca no meio.

Ele entrou, mas logo sua mão foi para a minha nuca e seus lábios encontraram os meus com força, entrelaçando sua língua à minha enquanto fechava a porta com o pé. A outra mão fez seu caminho de costume, indo diretamente para a minha cintura e apertando a área.

Enrosquei meus dedos em seus cabelos e os puxei, me arrepiando ao sentir seus lábios descerem pelo meu pescoço. Caleb me prensou contra a parede, puxando minha perna e segurando-a em sua cintura, me fazendo sentir sua ereção no lugar mais certo possível.

Um gemido escapou dos meus lábios quando ele começou a simular os movimentos daquela transa vestida. Eu já estava sentindo o nó no meu estômago se formando.

— Caleb...

— Tu é gostosa demais, Lily... Não consigo tirar minhas mãos de ti.

Abri a boca para responder, mas meu celular apitou e, com dificuldade, me afastei dele para verificar se era algum problema com o restaurante que entregaria nossa comida.

Ao ler a notificação, uma ideia surgiu na minha cabeça, e eu sorri para Caleb de forma maliciosa.

— Que foi? — questionou ele com a sobrancelha erguida.

— A comida vai chegar em exatos quinze minutos.

Um sorriso largo, tão sugestivo quanto o meu, se abriu em seu rosto. Ele se aproximou e me enlaçou antes que eu desse impulso e passasse minhas pernas pela sua cintura.

— E a senhorita tem planos para os próximos treze minutos?

Balancei a cabeça.

— Tenho... — murmurei, abaixando a cabeça e mordendo o lóbulo da sua orelha. Quando percebi que ele ia até o quarto, voltei a sussurrar no seu ouvido: — Um plano muito proveitoso que envolve o sofá e eu rebolando no seu colo.

Ele sorriu e mudou de direção, se sentando onde indiquei, comigo em seu colo. Meu vestido já estava embolado na minha cintura quando abri sua calça e segurei seu membro quente, pesado e muito duro nas mãos. Caleb abaixou meu decote e tomou meus seios na boca, lambendo e mordiscando os mamilos, me fazendo gemer alto.

— Se vai fazer algo, faça logo — sussurrou contra minha pele, seu hálito quente contra a pele sensível e molhada me fazendo soltar um gemido mais alto do que deveria. — Tu tem oito minutos.

Assentindo, mas ainda inebriada de prazer, pus minha calcinha de lado e o encaixei em minha entrada, sentindo-o em toda a sua extensão, centímetro por centímetro, até o fundo. Caleb segurou em minha cintura, querendo ditar os movimentos, mas eu estava extasiada demais para comandar qualquer coisa que fosse. Então, só segui a forma como ele me movimentava.

Rebolei em seu membro, sentindo-o todo dentro de mim, e isso fez com que eu me excitasse ainda mais. Caleb beijou meu ombro, meu pescoço, meu queixo e, finalmente, minha boca enquanto eu me movimentava com suas mãos na cintura.

— Caleb... eu estou...

Seu membro simplesmente atingia o local certo, e eu estava prestes a gozar.

— Olha pra mim, Lily — Caleb pediu com a voz sôfrega, a respiração tão descompassada quanto a minha.

Fiz o que ele mandou e nossos olhos se fixaram um no outro. Duas estocadas antes que eu gozasse, aquela faísca da qual eu já estava acostumada estalou e, pela primeira vez, Caleb pareceu sentir, porque gozamos juntos, como nunca havia acontecido antes.

Meu corpo estava todo arrepiado e minha respiração, errática. Eu percebia o suor escorrer pelas costas e pescoço, grudando meu cabelo ali. Encostei nele, ainda sentindo-o dentro de mim, e Caleb me abraçou.

— Tu... sentiu aquilo? — perguntou ele, tentando tomar fôlego.

Eu só confirmei com a cabeça, sem condições de pensar em palavras para formar qualquer frase que fosse. Era engraçado como nunca havíamos falado sobre isso.

Naquele exato momento, a campainha tocou e nos assustou, fazendo-nos rir nervosos enquanto eu buscava forças dentro de mim para poder me erguer de seu corpo e deixá-lo ir até a porta pegar a comida.

Sentada no sofá, observando-o fechar a calça às pressas e arrumar o cabelo que eu

bagunçara, puxei o decote do vestido para me cobrir e a barra para baixo, lembrando que qualquer um na porta me veria ali.

Sorrindo, observei Caleb abrir a porta e cumprimentar o *motoboy* com um aperto de mãos. Depois daquela crise de ciúme do meu namorado, Flávio (o entregador) e ele viraram amigos, até jogavam algum jogo *online* juntos.

Homens, pensei.

Acenei para Flávio quando ele se foi, e Caleb trouxe as sacolas com a comida.

Enquanto ele arrumava o risoto de camarão que pedi nos pratos e travessas em cima da mesinha de centro, olhei para ele e para o relógio em cima da pia.

— Os treze minutos mais bem gastos da minha vida.

Caleb me olhou e gargalhou, logo se acomodando ao meu lado.

Era em momentos como esse que eu sentia que não havia pessoa mais certa para mim do que ele.

*

Terminávamos de comer quando Caleb encostou no sofá e me olhou nos olhos.

— Lily... — chamou ele, me encarando com uma intensidade que estranhei. — Tu... sentiu um tipo de — ele revirou os olhos, tentando encontrar a palavra certa para o que quer que fosse que queria me falar — estática entre a gente?

Eu assenti e tomei um gole do refrigerante, não fazendo alarde daquilo. Afinal, eu experimentava a sensação todas as vezes que transávamos e em algumas poucas ocasiões, quando eu sentia que compartilhávamos um momento de intimidade extrema, não necessariamente na cama.

— Que que tem?

Ele arregalou os olhos para mim, como se tivesse dito que era um alienígena.

— Já tinha sentido isso antes?

— Já. Desde a primeira vez que a gente dormiu junto.

O moreno estava boquiaberto, como se aquilo fosse realmente algo de outro mundo.

— E por que nunca falou nada?

Dei de ombros, rindo de sua reação.

— Não sei — respondi, sinceramente. — Acho que porque esse assunto nunca surgiu. Ou porque eu achava que o que tu sentia por mim não era tão forte quanto o que eu sentia por ti. Sei lá. Faz diferença?

Ele abaixou a cabeça e, para minha surpresa, começou a rir de mim.

— Sabe quando foi a primeira vez que eu senti essa... essa faísca? — Balancei a cabeça em negação, genuinamente curiosa. — No primeiro dia em que dormi aqui, quando a gente estava no bar com todo mundo, fazendo aquelas cantadas baratas.

Arregalei os olhos em espanto, não acreditando no que estava ouvindo. Abri a boca para dizer alguma coisa (que, honestamente, não sabia o que era exatamente) quando ele se ergueu e tirou uma caixinha de trás do sofá.

Caleb segurou minhas mãos e me ergueu, me colocando sentada no sofá enquanto se manteve ajoelhado no chão.

— Lírio — começou, e abriu a pequena caixa de veludo. Eu já estava com os olhos marejados e mal conseguia respirar —, tu é tudo o que eu nunca sonhei pra minha vida. A gente se completa e tu me entende como ninguém. Tu merece o mundo e todas as coisas boas que ele tem a oferecer. Se eu não conseguir encontrar esse mundo pra ti, prometo lhe dar o meu. —

Engoli em seco, deixando as lágrimas correrem pelo rosto. Olhei para a caixa em sua mão e vi um anel de ouro branco simples, com uma pedra da lua pequena coberta por pequenos brilhantes em volta. — Encontrei a razão do meu sorriso no dia em que te conheci. Vai me deixar ser o motivo do seu?

Sem pensar em mais nada, me joguei em seus braços, derrubando-o no chão e beijando cada pedaço do seu rosto que se mostrava disponível para mim.

— Sim! Sim! — eu repetia com a voz embargada, sentindo uma felicidade que achei que jamais sentiria novamente. — Eu te amo, Caleb. Muito, muito mais do que um dia conseguiria imaginar.

Ele sorriu e me colocou sentada no sofá de novo para poder passar o anel pelo meu dedo direito. Abaixou-se e beijou o anel, me deixando mais boba do que achei que seria possível.

— E eu te...

O barulho de alguma coisa quebrando no meu quarto nos assustou. Naquele momento de felicidade pura, eu havia esquecido que o presente de Caleb estava lá.

— O que foi isso? — sussurrou ele, alarmado. — Será que alguém entrou aqui?

Levantei-me e me dirigi até o quarto, mas Caleb me segurou pelo punho.

— Tá de *bobiça*, guria?

Dei risada dele.

— Deixa eu te mostrar o que entrou aqui.

Fui até o quarto e abri a porta, pegando o presente dele e percebendo que o que tinha caído – e quebrado – era meu abajur.

— Foi esse carinha aqui que quebrou meu abajur.

Entreguei para Caleb um filhote de cachorrinho que tinha três meses. Não era de uma raça definida, mas era todinho marrom, como um labrador chocolate. Ele tinha uma faixa nas costas, uma das unhas da pata dianteira esquerda e um círculo quase perfeito no peito brancos.

Ele pegou o filhotinho no colo e me olhou com um olhar que misturava susto e alegria.

— Feliz aniversário de namoro! — falei, erguendo os braços. — Quem sabe assim o Boa-noite te convence a mudar pra cá.

Caleb ergueu a cabeça e me olhou, sorrindo.

— Tu pegou um cachorrinho pra me convencer a mudar pra cá? — Assenti bem na hora em que Boa-noite deu uma lambida no nariz do meu, agora, noivo. — E ainda por cima deu o nome dele de Boa-noite?

— Precisava que o nome significasse alguma coisa importante pra gente. Além disso, ele tem uma mancha que parece uma lua no peito. Achei apropriado.

Caleb se levantou, rindo de mim, e me abraçou.

— Eu quero estar contigo pra todo o sempre. Estamos destinados a ficar juntos — declarou, me dando um selinho, ainda com Boa-noite no colo. — Nós três — completou quando o filhote deu um latidinho agudo.

Reconstruí minha vida sem nem pretender, e agora tinha toda ela pela frente.

FIM

Agradecimentos

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer à Flyve por acreditar no meu trabalho e dar essa chance para BNQ. Ter o selo Voe em um projeto meu é algo muito além de qualquer sonho e expectativa. Então, muito obrigada!

Também gostaria de agradecer ao Coven das Coxinhas. Vocês são simplesmente demais, e o apoio que me dão é uma coisa fora do comum (e realmente não poderia pedir por amigas melhores). Amo vocês!

Obrigada a meus pais, Ana e Ricardo, por estarem do meu lado independentemente do que aconteça. Ter vocês comigo é tudo o que um dia eu poderia pedir a Deus.

Obrigada, Vic, por ser a melhor beta do mundo. Escrever BNQ não teria sido possível sem você pedindo que eu descrevesse melhor o céu – ou colocasse toda a carga de drama e luto que a Lily sentia. Obrigada, gêmea.

Agradeço à Pri Monteiro, que captou tão bem a essência de Lily e Caleb com seus traços e os deixou como em um anime dos anos 80, TÃO FOFOS!

Agradeço aos meus professores de escrita criativa, Nano Fregonese e Natalia Avila. Sem vocês, nem o primeiro conto teria saído.

E, por fim, obrigada, Victor, meu amor. Sem você do meu lado, eu não seria o que sou hoje. Obrigada pelos surtos, pela tentativa de leitura (foi mal, te dedurei), pelas dicas, pela ajuda, por me ouvir, por me incentivar e por não me deixar desistir de nada. Te amo para sempre, você é a minha melhor vida.

E, claro: obrigada Ariana Grande, pelo *cover* fantástico da música da Imogen Heap e por ter povoado meus sonhos até que Lily e Caleb viessem bater à minha porta pedindo para ter sua história espalhada pelo mundo.

---

[1] Expressão de Santa Catarina que significa algo parecido com “ah, tá, até parece”. Segundo pesquisas, ela é mais usada pelos antigos.

[2] Como Defender um Assassino.